

O Primeiro de Maio da Polícia de Intervenção

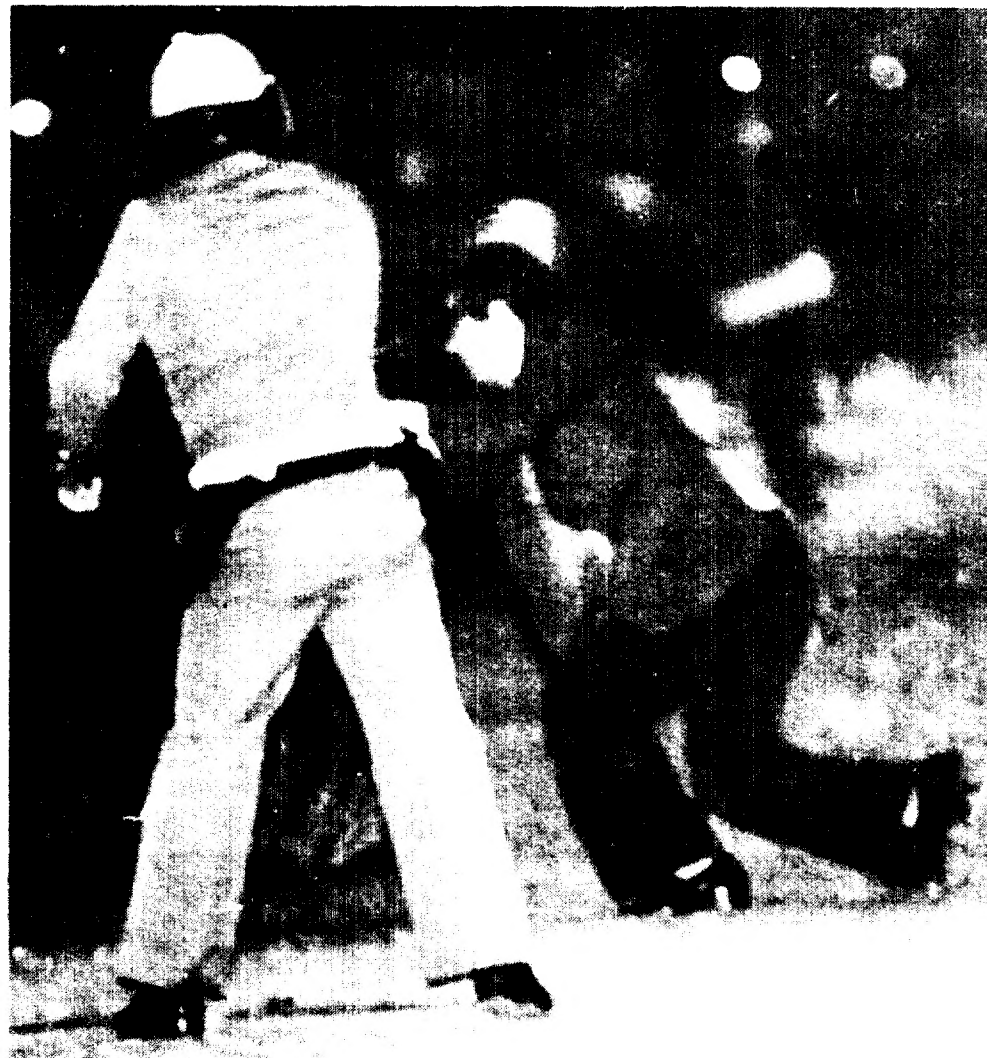
Dois mortos e cem feridos para fazer cumprir 'decisão' do Governo Civil do Porto...



Pedro Sarmento Vieira, 24 anos, morto a tiro



Mário Emílio Gonçalves, 17 anos, morto a tiro



Eles fizeram o que quiseram e como quiseram contra o povo

- CGTP discute hoje e amanhã hipótese de greve geral
- Eanes garante que o inquérito «não ficará na gaveta»
- Sindicato dos Jornalistas exige «suspensão preventiva» do Corpo de Intervenção

Págs. 11, 12 e 13

Política de A a Z

Contra o terrorismo policial

Importa sublinhar — afirma hoje a Política de A a Z — o conteúdo de classe de uma orientação política que os trabalhadores, tanto os da CGTP-IN como os da UGT, reprovam. De uma orientação política, de um critério governativo que procura apoiar-se na violência policial, subtil e praticada em operações brutais e sangüíneas, para impor aos trabalhadores níveis de exploração e uma «restaurada» marginali-

zação em relação aos negócios políticos.

Os mortos e os feridos do Porto clamam a justiça de que seja apurada e dita a verdade, de que se não aceitem as explicações tendenciosas, de que se tomem concretas medidas para que se não repitam no Portugal de Abril, no Portugal Democrático, acções contra o povo de cega brutalidade e consequências trágicas. Pág. 3

Embaixador da Checoslováquia: cinco dias para deixar Portugal

Pág. 6

Grã-Bretanha e Argentina em plena batalha naval ao largo das Malvinas

Pág. 15

Concurso «DL»/82

HOJE 12.º CUPÃO
e as páginas 23 e 24
do Álbum Sempre Fixe

Serviço Exclusivo

Le Monde

Diário de Lisboa

Porque não um concílio negro?

Henri Fresquet

A viagem que o papa João Paulo II fez a África de 12 a 19 de Fevereiro último, trouxe uma certa actualidade ao projecto para um «concílio negro» surgido nos colóquios de teologia em África nos últimos anos.

Quando a igreja africana acordar

Ouagadougou — África negra, África misteriosa, múltipla e desconhecida, África fascinante pela sua frescura, as suas paixões e a sua incoerência. Em que África nos devemos fiar? A do subproletariado invadindo certas megalópoles caóticas, arrogante, vingativa, que mata, pilha e carboniza as suas vítimas, e onde a polícia, abate os malfetores, e onde às vezes, as crianças são degoladas em rituais? A África das nações calmas e cidades elegantes? Tais como Liberville e as suas praias, em que as construções modernas têm a graça e a fantasia que lembram a América Latina.

Como Abidjan, com a sua paisagem — e as suas águas profundas — mesmo quando o europeu al imprimeu a sua marca de uma maneira um pouco pesada.

Nas florestas do Gabão e dos Camarões vivem ainda Pigmeus, amáveis e servis, que têm o culto das árvores e rodeiam de cuidados mágicos a puberdade feminina.

Isto é apenas uma enumeração sumária que dá apenas uma pálida ideia do brilho desordenado deste continente de fogo rebelde aos inventários e às generalizações. Nenhum emigrante rejeitará África, apesar de tantos crimes, erros e de iniciativas oportunas ou desastrosas... Este é o contexto em que se inseriu a religião dos brancos.

Foi necessária aos missionários uma grande dose de fé cristã, de temeridade e de inconsciência, para levar o Evangelho ao seio dum animismo cerrado. Mas os negros, eternos mal-amados, eternos explorados, sentiram contudo rapidamente o desinteresse dos evangelizadores. Por eles, ao menos, têm a certeza de serem amados por eles próprios.

gado. Em todo o caso não se fará por si só. Uma das intenções de João Paulo II, que já veio duas vezes a este continente, é de tentar revigorar as dioceses menos fortes. Certos teólogos negros falam mesmo de um certo «entorpecimento». Há muito poucos candidatos ao sacerdócio que sejam negros, e os missionários envelhecem sem esperança de serem substituídos. Em contrapartida, as seitas aumentam. Quando os grandes seminários se enchem, as vocações são suspeitas: os jovens sentem-se atraídos pela promoção social, a possibilidade de obter um diploma sem grande despesa, e até de terminar os estudos na Europa.

As estatísticas falam por si. Em África há cerca de cinquenta milhões de baptizados católicos, e estes números aumentam de perto de um milhão e oitocentos mil por ano. Mas, de 1978 a 1979, o número de padres baixou de um milhar enquanto que o de fiéis aumentava de cinco milhões.

Outro exemplo significativo: no Congo-Brazaville houve, de 1975 a 1979, cinquenta mil novos cristãos para um padre a menos. No Alto Volta, no mesmo espaço de tempo, para um aumento comparável, a comunidade perdeu quarenta e três

bue para deteriorar a sua comunidade, enquanto que havia um outro candidato dos mais válidos, e desejado tanto pelo clero como pelos laicos.

Salvo algumas brilhantes excepções, que são conhecidas e apreciadas, o episcopado africano é conservador e falta-lhe envergadura. Estamos longe de certos moldes segundo os quais a Igreja em África está viva e tem o ardor próprio dos neófitos.

Assim são certos aspectos da situação. No Gabão, João Paulo II lamentou a falta de ensino superior católico e a pobreza a nível de instrução religiosa. Mas este país, já o observámos («Le Monde» 19 de Fevereiro), vê calarem-se as suas vocações.

Por outro lado e isto é dito ao acaso as Igrejas da África não são Igrejas assistidas. Uma sujeição inevitável mas que deveria ser ultrapassada. Situação doentia esta que acaba por esterilizar as iniciativas locais e arrastar as Igrejas nos caminhos da alienação das aspirações dos fiéis da região. A interposição de estrangeiros, sobretudo os de Roma que mexem todos os cordelinhos por meio de interdições provoca estragos ainda mais funestos porque são camuflados e sob uma capa do dever de substituição.

MENDICIDADE

A Igreja persiste em viver com estruturas de colonialismo apenas encoberto e com cheiro a racismo. Os orçamentos autónomos não existem. Os subsídios do Vaticano são bem acolhidos e contribuem para submeter as Igrejas locais à alçada de Roma, impedindo as iniciativas da maior parte dos bispos e impedindo-os de tirar partido do génio das civilizações negras. Mas em contrapartida a Igreja negra serve, por assim dizer, de garantia às sociedades brancas, e às suas miras económicas. Está submetida ao regime de mendicidade exterior.

As Igrejas de África mostram, enfim, todas as desvantagens duma falta de comunicação. A separação existe por todo o lado, entre o Estado e as elites, o povo, as missões, os «irmãos», conhecem-se mal de país para país. Entre o Zaire e o Congo-Brazaville, por exemplo, apenas há a largura de um rio como fronteira; com efeito ele separa dois universos: de um lado os missionários franceses, do outro os belgas. Se já é possível, graças aos satélites, poder telefonar para a Europa, raramente se pode ligar ao seu vizinho, mesmo ao mais próximo. As estradas são poucas e más, os comboios igualmente: a famosa «gazela» que liga Ouagadougou a Abidjan (via Bobodioulasso) em vinte horas, às vezes parece uma tartaruga, por causa do mau tempo e do mau estado das vias. As revistas não circulam, o correio é fantasista, a informação reduzida ao mínimo.

«A fortiori», entre a África francófona e a África anglófona, o fosso psicológico é difícil de transpor. São dois números diferentes que não se conhecem e não se amam. Este isolamento tem qualquer coisa de trágico num continente ligado pela raça, um fundo comum de aspirações e de subdesenvolvimento.

Que quadro sombrio, dir-se-á. Será fatal? O Negro é inteligente, inventivo. Pode despertar. Os recursos escondidos apenas de-sejam revelar-se. Mas será preciso que o poder da Santa Sé compreenda que é preciso, e é tempo, de ajudar as vítimas da colonização a emancipar-se e a encontrar o seu próprio ritmo, a sua própria interpretação dos dogmas, da moral e do direito.

Para o conseguir, alguns preconizam a preparação de um concílio negro. Porque não?



Concurso

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa», em data que será anunciada, esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.

EMPRESA DE MÉDIA DIMENSÃO

PRETENDE

Chefe

de Contabilidade

- Habilitações adequadas
- Experiência de Contabilidade Geral e Analítica
- Conhecimentos de Informática na óptica do utilizador

Indique «curriculum», idade e ordenado pretendido

Resposta a este jornal ao n.º 29410



João Paulo VI quando da sua visita a vários países africanos, no passado mês de Fevereiro

É preciso recordar o dinamismo inquietante do Zaire, apesar das suas epidemias e da sua falta de higiene? As florestas desertas da Guiné Equatorial, dizimadas por um sádico sanguinário? Ou ainda o ar bem comportado de lugarejos verdejantes, como por exemplo Bobo-Dioulasso ou Ouagadougou (Alto-Volta), que a bem dizer surgiram do mato, e não deixam de progredir? Atravessadas por motorizadas novas e silenciosas, muitas das vezes montadas por pretos, elas falam-nos de honestidade e de simpatia, apesar de, sobre a cidade, planarem os abutres municipais.

ENTORPECIMENTO

O esforço de cristianização, que tem uma feição épica, com os seus heróis e as suas vítimas, é uma aposta sublime mas cheia de riscos. Claro que há convertidos convictos: mas no entanto ligados a um islamismo empreendedor e rico cuja simplicidade dogmática convém ao seu temperamento. E acima de tudo, continua ligado a animismo omnipresente que lhe está na pele. Na África negra, o singretismo não é um acidente, mas uma constante. Até se disse que em África havia 100% de animistas entre os quais alguns cristãos.

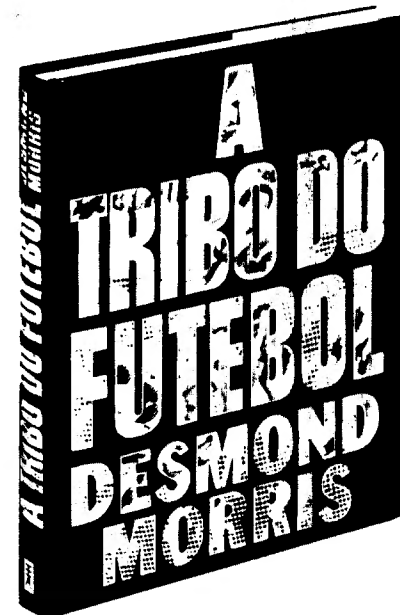
O futuro do cristianismo na África negra ainda não foi jo-

padres (duzentos e quarenta e nove contra trezentos e catorze). Ora seriam precisos, no mínimo, mil e duzentos novos padres por ano, enquanto que há menos de trezentos.

Quanto ao episcopado, na sua maioria indígena, e por isso com pouca idade e novos também na fé (muitos deles os pais são ainda animistas), a situação é menos brilhante do que parece. Roma raras vezes escolhe homens de elite. O papel dos núncios é ali, mais do que noutros lugares, objecto de crítica violenta e justificada. Um certo missionário, conhecido pela sua moderação, lamentava-se de que na sua diocese foi nomeado um incompetente que só contri-

UM «BEST-SELLER» MUNDIAL

A MAIS PERTURBANTE ANÁLISE DO ESPANTOSO MUNDO DO FUTEBOL



o autor do célebre O MACACO NU

Um livro que interessa aos que amam o futebol e aos que o detestam; aos jogadores e ao público indiferente; ao treinador e... até à dona de casa que não percebe porque o marido vai todos os domingos ao futebol...



PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Ap. 8 - 2726 Mem Martins Codex

Concurso DL

2.º Álbum SEMPRE FIXE

16 anos



---Vamos prender aqueles dois tipos?
 ---Mas aqui já é Portugal...
 ---Então, que tem isso? E' um intercambio
 policial...



--- Tem a certeza que apreenderam todo o armamento aos
 conspiradores?
 ---Sim senhor. Duas espingardas de carregar pela boca e
 dois canivetes ferrugentos.

NO ANIVERSARIO DA REPUBLICA
 Quem será o homem
 que salva esta rapariga?

Chamava-se «República», tinha dezasseis anos. Para STUART o aniversário devia ser lembrado. A adolescente precisava de ser salva. A «Censura» deixou passar, apesar da legenda ser clara

23

GRUNDIG

GRUNDIG

GRUNDIG

RÁDIOS — TELEVISORES — ALTA FIDELIDADE — GRAVADORES — DITAFONES

DISTRIBUIDORES NO SUL — NACIONAL RÁDIO — CRUZ QUEBRADA

2.º Álbum SEMPRE FIXE

Concurso DL

Petizas de 12 anos



— Porque estás tão triste?
— Calcula tu, a minha avó saiu hoje com o meu vestido novo... e levou-me o meu namorado.



— A minha mamã foi dançar com o Alberto, a tua com o Chico.
— Que queres, para nós, só ficaram os velhos!...

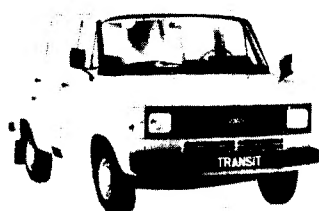


— Porque olhas tanto para esse macaco?
— Estou a vêr como é que o Voronoff o aplicava ao meu marido...



— Porque é que tu andas vestido de homem?
— Porque eles, agora, andam vestidos de mulheres...

24



FORD TRANSIT

O veículo comercial que mais circula em Portugal



simbolo de robustez

política de A a Z

Contra o terrorismo policial



NENHUMA justificação para a violência policial contra o povo. O Comando Distrital do Porto da PSP, num comunicado que se sentiu obrigado a emitir, escreve estas palavras: «um grupo de indivíduos, empenhando bandeiras CGTP-IN, tentou invadir o recinto da festa com o intuito evidente de assaltar o palco». É espantoso.

Alega-se, para defender a violência policial, brutal e indiscriminada que «um grupo de indivíduos tentou invadir», que «um grupo de indivíduos... (tinha)... o intuito evidente de assaltar o palco». E porque a PSP do Porto descobriu intenções, e porque a PSP se apercebeu de tentativas passou ao ataque, espancou brutalmente, abriu fogo, fez dezenas de feridos, matou.

Para os actos brutais, para a sanha sanguinolenta da Polícia, não se pode descortinar justificação. A não ser que se assuma a incapacidade profissional (e moral) para desempenhar funções policiais num Estado democrático. A Polícia que exibiu no Porto a sua propensão para a violência feroz e irresponsável, não pode ser a Polícia da Segurança Pública do Portugal Democrático.

Na memória de luta e de luto do «1.º de Maio» — dia mundial dos trabalhadores — o dia 1.º de Maio de 1982 na cidade do Porto, ficará inscrito. Como disse Carlos do Carmo, apelando para que não seja curta a nossa memória: «os acontecimentos não devem ser esquecidos». E não poderemos consentir que os inquéritos oficiais concluam pela «correcta actuação» do Corpo de Intervenção.

Dando exemplo da preocupação que nos deve afligir e do sentido de solidariedade que às vítimas é devido, o Presidente da República visitou os feridos hospitalizados no Porto. Dizem-nos, ouviu uma mulher narrar o que lhe acontecera com as seguintes palavras: «Estava à porta de casa e fiquei neste estado».

Ferida à porta de sua casa, essa jovem mulher não poderia ter manifestado «o intuito evidente de assaltar o palco». Sejamos claros: A onda de violência alastrou, essa sim, com o intuito evidente de espalhar o terror, de infundir o medo da repressão policial, de recriar uma «ordem» de tipo salazarista. A Polícia apresentou-se, não como garante da «ordem democrática», como instrumento da repressão reaccionária. Os «acontecimentos» foram preparados. Decidiu-se desencadear uma operação de terrorismo policial e para isso serviram os primeiros pretextos: as tentativas, os intuítos evidentes.

Solidário do seu ministro da Administração Interna foi o «Governo AD» quando, Sua Excelência, sem bom senso e sem pudor, na Televisão e na Assembleia da República, apresentou a «inventona» e se explicou de suas imaginações e contactos policiais. O Governo foi então solidário no ridículo.

Agora o caso é outro. Será de ver se este Governo, e se o Primeiro-Ministro — pensamos ainda que Francisco Balsemão foi um liberal, um moderado — do ministro das

Polícias e das Polícias do ministro se considera solidário quando já não se trata de invenções ridículas e de contactos excusos (e excusados) mas da brutal e sanguinária agressão aos trabalhadores, ao povo.

Há razões para recear que tenha lugar uma cobertura da acção do ministro da Administração Interna e da actuação das Polícias do ministro dependentes. Há razões para supor que a violência brutal não foi um acto gratuito e que os trágicos e gravíssimos acontecimentos ocorridos no Porto se enquadram numa linha de actuação política: o «restauracionismo» dos privilégios económicos tendo a sua natural correspondência no «restauracionismo» da repressão social. E a esta luz, repressão, intriga, provocações e inventonas, seriam peças de uma construção planeada: a da restauração, no quotidiano, do temor policial imposto pelo terror repressivo.

Com algum sentido da oportunidade escolheu-se o «1.º de Maio» para desencadear a operação terrorista, com dois objectivos: aprofundar divisões entre os trabalhadores pelo traumatismo dramático do sangue derramado nas ruas; mostrar a todos os trabalhadores (sem divisões) que a Polícia estava preparada para a mais brutal das violências, que faz fogo sobre o povo desarmado, que mata.

Fora já, a pretexto da Greve Geral de 12 de Fevereiro, que o ministro da Administração Interna armara, no teatro da sua delirante policiaite, o espectáculo grotesco da «insurreição». São as reivindicações, as lutas, as acções e as organizações dos trabalhadores que ao pacífico cidadão são inculcadas como prenes de ameaças e de perigos.

São os trabalhadores que são apresentados como adversários da «ordem democrática», como rebeldes à «legalidade constitucional». Esta intenção, sim, é evidente. Apresenta-se, no conjunto da política social da «Aliança Democrática», como uma constante.

Importa sublinhar, e esclarecer, o conteúdo de classe de uma orientação política que os trabalhadores — tanto os da CGTP-IN com os da UGT — reprovam. De uma orientação política, de um critério governativo, que procura apoiar-se na violência policial, exibida e praticada em operações brutais e sanguinárias, para impor aos trabalhadores níveis de exploração e uma «restaurada» marginalização em relação aos negócios políticos.

Os mortos e os feridos do Porto clamam a justiça de que seja apurada e dita a verdade, de que se não aceitem as explicações tendenciosas, de que se tomem concretas medidas para que se não repitam no Portugal de Abril, no Portugal Democrático, acções contra o povo de cega brutalidade e consequências trágicas.

Devemos aos feridos — e muitos são feridos graves — e aos mortos, mais do que o protesto e que a indignação. Devemos-lhes a sincera solidariedade de não desistirmos do propósito de desarmar o ódio e a violência, de impedir o terrorismo contra a «ordem democrática», de contestarmos, denunciarmos e banirmos, a forma imediata desse terrorismo: a violência policial fascizante.

ponto a ponto

● Com o objectivo de intensificar as actividades em defesa da Paz, irá realizar-se em Lisboa, em 5 de Junho próximo, um encontro dos partidários da Paz em que, além de diversas personalidades, participarão as mais diversas correntes e organizações cívicas, religiosas, sindicais, colectivas, etc.

Para preparar este encontro, efectua-se no próximo dia 5 de Maio, pelas 21 horas, na Federação das Colectividades de Cultura e Recreio (Rua da Palma — 256 A), uma reunião aberta a todos os que, a título individual ou colectivo a ela desejem assistir, sejam ou não aderentes do Conselho Português para a Paz e Cooperação.

● Portugal e o Qatar decidiram estabelecer relações diplomáticas ao nível de embaixador — anunciou o Ministério dos Negócios Estrangeiros do Qatar.

O comunicado foi distribuído pela Agência Noticiosa Estatal Qatari.

● O Presidente da República encerrou, ao princípio da noite de ontem, a Feira Internacional de Agricultura, Pecuária e Alimentação-Agro-82, que desde 24 de Abril último vinha a decorrer em Braga.

Convidado para a sessão inaugural, Eanes não pôde comparecer por motivo de uma agenda sobrecarregada, embora na altura promettesse que visitaria o certame.

Acompanhado pelo seu chefe de gabinete e dois membros da sua Casa Civil, Eanes percorreu durante mais de duas horas os vários sectores do certame.



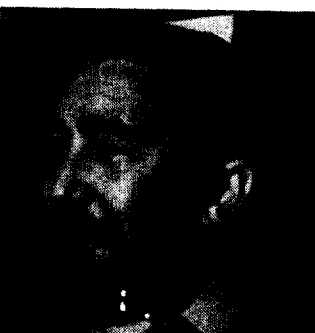
● O chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Melo Egidio, partiu ontem para Bruxelas, para participar na septuagésima nona reunião do comité militar da NATO.

O comité militar é a mais alta entidade, ao nível militar, da Aliança e é composto pelos chefes dos Estados-Maiors-Generais dos países integrantes da estrutura militar da NATO.

O regresso de Melo Egidio está previsto para dia 6. Na passada sexta-feira, Melo Egidio deslocara-se a Alverca, para uma visita de trabalho às Oficinas Gerais de Material Aeronáutico (foto).



● Mário Soares afirmou ontem em Vila Nova de Anços (Soure, Coimbra) que «estão criadas as condições para que o Partido Socialista volte a ser o maior partido português». O secretário-geral do PS falava numa festa do seu partido que reuniu para cima de quinhentos militantes no Alto da Senhora dos Remédios. «O País tem o sentimento claro de que é necessária uma solução política e — adiantou — a que passa pelo PS é a única alternativa possível ao Governo reaccionário da AD».



● O governador de Macau, Almeida e Costa, chegou sábado a Lisboa, vindo de Paris, onde foi tratar de questões relacionadas com o desenvolvimento da co-opeção cultural e económica de França com aquele território português.

Almeida e Costa, que esteve em França a convite do governo, considera aquele país «um importante mercado para Macau», sobretudo no sector dos têxteis.



● O embaixador da Grécia no nosso país, Georges Sekeris, apresentando cumprimentos ao chefe do Estado-Maior do Exército, general Garcia dos Santos, na passada sexta-feira.

A CRÓNICA AGRÍCOLA

O contentamento do senhor Basílio Horta

Alexandre Ramos

Na conferência de imprensa que o senhor Basílio Horta deu, na sexta-feira passada, afirmou: O Governo está contente por receber a medalha devida pelo facto de ser o primeiro governo que deixou de subsidiar o preço do pão em Portugal. Salazar é que dizia que no preço do pão não se mexia.

Nós não somos salazaristas em economia.

Salazar não tolerava os capitalistas que o não sabiam ser.

Tal como os bispos quando recomendam aos seus padres, que se não puderem ser castos, sejam, ao menos cautos, Salazar detestava a ostentação, e, tudo aquilo que aparentemente pudesse contribuir para dar razão aos marxistas por ser génese de queixume social.

Para além disso era preciso, sempre, no dia-a-dia, construir e defender uma boa imagem do poder da riqueza.

Ele trabalhava para os ricos. Com devoção e amor acrisolado o fazia, mas exigia-lhes certa austeridade de vida, certo comportamento, pelo menos aparente, que não fizessem ondas.

E esta defesa exigia-lhe que, por vezes, houvesse de ser duro para com os seus queridos, como os pais para com os filhos, ou como os velhos homens apai-

xonados por tenras amantes de cabecinhas transviadas.

Consta-se que a esposa de um alto dignitário e beneficiário do regime, mulher propensa a ostentação e vaidosa, um dia, em sua casa, aproveitando reunião de comparsas e amigas, desancou Salazar de alto a baixo e chamou-lhe tudo, desde patêgo a frade.

O marido sentia-se incomodado com aquela diatribe contra o chefe, de quem tantos favores e honras tinha obtido, e, temia, que alguns dos presentes, por inconfidência, ou uma daquelas pequenas traições próprias dos corredores do poder, repetisse os comentários aos ouvidos de Salazar, o que o deixaria mal colocado.

Para afastar o impacto que as palavras da mulher estavam a despertar na reduzida, mas selecta assistência, tomou a palavra e disse para a mulher:

— Ora deixa-te disso, deixa-te disso.

Depois, virou-se para os convidados e comentou:

— A minha mulher esqueceu-se que os cães de guarda das nossas quintas, às vezes, nos ferram nas pernas.

Salazar queria que a burguesia comesse, mas que comesse com conta, peso e medida, e,

sobretudo, que não perdesse a cabeça, que não ostentasse barrigas, nem luxos.

Principalmente ele queria que o Estado, que o poder do Estado, que os homens que servissem o Estado, não o denegrissem, nem se denegrissem a si próprios. Coisa que não perdoava era a estupidez patenteada por alguns dos seus ministros. O mínimo que exigia dos seus ministros é que não fossem estúpidos.

Na política, como na guerra, a prática estúpida paga-se por elevado preço.

Ora, manda a verdade dizer, que muitos, dos ora democratas, que gravitam em torno da AD, fizeram as suas iniciações políticas, ao tempo e no governo do Senhor Salazar e muitos outros pretenderam fazê-las. Candidatos nunca faltaram ao ditador.

Mas Salazar não deixava entrar todos, ou, se os deixava entrar, para continuarem tinham de dar provas.

Esta AD é um alfofre de homens fabulosos. Então, neste domínio da agricultura e das finanças, nunca tal se vira. Muitas

gerações haverão de passar para que nova elite, igual, ou mais fabulosa possa nascer.

Do senhor Barreto ao senhor Vaz Portugal e Goulão, destes ao Senhor Cardoso e Cunha, Sá Meneses e Basílio Horta, passando pelos «top» senhores, Cavaco e Morais Leitão, todos, mas todos, têm obra de génio que merece que os portugueses pensem a sério nas medalhas com que os hão-de condecorar.

Que obras foram?

O senhor Barreto atacou a fundo a Reforma Agrária e fez uma lei orgânica do MAP, que, agora, o senhor Basílio Horta vem a dizer que não presta para nada.

Os senhores Vaz Portugal e Cardoso e Cunha quiseram fazer muitos pequenos agricultores e quanto mais pequenos melhor. Agora, o senhor Basílio Horta vem a dizer que essa doutrina não serve para nada. É preciso fazer agricultores maiores.

Continua na pág. 6

Embaixador da Checoslováquia: cinco dias para deixar Portugal

O Conselho de Ministros decidiu declarar «persona non grata» o embaixador da Checoslováquia em Lisboa, Jan Janik, e o terceiro secretário da Embaixada, Ladislav Kolackovsky, por «inadmissível intromissão nos assuntos internos portugueses» — foi anunciado oficialmente na tarde de sexta-feira.

A decisão, tomada na reunião de quinta-feira do Conselho de Ministros, foi transmitida ao fim da tarde do dia seguinte ao embaixador da Checoslováquia, tendo-lhe sido fixado, bem como ao terceiro secretário da mesma representação diplomática, o prazo de cinco dias para abandonar Portugal.

A decisão foi tomada ao abrigo do artigo 9.º da Convenção de Viena sobre relações diplomáticas.

Contactado pela ANOP o embaixador Jan Janik declarou não ter comentários a fazer à decisão do Governo português. Jan Janik apresentara credenciais em 27 de Abril de 79.

Nova provocação

«A decisão tomada pelo Governo AD de determinar a expulsão do embaixador e do terceiro secretário da República Socialista da Checoslováquia constitui uma nova provocação dirigida contra um país amigo do Portugal democrático, inserida no prosseguimento de uma política externa subjugada, de forma servil, aos ditames do imperialismo» — afirma o PCP através de uma nota divulgada pela SIP.

«Tal como sucedera em anteriores atitudes provocatórias des-

te tipo» — continua o comunicado da SIP — «tudo indica que a expulsão dos referidos diplomatas checoslovacos vise testemunhar perante altos dirigentes da NATO e dos EUA que estão de visita ou visitarão proximamente Portugal que o Governo AD continua a assumir conscientemente o papel de mero serventário da estratégia agressiva, belicista e aventureira do imperialismo norte-americano».

Para o PCP «confirma-se assim que o Governo AD, quanto mais isolado, desacreditado e combatido pelo povo português, mais busca no alinhamento e enfeudamento subserviente aos EUA e à NATO o apoio que lhe falta em Portugal».

Por outro lado, refere a nota da SIP, «a opinião pública nacional não deixará de se recordar que o Governo AD, detentor do recorde europeu de actos inamistosos e provocatórios contra os países socialistas, é o mesmo Governo AD que há meses assistiu, impávido e sereno, a declarações proferidas por Alexander Haig em Lisboa de grosseira e frontal ingerência nos assuntos internos de Portugal».

Por fim, a nota do PCP lembra que «o Governo AD sobra-lhe em vocação lacaia e subserviência rasteira o que totalmente lhe falta em respeito pela dignidade, soberania e independência nacionais», acrescentando que «o povo português sabe que esta é também uma das muitas razões pela qual a demissão do Governo AD é de uma urgência indiscutível».

“Expulsão do embaixador?”

Não temos que dar explicações”

Através de uma nota do Ministério dos Negócios Estrangeiros sabemos que o Conselho de Ministros decidiu expulsar de Portugal o embaixador da República Socialista da Checoslováquia e o terceiro secretário da mesma Embaixada. Motivo laconicamente invocado: «inadmissível intromissão nos assuntos internos portugueses».

Ao telefone com o MNE quisemos saber qual tinha sido a intromissão. Respondeu-nos uma voz feminina, agradável, vinda do gabinete de imprensa das Necessidades:

«Essa questão não é connosco. Um momento, por favor, que vou ligar ao diplomata que trata desse assunto e lhe pode responder».

Um momento passado surge-nos a voz, simpática também, do diplomata: «Faz favor».

Explicamos ao que fomos. O comunicado do MNE falava em «inadmissível intromissão» e nós queríamos dizer aos nossos leitores que tipo de intromissão inadmissível tinha sido feita por Jan Janik.

«Como sabe» — começou o nosso interlocutor — «o comunicado do Conselho de Ministros refere o artigo 9.º da Convenção de Viena, o qual permite justamente a tomada de uma decisão sem que o Estado acreditador tenha que justificar a sua decisão».

«Muito bem. Mas sabe, expulsar um embaixador — embora comece a ser quase banal em Portugal — continua a ser uma coisa grave. Talvez fosse conveniente dizer à opinião pública qual o crime cometido. Terá sido algum atentado contra a segurança do Estado? Espionagem? Incitamento das populações à insurreição geral armada?».

«Não posso acrescentar mais do que já lhe disse. A Convenção de Viena... Já sabemos, já sabemos. A Convenção, pois. Legalmente, portanto, tudo bem. Mas como não têm que dar explicações pode-se pensar que ao abrigo da Convenção é possível tomar decisões arbitrárias. Não é?».

Trata-se de uma decisão do Conselho de Ministros. Pela parte do Ministério dos Negócios Estrangeiros não há nada a acrescentar ao comunicado nem à referência à Convenção».

«Em termos claros e concretos: o Governo não tem que dar cavaco a ninguém».

«Nada mais a acrescentar, não é verdade?».

Está abrigado pela Convenção. Certo?».

«Em termos claros e concretos o sr. o disse».

«Nestes casos é uso não entrar em pormenores».

Muito bem. Com quem falei, por favor?».

«Com um funcionário dos Serviços de Informação do MNE».

Adelaide Paiva contra-ataca

Submarinos do PSD na origem de uma cabala indecente...

«Exijo que me seja feito um exame para ver se alguma vez consumi droga... Adelaide Paiva, a deputada do PSD, sobre quem recaiu a semana passada a suspeição de envolvimento em tráfico e consumo de drogas, não se cala, nem consente. Considerando-se vítima de «uma cabala indecente», passa ao contra-ataque: «O alvo não sou eu. Apenas sou o instrumento. O alvo vai muito mais além (...) existe uma campanha proveniente de submarinos infiltrados no grupo parlamentar do PSD, que visa denegrir a instituição parlamentar, o Governo e o meu Partido...»

Entrevistada pelo «DL», Adelaide Paiva recusa o silêncio. Reafirma a sua «inocência», mostra-se confiante de que «a verdade, tal como o azeite virá ao de cima». Em primeiro lugar esclarece o porquê das suas faltas ao Parlamento. «Estive doente. Cheguei mesmo a estar hospitalizada em Cascais...». Que doença? «Um forte ataque de asma» — responde. E o PSD tinha conhecimento da doença, do facto de ter estado hospitalizada? Uma vez mais a resposta surge célere: «Pois claro que tinha...» — afirma.

E, instada a fazê-lo, desboba o filme dos acontecimentos: «Quando cá doente pedi a suspensão do meu mandato. O Partido pediu-me para o não fazer no intuito de evitar a realização de novas eleições na direcção do grupo parlamentar, de que eu faço parte...». E depois desapareceu? «Disparate!» — responde. «O partido tinha todos os elementos para me contactar. Nunca me ausentei do País, estive sempre em casa ou no Hospital de Cascais. Desapareci? Como?» — interroga-se.

Exijo um exame...

Adelaide Paiva mostra-se na disposição de ir «até às últimas consequências» para que «a verdade seja reposta». Não conhece as razões que estão na base desta campanha orquestrada contra a minha pessoa, mas hei-de vir a conhecê-las... — promete. E acrescenta: «Uma única coisa sei: não sou o alvo a atingir, sou apenas o instrumento. O alvo vai muito mais além...». E qual é o alvo? Adelaide Paiva não hesita: «A instituição parlamentar, o Governo que apoio, o Partido em que me integro...». E quem puxa os cordelinhos? A deputada do PSD não tem pejo em afirmar: «Submarinos instalados no seio do PSD (...), pessoas que tentam minar o meu Partido por dentro...».

E Adelaide Paiva, voltando ao seu caso «pessoal», lembra: «Já houve várias campanhas. A primeira foi dirigida contra Sá Carneiro. Depois foi a Helena Roseta, que subiu à ribalta. Ainda recentemente, a vítima foi o deputado Moura Guedes. Agora sou eu...».

Quanto à droga, Adelaide Paiva insiste: «Nunca consumi e é claro que nunca nada tive a ver

pois não descansarei até descobrir a razão de tudo isto, até a verdade ser reposta...».

Adelaide Paiva mostra-se ainda algo chocada pelo facto do Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão, a não ter recebido: «Teria sido simpático da sua parte. Já nos conhecemos há tanto tempo...» — lamenta.

Por último, Adelaide Paiva considera-se desde já «ilibada» de um certo número de acusações que lhe foram feitas. Para a deputada do PSD, o facto de Nascimento Rodrigues lhe ter prometido que iria haver um inquérito no sentido de se averiguarem as razões que levaram a direcção do grupo parlamentar do seu partido a afirmar que a deputada tinha desaparecido, é já em si um indicio de que «nem tudo é claro».

Adelaide Paiva mostra-se ainda confiante de que quem semeou os ventos da suspeição contra ela lançados, irá colher, dentro em breve, tempestades. E afirma porque: «Segundo as afirmações de que disponho, este assunto foi despoletado por um único deputado do meu partido (...) a ser assim terá que se explicar...» — garante. Mas quem? «Se eu soubesse, ah! se eu soubesse...».



Adelaide Paiva com Balsemão no pensamento: «Teria sido simpático se me tivesse recebido...»

Sousa Franco renuncia ao mandato de deputado

O deputado da ASDI Sousa Franco, que havia suspenso o mandato há cerca de um ano, renunciou agora ao mesmo, alegando como razões o desprezo do Governo pelo Parlamento e o fim da FRS.

Numa comunicação dirigida ao presidente da Assembleia da República, o prof. Sousa Franco salienta que se aproxima o momento de expirar o prazo de suspensão sem que se verifiquem condições para poder voltar a exercer o mandato.

«Nestes doze meses, com efeito, não vejo, infelizmente, que os trabalhos parlamentares hajam ganho a eficácia e a produtividade que, apesar da escassez de meios, já tiveram.

Por outro lado, o desprezo a que o Governo vota na prática a instituição parlamentar — expresso na falta de resposta adequada a requerimentos parlamentares, quando não em respostas desrespeitosas, além dos deputados, para o próprio Parlamento — não contribui para a melhoria desta situação».

Em consciência, não me é pois possível ser utilmente professor — única profissão que exerce — e deputado, produzindo trabalho útil no Parlamento e na Universidade».

Sousa Franco salienta ainda que, no plano partidário havia sido eleito deputado pela ASDI, no âmbito da FRS e que esta representava «um projecto a construir com base nas eleições de 1980, não um expediente para morrer depois delas. O reforço da componente parlamentar de uma alternativa de centro-esquerda, objectivo partidário em que me empenhei, perdeu sentido no presente contexto».

Sousa Franco, tem 39 anos e foi deputado em 1976 numa lista do PSD, partido a que pertenceu até 1979, altura em que abandonou por divergências políticas.

Manteve-se a partir daí como deputado independente e foi um dos fundadores da ASDI.

No PSD, Sousa Franco foi director do gabinete de estudos, vice-presidente da Comissão Política Nacional, presidente da Comissão Permanente do Conselho Nacional e presidente da Comissão Política Nacional, na altura em que Sá Carneiro se afastou voluntariamente do partido.

Foi secretário de Estado das Finanças no quarto Governo Provisório (Vasco Gonçalves) e ministro das Finanças no Governo de Maria de Lurdes Pintasilgo.

Actualmente Sousa Franco não ocupa qualquer cargo na ASDI.

Crónica agrícola

Continuação da pág. 5

Não falemos nas obras geniais das Finanças, já que a riqueza do país em empréstimos e dívidas é a maior de todos os tempos.

O senhor Cavaco revalorizou o escudo e derreteu as dívidas.

E tudo, assim, por diante.

Só por si, a retirada dos subsídios ao pão, e outros produtos básicos da alimentação, e, ainda, a retirada de subsídios a factores fundamentais da produção agrícola, como os adubos e as rações vai colocar os portugueses, quanto a despesas básicas, muito acima da Europa. E os portugueses têm, por cabeça, rendimentos de 6 a 8 vezes menos que a generalidade dos países europeus.

A liberalização dos preços, a falta de regras nos circuitos comerciais caíram como marteladas no corpo social. A liberalização dos preços num mercado mal abastecido e que tem, por falta da produção interna, de recorrer à importação não só agrava a balança de transacções correntes como se projecta em movimentos altistas.

As frágeis economia e finanças que temos devem apoiar-se na «coordenação económica» que é necessária para defender o produtor e o consumidor. É precisa para defender o Estado de gastos supérfluos.

A insuficiente produção de que se dispõe não permite que os

preços se formulem pelo jogo da livre concorrência. Seguem, de imediato, um curso especulativo que amontoa notas nos bolsos dos intermediários e inflaciona. Veja-se o caso das maçãs.

A política de liberalização de preços, ou melhor, a liquidação da coordenação económica, tanto ao serviço do escoamento, como do abastecimento visa a deixar os fracos ao sabor do interesse dos grandes. O Estado não tem dinheiro. Retira em consequência, o subsídio ao pão.

O Estado não tem dinheiro. Em consequência, a Junta Nacional do Vinho, não retira os «stocks» em excesso.

O Estado não tem dinheiro.

Retira, em consequência, o subsídio aos adubos e às rações.

—//—

O Estado não tem dinheiro mas põe à venda empresas nacionalizadas.

—//—

Claro, importa saber quem paga a liberalização económica. Subsidiar o pão é estragar dinheiro.

Vender as empresas lucrativas é aproveitar dinheiro.

Voltemos ao princípio. O Governo está contente por receber a medalha devida pelo facto de ser o primeiro governo que deixou de subsidiar o preço do pão em Portugal. Salazar é que dizia

que no preço do pão não se mexia. Nós não somos salazaristas em economia.

E mais.

Do «Expresso» (24-4-982) retira-se:

Foi um ministro da Agricultura visivelmente bem disposto e convicto das medidas tomadas que anunciou ontem aos órgãos de Comunicação Social a decisão de acabar com os subsídios ao preço do pão.

As duas transcrições apresentadas onde se pretende minimizar a gravidade das medidas tomadas com infantil humor negro e alegre irresponsabilidade. São, só por si, reveladoras do despoimento com que a AD governa o país.

De facto, uma actuação in-

competente (e não só) conduziu no curto prazo de dois anos as Finanças do país ao caos. E é, finalmente, este caos financeiro que obriga a AD a retirar os subsídios ao pão, como a impede de fornecer os meios financeiros à Junta do Vinho para retirar «stocks» de vinho. E tudo isto se faz a coberto da CEE e da liberalização de preços e circuitos.

Os resultados da política governativa da AD, levariam, sem dúvida, em qualquer país democrata à queda do governo.

—//—

Ficamos a saber, que o senhor Basílio Horta, em economia, não é salazarista. E na política?

Pinto Balsemão na RFA com CEE na agenda

A aceleração das negociações para a adesão de Portugal à CEE é o principal motivo que leva Pinto Balsemão a Bona, onde deverá chegar amanhã.

De acordo com fontes alemãs de Bona, citadas pela ANOP, a visita do Primeiro-Ministro português servirá para reforçar os laços entre os dois países, na perspectiva da adesão à CEE.

«A República Federal da Alemanha, disse essa fonte, «foi um dos primeiros países a defender, há oito anos, a entrada de Portugal para a Europa comunitária».

«A despeito dos problemas internos que a CEE neste momento atravessa», continuou, «o Governo alemão federal fará tudo quanto estiver ao seu alcance para que as negociações com Portugal terminem o mais rapidamente possível e com êxito».

Entretanto e ainda em Lisboa, Pinto Balsemão afirmou, em entrevista concedida à agência norte-americana Associated Press, «que os problemas económicos estão a ameaçar a frágil democracia portuguesa».

O chefe do Executivo português — acrescentou que sem a ajuda do Ocidente existe o risco de o País se tornar noutra Polónia.

«Neste período de recessão talvez não tenhamos mais um regime democrático. Poderá acontecer como na Turquia, como na Polónia, mas a demo-

cracia estará em risco» — disse Balsemão na véspera de uma viagem pela Europa Ocidental.

«Isto é algo que tem de merecer a atenção dos nossos aliados... é mais fácil ajudar agora neste estádio quando as coisas ainda não estão, felizmente, numa fase antidemocrática. É muito mais difícil e provavelmente mais caro ajudar quando as coisas ficam mesmo mal» — disse o Primeiro-Ministro à AP.

Numa entrevista antes da partida para a Alemanha Federal, Balsemão falou da possibilidade de eleições antecipadas e das críticas que o fazem «demasiado bom rapaz para governar».

«Tento ser um bom rapaz, mas posso ser duro quando há problema» — disse ele ao jornalista Fenton Wheeler.

Balsemão classificou a revisão constitucional e as dificuldades económicas como os principais problemas de Portugal.

O Primeiro-Ministro não especificou as formas como os aliados de Portugal poderão ajudar, mas frisou como factores negativos «a política económica norte-americana, as taxas de juro e a subida do dólar, pois compramos as nossas importações, petróleo e alimentos, basicamente em dólares».

«Com a entrada para a Comunidade Económica Europeia a nossa democracia será consolidada» — acrescentou Balse-

mão.

Sobre a revisão constitucional, o Primeiro-Ministro, do Governo maioritário da Aliança Democrática defendeu que «o jargão marxista deverá ser retirado da Constituição».

«Portugal ainda não é uma democracia plena. Estamos a pôr fim a um período de transição e é por isso que a revisão constitucional é importante. Ainda temos um Conselho da Revolução com diversos poderes e as Forças Armadas não estão subordinadas ao poder civil democrático» — acrescentou.

Balsemão frisou que a revisão constitucional é da exclusiva competência do Parlamento e que «o Presidente e o Governo devem respeitar mutuamente as respectivas zonas de actividade».

Sobre pressões para a demissão do Governo que dirige, Balsemão disse à AP: «Temos um Governo, temos uma maioria no Parlamento, estamos a governar. As eleições serão em 1984. Não vejo razão para que sejam antes».

«Cada pessoa a seu estilo. Eu tenho aquilo que julgo ser um estilo muito aberto. Como já fui jornalista, tenho o hábito de dialogar. Não penso que só por se ser agressivo se é um bom dirigente político» — disse ainda Balsemão.

A visita de João Paulo II a Portugal

Segurança e saúde do Papa nas mãos do Instituto de Emergência Médica

O recém-criado Instituto Nacional de Emergência Médica foi incumbido de coordenar as acções de saúde e segurança relacionadas com a presença em Portugal de João Paulo II.

A visita de qualquer Chefe de Estado estrangeiro ao nosso país, considera aquele organismo, «implica naturalmente um esquema de medidas de segurança cuidadosamente estudado e planeado» que envolve os aspectos da integridade física pessoal e os que se ligam à protecção da sua saúde.

«A particularíssima importância mundial e o especialíssimo carisma do Papa João Paulo II, que chega ao nosso país no próximo dia 12 de Maio, determinaram que tais cuidados fossem altamente ampliados», considera o INEM.

Em íntimo contacto com o médico particular do Papa João Paulo II, o conjunto de medidas a desenvolver articular-se-á com as medidas gerais de segurança dirigidas superiormente pelo brigadeiro Almeida Bruno.

Antes do mais, houve que assegurar um sistema que em nada possa interferir com o socorro às populações que, nos nossos dias, pelo elevado número e condições de ocorrência e aglomeração nos locais onde estiver presente Sua Santidade, poderão ocasionar situações de certa gravidade.

Integridade e saúde do Papa

No que diz respeito à protecção da integridade e saúde do visitante, João Paulo II será, desde a sua chegada, permanentemente acompanhado pelo seu médico pessoal dr. Buzzonetti e pelo presidente do Instituto Nacional de Emergência Médica, dr. Rocha da Silva, como coordenador do esquema de protecção à saúde de Sua Santidade.

Tal esquema determina que todas as deslocações e paragens do Papa João Paulo II sejam acompanhadas a curtíssima distância por uma viatura médica que dispõe de um equipamento altamente sofisticado e que permite ainda montar uma sala de reanimação, onde quer que se encontre, e em permanente contacto via-rádio com o presidente do INEM.

Tal viatura é tripulada por um médico cirurgião e um médico especialista em reanimação, completando esta equipa de socorro uma enfermeira e um socorrista.

Em caso de emergência, são utilizados meios postos à disposição pela Força Aérea Portuguesa.

Ao longo do percurso foram

seleccionados os hospitais que se manterão em estado de prevenção.

Socorros à população

Neste caso, o Instituto Nacional de Emergência Médica regionalizou as suas acções, delegando a coordenação nos Serviços de Saúde da PSP em zonas onde, com socorristas na rua, actua com o «115», e nas Comissões Organizadoras, nos restantes casos.

Envolvidos no esquema de socorros às populações estão empenhadas a Cruz Vermelha Portuguesa e as Corporações de Bombeiros que nesta acção tem posto o maior entusiasmo e eficácia.

Tal esquema de socorro envolve aspectos extremamente complexos na previsão de altas concentrações em locais que — como nos casos do Parque Eduardo VII, em Lisboa e no Santuário do Sameiro — serão normalmente excedidos na sua capacidade. Circunstância que implica problemas logísticos de socorros só possíveis de resolver através de um prévio e cuidadoso planeamento.

O Instituto de Emergência Médica tem acompanhado ultimamente essas acções, respeitando embora o espírito de descentralização que tem presidido à montagem do complexo esquema.

Novo bispo do Porto tomou posse

D. Júlio Tavares Rebimbas tomou ontem posse no Porto, em cerimónia que decorreu na Sé Catedral, do lugar de bispo da diocese portuense.

Em cerimónia a que assistiram o núncio apostólico, o cardeal patriarca de Lisboa, o primaz de Braga, a quase totalidade dos bispos portuenses e o clero portuense, o antigo arcebispo de Viana do Castelo substituiu D. António Ferreira Gomes na chefia da diocese do Porto.

Na homilia que proferiu durante a sua tomada de posse apresentou à diocese a sua carta pastoral.

«Peço à Virgem Santíssima que proteja e anime o bispo e a Igreja que lhe é agora confiada e peço-lhe a bênção para todos especialmente os mais pobres e carenciados, os sem casa e sem emprego, os que suportam sofrimentos físicos e morais», afirmou o novo bispo no início da leitura do extenso documento.

D. Júlio, que viveu até aos 17

anos no Porto disse: «regresso com o mesmo espírito e sentido de pobreza inicial, porque sendo o pastor o primeiro tem de ser, como servo, o último».

O novo bispo evocaria ainda a memória dos anteriores titulares da diocese portuense, «elos de uma cadeia apostólica, bispos desta cidade, donde houve nome Portugal, e deste povo cristão, trabalhador e livre onde a Igreja foi muitas vezes chamada à coragem e testemunhou outras tantas».

Luís Barbosa na Guarda

Cidadãos devem participar nos cuidados de saúde

O ministro dos Assuntos Sociais, Luís Barbosa, defendeu ontem na Meda, distrito da Guarda, a participação dos cidadãos nas despesas dos cuidados de saúde.

Luís Barbosa, que falava na sessão solene inaugural do Centro de Saúde desta vila, frisou que «cada um deve pagar segundo as suas necessidades».

Considerando que não existe ainda em Portugal um esquema

de cuidados de saúde, o ministro afirmou que «a saúde é, tal como a educação, um bem precioso e inestimável que merece a ajuda e apoio dos cidadãos».

Referiu-se ainda Luís Barbosa às medidas adoptadas relativamente à compra de medicamentos que «possibilitaram nos meses de Fevereiro e Março uma poupança de cerca de 60 milhões de escudos».

O titular dos Assuntos Sociais manifestou-se em desacordo

com a ideia de que a saúde tem de ser gratuita, ao mesmo tempo que defendeu a existência de uma medicina privada, que na sua opinião, possa competir com a estatizada.

Relativamente às carreiras médicas, Luís Barbosa disse que Portugal, nos próximos três anos, vai possuir 6600 médicos de clínica geral, esperando, até finais de 1982, que sejam colocados em todo o país 2700 clínicos.

CIP considera «difícil e perigosa» a adesão à CEE em 1984

O presidente da Confederação da Indústria Portuguesa (CIP), Ferraz da Costa, afirmou em entrevista concedida ao jornal «La Libre Belgique», que lhe parece «difícil e perigosa» a adesão de Portugal à CEE em Janeiro de 1984.

Se Portugal entrasse efectivamente na comunidade a 1.º de Janeiro de 1984, o que me parece difícil e perigoso, nas circunstâncias actuais, teríamos

certamente um saldo negativo e não vejo como poderíamos suportá-lo, no estado actual das nossas finanças» — disse este semana o presidente da Confederação da Indústria àquele jornal de Bruxelas.

«Vê-se hoje na adesão à CEE uma garantia de sobrevivência do regime democrático, mas creio que será difícil preservar a democracia se não formos capazes de assegurar o progresso

económico» — prossegue Ferraz da Costa, apresentado como «o patrão dos patrões portugueses» num texto publicado a propósito da visita oficial do Presidente da República à Bélgica.

«Se nos anos que se seguirem à adesão não conseguirmos gerir o nosso sistema económico» — diz ainda — «teríamos de sair da comunidade ou solicitar um regime especial, com todas as dificuldades que isso comporta».



MUNICIPIO DE ALMADA SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO

Concurso público para adjudicação da empreitada «Reservatório de Brielas — Fase I»

Faz-se público que se encontra aberto concurso público para arrematação da empreitada acima referida, sendo de trinta dias o prazo para apresentação das propostas, o qual será contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República».

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 10 horas do primeiro dia útil que se seguir ao prazo de trinta dias fixado neste anúncio, na Secretaria dos Serviços Municipalizados de Almada.

O respectivo caderno de encargos encontra-se patente ao público na Secretaria dos Serviços Técnicos dos Serviços Municipalizados de Almada.

A base de licitação é de 32 200 000\$00.

O depósito provisório, que será efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência ou nas suas respectivas filiais, é de 805 000\$00, e o definitivo de 5% sobre o valor da adjudicação.

Os concorrentes deverão ser titulares do alvará de empreiteiros de Obras Públicas da 3.ª Subcategoria das Categorias I e V e da classe correspondente à proposta apresentada.

Almada, 15 de Abril de 1982.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Carlos Manuel B. de Sousa

de ontem para hoje

Incêndio destruidor em Braga

Um incêndio de origem ainda desconhecida, destruiu no sábado à tarde, em Braga, um edifício de cinco andares, matando uma octogenária (Maria Palmira, de 87 anos) e ferindo, embora sem gravidade, uma criança de cinco anos. Três bombeiros tiveram de receber tratamento no hospital local por intoxicação e uma outra mulher conseguiu salvar a vida ao atirar-se de uma das janelas para a rua. O sinistro deixou sem lar cinco famílias.

Faleceu Moreira Baptista

Foi ontem a sepultar em Cascais, César Moreira Baptista (na foto) que foi ministro do Interior secretário Nacional da Informação e secretário de Estado da Informação e Turismo do regime fascista, durante o mandato de Marcelo Caetano. Licenciado em Direito, Moreira Baptista, que tinha 67 anos, iniciou a sua actividade política como vice-presidente da Comissão Coordenadora dos Carvões, sendo posteriormente escolhido para presidente da Câmara de Sintra. Várias vezes deputado à Assembleia Nacional, Moreira Baptista foi também membro da Comissão Executiva da União Nacional. Depois do 25 de Abril esteve preso durante 22 meses, tendo sido reintegrado na Função Pública, em Julho de 1981 como vogal do Conselho Superior de Economia, na se-



quência da sua condenação no Tribunal Militar de Santa Clara, numa pena inferior à já cumprida.

Duas pastas à «diplomata»

De um carro estacionado na Avenida 24 de Julho, em Lisboa, foi no último sábado roubada uma pasta, estilo «diplomata», contendo mil contos em dinheiro. A pasta foi mais tarde encontrada, mas vazia, no patamar de um prédio da Rua Santos-O-Velho. Do mesmo veículo foi ainda retirada uma pasta idêntica, na qual se encontravam vários documentos e uma pistola «Beretta» de calibre 6.35.

Expulsão e enforcamento

Uma semana após a sua morte, foi ontem encontrado o corpo do trabalhador do porto de Lisboa, José Manuel Rodrigues da Costa, de 48 anos, que, segundo tudo indica, teria posto termo à vida por enforcamento. José da Costa,

vigia de navios da CTM, andava quase sempre embriagado, e ultimamente vivia sozinho após ter expulsado de casa a mulher e a filha de 21 anos. No piquete da PJ lia-se que «o acto teve por base desinteligências familiares».

Idosos de Santa Engrácia

Quarenta idosos serão beneficiados a partir de hoje com uma refeição diária distribuída ao domicílio e com a limpeza às suas casas, sempre que o desejarem, numa iniciativa da Associação de Santa Engrácia de Lisboa. Este tipo de apoio será também alargado à assistência médica e medicamentosa.

Fogos reais em Penamacor

Fogos reais de armas pesadas estão a decorrer, desde ontem e até à próxima quarta-feira, na zona da carreira de tiro de Penamacor. O exercício, efectuado pelo Regimento de Infantaria de Castelo Branco, condiciona o trânsito

nas estradas números 332 e 233, entre Meimão e Meimão, onde soldados regulamentam a circulação. Uma vasta zona adjacente ao local onde decorrem os fogos reais está interdita à permanência de pessoas e de animais domésticos.

Sangue nas estradas

Dez mortos e 188 feridos é o balanço dos 163 acidentes registados nas estradas portuguesas por patrulhas da Brigada de Trânsito da GNR entre as doze horas de sexta-feira e o meio-dia de hoje.

Caboverdiano agredido

Em circunstâncias ainda obscuras, foi no último sábado agredido em Talaide (Paço de Arcos) à facada o operário da construção civil Teófilo Mendes, de 32 anos, natural de Cabo Verde. A vítima encon-

tra-se em estado grave no Hospital de S. José, não existindo até ao momento qualquer participação policial do incidente, ocorrido numa área sob jurisdição da GNR de Alcábaldeche.

Repórter sem documentos

O repórter fotográfico Luís Emilio Vasconcelos da agência ANOP perdeu ontem nas proximidades da Fonte da Telha, documentos referentes ao título de propriedade, livrete e seguro do seu automóvel. Os documentos encontravam-se no interior de uma carteira de cor preta, plástica, e referem-

se ao veículo com a matrícula HZ-45-79. Luís Vasconcelos reside na Avenida D. Pedro V, n.º 17, quarto esquerdo, letra A, em Linda-a-Velha, direcção para onde agradece lhe

sejam enviados tais documentos, por quem acaso os vier a encontrar.

Menos um café em Alvalade

Hamburger House destrona o Astória

Depois dos bancos vieram as «Hamburger's Houses». Das zonas baixas da cidade, já há uns bons anos atrás, a aplicação da sentença de morte, há muito decretada contra os velhos cafés lisboetas, foi alastrando para outras zonas da cidade.

Primeiro vieram os bancos que devoraram a maior parte e os mais conhecidos desses tradicionais locais de encontro dos homens da cidade. Depois vieram os «snack bares» e por fim os estabelecimentos fornecedores de «hamburguers» e coca-cola dos USA em copos de plástico.

Na sexta-feira foi a vez do Astória, na Av. da Igreja. Com as suas características de café propriamente dito, era praticamente o último de Alvalade.

Estava ali há 32 anos, e desde sempre reunira muitos daqueles que nos anos quarenta desceram da região de Tomar à capital para procurar a sorte na construção civil (empreiteiros, construtores civis, etc.). Para lá da sala de café, possuía duas grandes salas de jogos (bilhares, dominó e cavalos), também únicas na



zona, onde à tarde e à noite os homens queimavam o tempo e as recordações.

Os seus proprietários tres-

passaram-nos por 24 000 contos a Max Burguer.

Na sexta-feira foi o último dia do Astória.

Prémios Vale Flor são hoje entregues

Os prémios da Fundação Vale Flor, atribuídos anualmente para distinguir actos de coragem praticados por crianças, vão ser hoje entregues em Coimbra pelo Montepio Geral, na qualidade de administrador da Fundação, numa cerimónia a que preside o almirante Silva Horta, em representação do Presidente da República.

Os beneficiários são Manuel Francisco Tomás Teixeira, con-

templado com o «Prémio José Luís de Vale Flor» e Cristina Maria Ferreira de Noronha, a quem foi atribuído o «Prémio Jenny de Vale Flor», ambos no montante de 60 mil escudos.

idade, residente na Vialonga, salvou de morrerem carbonizadas, num incêndio que deflagrou em 10 de Dezembro de 1980 num bairro de barracas da Falaqueira (Amadora) duas crianças, Ângela, de sete anos, e Sónia, de 18 meses.

Agindo rapidamente, Manuel arrombou a porta da barraca

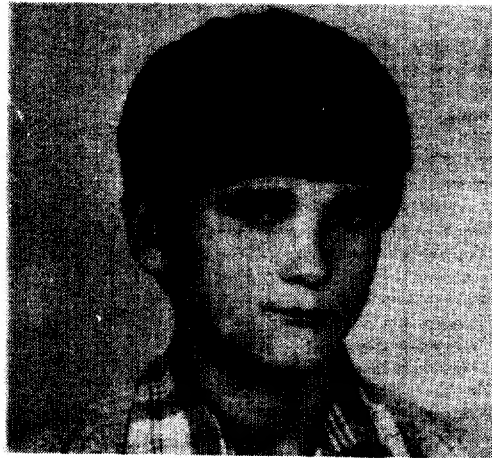
onde se encontravam e, por entre a chamas que já devoravam os móveis, tirou-as para o exterior, salvando-lhes a vida.

O facto foi comunicado à Fundação pela professora da criança, tendo sido posteriormente divulgado pela imprensa.

Cristina Maria tinha onze anos e residia na Granja do Ulmeiro, no concelho de Soure.



Cristina Maria Ferreira de Noronha



Manuel Francisco Tomás Teixeira

Cerca de uma hora da manhã no dia 2 de Maio, a pequena Cristina, depois de ter trazido cinco dos seus irmãos para fora da barraca, no qual viviam com os pais e que estava a ser pasto das chamas, bateu à porta de uma vizinha, anunciando-lhe que tinha fogo em casa.

Para admiração dos presentes, e apesar das proporções que o incêndio assumia, voltou a entrar no barracão, já completamente envolto em chamas, regressando com a irmã Marlene, de quatro anos, que ainda lá se encontrava.

O acto da Cristina Maria chegaria ao conhecimento da Fundação através de uma carta endereçada por Etelvina Fernandes Luis, residente também na Granja do Ulmeiro.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO DOS TRABALHADORES DO CATUJAL

A VISO

Faz-se público que se encontra aberto concurso, pelo prazo de 11 dias a partir do dia seguinte ao da publicação deste aviso, para a adjudicação da empreitada de execução de terraplanagens, rede de esgotos domésticos e fluviais, pavimentações e rede de águas, fase 1, núcleo A, zona já com construção civil do Bairro Social do Catujal — Unhos.

A base de licitação é de 10 938 336\$00. O processo da empreitada pode ser examinado todos os dias úteis das 19 às 21 horas na sede da Associação de Moradores, ou durante as horas normais de expediente nos Serviços Municipais de Habitação da C. M. Loures.

Os concorrentes deverão possuir o alvará de empreiteiro de obras públicas correspondente à V categoria ou da 1.ª, 3.ª, 4.ª categorias da V categoria e da classe que cubra o valor da proposta apresentada.

A caução provisória é de 273 458\$40. A abertura das propostas realizar-se-á em assembleia geral de sócios desta Associação com a presença de responsáveis da C.M. Loures e Junta de Freguesia de Unhos, no dia 16 de Maio de 1982, pelas 16 horas, na sede desta Associação.

Catujal, 3 de Maio 1982

O Presidente da Direcção da Associação de Moradores do Bairro dos Trabalhadores do Catujal

Porfírio Martins Alves

este anúncio pode mudar o seu futuro

Um curso por correspondência pode transformar toda a sua vida. Seja INDEPENDENTE. GANHE MAIS DINHEIRO. TIRE POR CORRESPONDÊNCIA UM DOS NOSSOS CURSOS. ENVIE HOJE MESMO ESTE CUPÃO.



☐ COSTURA ☐ RADIO, ELECTRÓNICA, TV
☐ FOTOGRAFIA ☐ DESENHO E PINTURA
☐ RELAÇÕES PÚBLICAS ☐ ELECTRICIDADE
☐ VENDAS / MARKETING ☐ INGLÊS
☐ CONTABILIDADE ☐ SECRETARIADO

Peço o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um

GRÁTIS

NOME _____
MORADA _____
LOCALIDADE _____



CEC - ALVARO TORRALBA * Rádio Escola

Rua Fernão Lopes, 8 - 1096 LISBOA CODEX - Telef. 54 31 36

tem a palavra o leitor

O aborto

— problema mal posto

Numa questão delicada como esta, penso que não se deveria perguntar às pessoas se são a favor ou contra, mas sim o que estariam dispostas a fazer para a resolver.

Porque, no fundo, ninguém é a favor, e muito menos aqueles que situações graves e por vezes desesperadas levam a recorrer a uma tal violência. Creio poder afirmar, sem receio de erro, que nenhuma mulher, seja qual for a sua mentalidade e a escala de valores por que se rege, utiliza um tal processo sem que o seu coração se sinta despedaçado ao mesmo tempo que a vida que palpitava no seu seio.

Mas aqueles que, levados pela compaixão perante essas situações extremas, se dizem a favor, e os que se declaram contra, em nome do direito à vida e de outros fundamentos morais, põem igualmente mal o problema.

Não julguemos ingenuamente que um discurso, uma manifestação, uns quantos protestos lançados aqui ou ali nos libram das nossas culpas. Sim, porque destes actos como de muitos outros somos todos culpados, todos nós membros válidos da sociedade que nada fazemos para ajudar, proteger, acarinharmos as mães e os filhos.

Aqui há semanas li num jornal um anúncio de uma associação protectora das mães solteiras, convidando estas a procurar apoio junto dela. Não sei se tal associação é composta por gente da direita ou da esquerda, nem me importa. O que importa é multiplicar tais iniciativas, por todos os lados, em todos os campos, a fim de que todos nós assumamos um pouco essas crianças que consideramos, a justo título, com direito à vida.

Enquanto a mãe solteira e o seu filho forem desprezados, marginalizados (em nome de quê, santo Deus?), enquanto se recusar à mãe de uma família numerosa o auxílio financeiro ou simplesmente doméstico a que tem direito, enquanto as jovens casarem sem a mínima preparação, todos os gritos de

protesto, todas as manifestações e os ares escandalizados não passam de hipocrisia.

Não basta dizer «sim» ou «não». É preciso sermos lógicos, responsáveis, coerentes e positivos, levarmos as nossas convicções até às suas últimas consequências.

Conheci uma mulher, vivendo com dificuldades, cuja filha pretendia interromper uma gravidez não desejada. Ela disse à filha: «Não te posso ajudar nisso. Não concordo. Mas posso fazer melhor: vou tomar essa criança a meu cargo, cuidar dela, educá-la como se fosse minha. Assim, já não terás motivo para a destruíres.»

Talvez o leitor pense que isto é uma fábula inventada por mim. Sobre tudo quando eu lhe disser que essa mulher cumpriu a sua promessa, e só não foi até ao fim porque a filha, tendo entretanto resolvido as suas dificuldades, reclamou a criança quando esta tinha três anos.

E no entanto tudo isto é verdade, estas pessoas existem e não são nem melhores nem piores do que as outras.

Se procurássemos sempre, em cada situação, tomar esta atitude positiva, em vez de gritarmos, julgarmos, condenarmos sem apelo, abrigando-nos por detrás de uma virtude que, tantas vezes, não possuímos, pois estala ao primeiro encontro com a adversidade, quanto melhor seria o Mundo!

Para a mulher que tem um dia que escolher um acto tão duro como o aborto, ver-se ainda por cima condenada por uma sociedade hipócrita que não quer saber das suas angústias, é demais.

Liberemos, pois, o aborto das sanções legais. Deixemos à consciência da mãe liberdade nesta questão de consciência. E se queremos fazer algo de moral, de construtivo, multipliquemos as medidas de apoio e protecção à mãe e à criança, de forma a tornar esse acto o mais possível inútil.

Isso, sim, é cristão e positivo. Uma Avó

Afirma a "DECO"

Liberalização de preços não defende o consumidor

A política de preços que vem sendo praticada não atende a uma política de rendimentos e nega o princípio ético e constitucional de garantir, em contrapartida ao mito da liberalização, o reforço adequado das prestações sociais, não tendo qualquer significado real os ajustamentos monetários anunciados pelo ministro dos Assuntos Sociais, afirma a «DECO» Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor, em comunicado tornado público. Há cerca de um ano, a «DECO»

exprimira já a «sua perplexidade pelo facto da liberalização generalizada, então anunciada, não ser acompanhada de medidas compensadoras e de controlo adequado».

«Agora, prossegue aquela associação, o Governo insiste na sua política, o sem quaisquer medidas estruturais que obstem às consequências referidas».

Segundo a «DECO», procurou «fazer-se veicular a ideia de que através dos mecanismos legais

criados, era o consumidor claramente protegido». Porém, sublinha, os mecanismos anunciados, «para além de cada vez mais frágeis, são apenas susceptíveis de resultados positivos se houver vontade política para fazer funcionar o aparelho técnico disponível».

Acontece que, no entender da Associação, não houve ao longo deste tempo «efectivo acompanhamento crítico na apreciação dos preços declarados, pelo que é legítimo concluir que maior será

a permissividade no quadro dos chamados preços vigentes».

Acrescentando que o consumidor está cada vez mais esquecido, e que não basta «criar um ministério, ou serviços ou criar em programas especiais de apoio a consumidores desfavorecidos», a «DECO» lamenta que «o processo legal desta nova investida contra o poder de compra dos portugueses» venha «enroutado com referências ilegítimas à defesa do consumidor».

Concurso Primavera ARMAZÉNS DO POVO

18
LOJAS

1
TELEVISÃO
A CORES

2
MÁQUINAS
DE LAVAR
ROUPA

5
ASPIRADORES

15
PANELAS
DE PRESSÃO

“GUARDADO
ESTA
O BOCADO”

20
VARINHAS
MÁGICAS

25
YOGURTEIRAS

12
FERROS
DE ENGOMAR

Habilite-se
até 31 de Maio

PARA GANHAR
CHEGAM...
1000 ESCUDOS
DE COMPRAS!

80
PRÉMIOS



Compre à gente...
...e fique contente!

COMPRE MELHOR. COMPRE QUALIDADE... E MAIS BARATO!

Europa

Simpósio nacional do álcool combustível

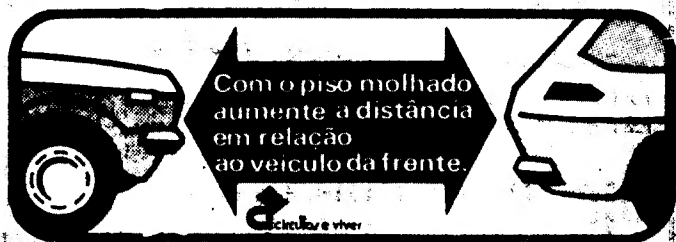
Organizado pela Sociedade Portuguesa de Energia Solar, realiza-se nos próximos dias 5 e 6 de Maio o II Simpósio Nacional do Alcool Combustível, no auditório da «General Motors», em Lisboa.

A sessão de abertura será presidida pelos ministros da Agricultura, Comércio e Pescas e da Indústria, Energia e Exportação.

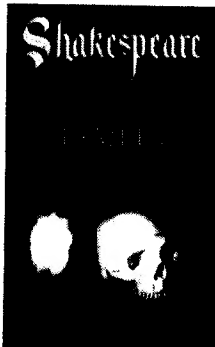
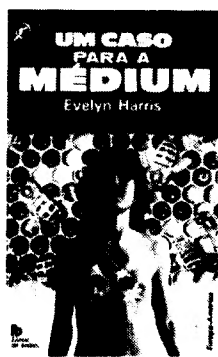
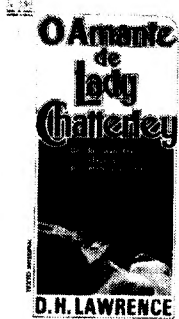
Presentes, ainda, para proferir algumas palavras introdutórias, o presidente da Sociedade de Ciências Agrárias de Portugal e o presidente da Sociedade Portuguesa de Energia Solar.

Seguir-se-á uma exposição introdutória, a cargo de Eurico da Fonseca («Porquê o álcool combustível?»).

O simpósio será estruturado por temas, a desenvolver ao longo dos dois dias: «Panorama actual da produção de álcool etílico industrial em Portugal», pelo professor Pereira Santos, «Soluções convencionais e potenciais na produção de álcool metílico», pelo engenheiro Vilaloba Santos, «Panorama actual da produção de etanol a partir da celulose», pelo professor Raul Sardinha, «Perspectivas da produção em Portugal de álcool e outros combustíveis líquidos a partir da biomassa», integrando uma comunicação pelo professor Mendes Ferrão («Produção de energia ou produção de alimentos?»), seguindo-se as conclusões.



AGORA NOS *livros* de *bolso* EUROPA-AMÉRICA



**PUBLICAÇÕES
EUROPA-AMÉRICA**
Apartado 8
2726 Mem Martins Codex

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE OEIRAS

ADMISSÃO DE DIVERSO PESSOAL OPERÁRIO E AUXILIAR PARA OS SERVIÇOS TÉCNICOS DE OBRAS

Aceitam-se inscrições, na Secção de Pessoal, até ao dia 17 de Maio próximo com vista à admissão do seguinte pessoal para os diversos sectores dos Serviços Técnicos de Obras:—

- 3 Carpinteiros de 3.ª classe a)
- 1 Pedreiro de 3.ª classe a)
- 3 Pintores de 3.ª classe a)
- 1 Canteiro de 3.ª classe a)
- 4 Calceteiros de 3.ª classe a)
- 10 Asfaleiros de 3.ª classe a)
- 11 Serventes
- 4 Ajudantes de Electricista
- 1 Ajudante de Carpinteiro
- 3 Ajudantes de Pedreiro
- 4 Ajudantes de Pintor
- 1 Ajudante de Canalizador
- 1 Ajudante de Calceteiro
- 9 Fiscais de Obras de 3.ª classe

Os candidatos deverão ter os seguintes requisitos:

- Idade não inferior a dezoito anos;
- Nacionalidade portuguesa originária ou adquirida nos termos da Lei;
- Sanidade física e mental para o desempenho do cargo;
- Ausência de pena disciplinar ou de condenação por crime que inabilitem para o exercício de funções públicas;
- Cumprimento de deveres militares;
- Escolaridade obrigatória para todas as categorias e Carteira profissional para o Pessoal qualificado e semiquualificado, o qual está assinalado com a alínea a).

Oeiras, e Paços do Concelho, 19 de Abril de 1982

O Presidente da Câmara Municipal,
(João António Silva Ramos)

Assembleia Municipal de Lisboa

Quatro horas de discussão prévia

Sem ter conseguido entrar na discussão dos assuntos previstos na ordem do dia, a Assembleia Municipal deu, na sua última reunião, por terminados os trabalhos, após quatro horas de penosa, mas por vezes hilariante, discussão em torno de matérias integradas no período de antes da ordem do dia.

A primeira comunicação seria apresentada pelo presidente da mesa da assembleia, a solicitar ao proprietário de um veículo estacionado no pátio do Palácio das Galveias para ir apagar as luzes do mesmo, «no âmbito de uma política energética de poupança»...

A ausência do presidente da Câmara, que se fez representar pela vereadora Teresa Corte-Real, mereceria bem humorados comentários a Artur Cunha Leal, que acusou Krus Abecasis de não ter tempo para assistir

aos trabalhos da assembleia por estar já envolvido em despendurada campanha eleitoral:

«O senhor presidente promete tudo, agora. Não levo a mal que ele prometa dar tudo, só não posso admitir é que não dê dignidade à Câmara, quando não cumpre o seu programa».

Sucederam-se os protestos da bancada AD, como seria de esperar.

Entre as questões levantadas por membros da oposição, e que não mereceram resposta tão enérgica por parte da bancada da AD, contam-se as moções de protesto pelo recente aumento de preços dos produtos alimentares e a recomendação à Câmara para que não seja extinta a escola 25 dos Olivais, ambas apresentadas pela APU.

Em ambos os casos, a maioria rejeitaria as propostas.

A situação dos grupos de tea-

tro independente de Lisboa, ameaçados de despejo, novamente evocada, três meses depois de levantada naquela assembleia por Monteiro Batista (APU), passaria sem resposta.

Do mesmo modo, a destruição furtiva da Fábrica de Cerâmica Lusitânia, pouca atenção mereceu aos representantes da AD. No entanto, o texto apresentado por Pedro Vieira de Almeida (APU) limitava-se a inquirir da legalidade da destruição e a adiantar medidas de proteção ao complexo industrial, apenas no caso de haver manifestação ilegalidade na sua destruição.

Mais polémica, a questão da atribuição dos nomes de Sá Carneiro e Amaro da Costa a praças de Lisboa suscitaria uma animada troca de respostas entre as bancadas da AD e da APU, que referiu a circunstância de haver já dois novos arruamentos

com aqueles nomes na toponímia lisboeta.

Como forma de «retaliação» contra os votos desfavoráveis da APU nesta matéria, a maioria acabaria por rejeitar, no final dos trabalhos, uma proposta de Graça Mexia, no sentido de dar o nome de Luís Zamenhof, criador do Esperanto, a uma artéria de Lisboa. Argumento de Luís Gallego (CDS): «Não obstante não conhecemos o nome do senhor, sempre é um nome estrangeiro que não diz nada a ninguém».

O resto do tempo foi gasto na apresentação e votação de moções de congratulação pela vinda do Papa a Portugal (PPM e CDS) e na rejeição de moções de saudação ao 25 de Abril e aos militares que o fizeram (PS) e ao 1.º de Maio (APU).

Os trabalhos continuarão em data a anunciar.

Extinção do Fundo de Fomento de Habitação

Trabalhadores solicitam ao PR a não promulgação do diploma

Os trabalhadores do Fundo de Fomento de Habitação (FFH) decidiram solicitar ao Presidente da República a não promulgação do diploma que extingue aquele organismo, decisão aprovada no passado dia 20 em reunião do Conselho de Ministros.

Esta decisão, constante de uma moção aprovada pelos trabalhadores daquele organismo em assembleia geral realizada no dia 28 de Abril em que decidiram fazer um dia de greve em apoio das suas posições, constitui a primeira reacção conhecida à medida adoptada pelo Governo, anunciada há meses.

Segundo os trabalhadores, o «diploma vai eliminar a intervenção da administração central na promoção da habitação social».

Como se isso não bastasse, o diploma não contempla uma solução satisfatória para a situação profissional dos trabalhadores, colocados «em situação de in-

justiça relativamente aos restantes trabalhadores do mesmo Ministério e da função pública em geral».

Com efeito, segundo as informações obtidas pela comissão de trabalhadores do Fundo, no decorrer de uma reunião efectuada com a presidência do FFH, todos os funcionários dos organismos extintos serão colocados transitivamente no quadro de efectivos interdepartamentais (quadro de excedentes), transitando apenas, de acordo com as necessidades, para a comissão liquidatária e outros organismos, um escasso número de trabalhadores.

Nos termos do diploma aprovado passam de imediato para outros organismos as funções relacionadas com as atribuições do FFH, a renovação urbana, as cooperativas de habitação económica, e parte das matérias consignadas nas «Rendas Limi-

tadas».

Entretanto, será nomeada uma comissão liquidatária incumbida de dar conclusão às obras em curso, alienar o património e liquidar as dívidas aos credores, entre outras atribuições.

Uma das questões mais graves que fica por resolver é, como se referiu, o problema do futuro enquadramento dos trabalhadores.

Segundo a comissão de trabalhadores, a presidência do Fundo não levou «à prática o compromisso de reorganização interna dos serviços e de distribuição de funções, tarefas e trabalhos por todos os trabalhadores».

Por outro lado, a CT «manifestou a sua total discordância» quanto «à gravíssima situação que é criada aos trabalhadores, cujos direitos uma vez mais são totalmente desprezados».

Assim, nos termos da moção aprovada, é denunciado o não respeito pelos compromissos assumidos pelo Governo, «que não cumpre as suas próprias decisões (reafectação de todos os trabalhadores a serviços existentes ou a criar) e pelo ministro da Habitação, Obras Públicas, Transportes e Comunicações, «que se comprometeu à não aprovação de qualquer diploma relativo ao organismo e aos seus trabalhadores sem a participação das suas estruturas representativas».

Deste modo, para além da realização de um dia de greve no próximo dia 4 de Maio, os trabalhadores do FFH concentrar-se-ão no mesmo dia a partir das 15 horas em frente à Assembleia da República, para fazer entrega da moção aprovada aos grupos parlamentares e às comissões parlamentares de Habitação e do Trabalho.



SINDICATO DA FUNÇÃO PÚBLICA



ELEIÇÃO DO SECRETARIADO DE SANTARÉM

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do Capítulo VII, Art. 17.º do Regulamento dos Secretariados Distritais, convocam-se os sócios do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul e Açores pertencentes ao Distrito de Santarém para o Plenário Eleitoral repartido por concelhos a realizar no dia 3 de Junho de 1982, das 9 horas às 17 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Eleição do Secretariado Distrital para 1982/83.

Lisboa, 3 de Maio de 1982

A DIRECÇÃO

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA A
CARGO DA LICENCIADA
EM DIREITO, MARIA JOSÉ PIMENTEL
FIQUEIRA E SILVA

Certifico para efeitos de publicação que no dia 28 de Abril do corrente ano, de fl. 30.ª e fl. 40.ª do Livro 161-A, para «ESCRITURAS DIVERSAS», deste Cartório, foi lavrada uma escritura de JUS-TIFICAÇÃO NOTARIAL, na qual JOAQUIM CAETANO LOPES e mulher ADELINA CONDESSA CANHOTO LOPES, casados no regime da comunhão geral de bens, residentes no lugar da Aboboreira, freguesia da Azeiteira, deste concelho, justificaram que, com exclusão de outrem, serem donos e legítimos possuidores do seguinte imóvel: Prédio urbano composto de casa térrea com uma divisão para despejo, sito no indicado lugar da Aboboreira; inscrito — em nome do justificante na respectiva matriz urbana, sob o artigo 634.º Que o referido prédio encontra-se omissa, na competente Conservatória do Registo Predial e, conquanto não haja documento que permita fazer prova do direito de propriedade, nem registo do respectivo título ou de mera posse, a verdade é que os outorgantes JOAQUIM CAETANO LOPES e mulher possuem o referido imóvel — há mais de 30 anos — com exclusão de outrem e de boa fé, pelo que o adquiriram por usucapão.

Está conforme o original Mafra, 28 de Abril de 1982.

O Ajudante,
(MARIA MANUELA BEIRÃO CLÍMACO DELGADO)

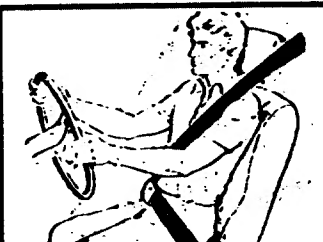
EPIROTIKI LINES

5 Fabulosas Cruzeiros
às Ilhas Gregas,
Israel, Egipto e Turquia,
na Paqueta «ATLAS»

Datas de Partida
JULHO — 18, 25 e AGOSTO — 1, 15, 29

PREÇOS ESPECIAIS PARA GRUPOS

Consulte o seu agente de viagens ou os
AGENTES GERAIS EM PORTUGAL
JAMES RAWES
R. Bernardino Costa, 47-1200 LISBOA-Tel. 370251



Use sempre
o cinto
de segurança
e viva.

Primeiro de Maio



CGTP na Alameda



UGT no Parque Eduardo VII

“Não podemos abandonar a luta antes que este Governo seja demitido”

— Sublinhou Ernesto Cartaxo no comício realizado na Alameda

As comemorações do 1.º de Maio, em Lisboa, foram marcadas pelos incidentes ocorridos no Porto, na madrugada do Dia Mundial dos Trabalhadores, e dos quais resultaram dois mortos e cerca de 100 feridos, 86 dos quais receberam tratamento hospitalar.

Pela primeira vez, a manifestação da CGTP/IN não foi este ano encabeçada pelo seu Secretariado, que, em face daqueles acontecimentos, se encontrava reunido de emergência, tendo decidido convocar uma nova greve geral cuja data será marcada no plenário de sindicatos da central sindical, que amanhã se realiza.

Bandeiras negras, de luto, foram empunhadas pelos trabalhadores que na tarde de sábado desfilarão entre o Largo do Martim Moniz e a Alameda Afonso Henriques. «O Povo não quer fascistas no Poder» e «25 de Abril Sempre/Fascismo nunca mais», foram os «slogans» mais gritados pelos manifestantes.

No comício que se seguiu na Alameda, a lamentável actuação da Polícia de Intervenção (enviada de Lisboa pelo MAI) nos acontecimentos do Porto, mereceu de José Ernesto Cartaxo, do Secretariado da Inter, um firme repúdio, tendo o sindicalista exigido «a imediata incriminação e prisão dos autores dos crimes cometidos».

Na sua intervenção, Ernesto Cartaxo analisou o «gravíssimo significado dos acontecimentos do Porto, da responsabilidade do

Governo AD» e afirmou que a nova paralisação será «ainda maior do que aquela que, com todo o êxito realizámos no dia 12 de Fevereiro».

Sob um sol abrasador, centenas de milhares de manifestantes interromperam o sindicalista aos gritos de «assassinos, assassinos». Segundo o dirigente sindical, o operário têxtil Pedro Manuel Vieira «foi assassinado pelas costas» e o jovem Emílio Gonçalves faleceu com um projectil alojado no cérebro. Disse ainda que 10 outros trabalhadores foram igualmente alvejados, três dos quais em estado muito grave e que uma criança foi baleada pela Polícia «à queima-roupa».

José Ernesto Cartaxo sublinhou o facto de não se terem verificado incidentes entre manifestantes («não houve trabalha-

dores contra trabalhadores») tendo considerado a actuação da Polícia de Intervenção como «premeditada».

A luta vai continuar

Momentos de grande tensão foram vividos na Alameda quando o sindicalista pediu «um minuto de silêncio em memória dos dois operários assassinados no Porto» e ao propor a convocação de uma nova greve geral de protesto.

A intervenção de Ernesto Cartaxo, a única produzida no comício, não deixou dúvidas de que, não obstante a dor provocada pelos acontecimentos que ensoberam as comemorações, a luta irá prosseguir com a mesma serenidade e determinação.

Indignação e repúdio, são as duas palavras que definem o estado de ânimo dos muitos milhares de trabalhadores (homens, mulheres e crianças) perante a violência cometida pela Polícia e que faz lembrar outros tempos, ainda bem vivos na memória de todos aqueles que neste País lutaram pela liberdade.

Referindo-se ainda aos dois trabalhadores mortos pela Polícia, o dirigente da Inter disse que a CGTP, os sindicatos e os trabalhadores «não esquecerão os

companheiros barbaramente espancados, baleados ou assassinados quando exerciam direitos e liberdades fundamentais conquistados com o 25 de Abril».

«Acontecimentos inconcebíveis no Portugal de Abril»

José Ernesto Cartaxo, que antes descrevera as «manobras provocatórias» do Governo AD, do governador civil do Porto e da UGT, que mancharam com sangue as comemorações do Dia Mundial do Trabalhador, classificou os acontecimentos de «perfeitamente inconcebíveis no Portugal de Abril».

«A CGTP/IN e todos os trabalhadores — sublinhou — serão dignos do sacrifício» (dos trabalhadores martirizados) e «nesta hora em que o fascismo tenta levantar a cabeça, estimulado e protegido pela AD, não hesitarão em enfrentá-lo com firmeza e frontalidade e derrotá-lo uma vez por todas».

«Nós, trabalhadores, não podemos abandonar a luta antes que este Governo seja demitido» — disse ainda José Ernesto Cartaxo, que várias vezes foi interrompido pela multidão com o grito **A luta continua, AD para a rua**. E a concluir salientou: «A

nossa luta é uma luta democrática, porque defende o 25 de Abril; a nossa luta é uma luta patriótica. Nós não lutamos para ter fortunas, lutamos para assegurar o trabalho e o pão, lutamos para o bem de todo o povo português e para o progresso de Portugal».

Durante o trajecto entre o Martim Moniz e a Alameda, milhares de pessoas comprimiam-se nos passeios para fugir ao sol, gritando palavras de ordem que reflectiam a reivindicação dos trabalhadores de uma nova política que defenda os seus direitos e interesses e os do País.

Paralelamente, carros alegóricos e caricaturas corporizavam essa reivindicação, apresentando as diversas fases da luta do movimento sindical. Num desses carros via-se Freitas do Amaral a dar corda a Balsemão, ao mesmo tempo que, com uma batuta, dirigia o presidente do conselho de administração da RTP, Proença de Carvalho. Numerosos panos de empresas e sectores reproduziam igualmente as suas reivindicações específicas e as de todos os trabalhadores, de que sobressaía a necessidade de o Governo AD ir para a rua.

UGT: «Não estamos dispostos a tolerar esta política»

Nas comemorações do 1.º de Maio da UGT, que decorrem no Parque Eduardo VII, em Lisboa, o secretário-geral, Torres Couto, afirmou a disposição da organização sindical de pedir a demissão do Governo, se não houver mudanças na sua política. Perante os milhares de pessoas que ali se concentraram, o dirigente sindical, disse que a UGT «não está disposta a tolerar mais tempo esta política».

Em relação aos incidentes do Porto, Torres Couto declarou que «não podem ser assacadas culpas à UGT» e que aguarda «o resultado do inquérito aos acontecimentos».

Em relação à CIP e ao patronato, o dirigente da UGT afirmou que «não estamos dispostos a ceder um milímetro» e acrescentou: «se eles não souberem assumir as suas responsabilidades, vão ter que contar conosco».

Quanto ao processo de revisão constitucional, Torres Couto, disse que a demora na revisão da lei fundamental «faz correr riscos graves à democracia» e que «a UGT não está disposta a pactuar com essa demora».

Dia do Trabalhador comemorado em todo o País

Vários sindicalistas sublinharam acção «provocatória e divisionista da UGT»

O 1.º de Maio foi assinalado em todo o País, nomeadamente nas capitais de distrito, com jornadas de luta que se caracterizaram por um veemente protesto contra a política do Governo AD e repúdio pelos incidentes no Porto. A questão da revisão constitucional foi também abordada nas mais diversas intervenções produzidas pelos dirigentes sindicais.

Em Leiria, o sindicalista Belmiro Alves, da CGTP/IN afirmou que os trabalhadores «vêm apreensivamente a satisfação de direita após a reunião que dirigentes da AD tiveram com dirigentes do PS». Este membro da CGTP (pescador em Peniche) falava num comício comemorativo do Dia do Trabalhador, no final de um desfile popular que, se-

gundo uma fonte sindical, reuniu mais de 20 mil pessoas.

Em Coimbra, os mais de 10 mil manifestantes aprovaram uma moção de repúdio sobre os acontecimentos do Porto, tendo o anúncio de uma nova greve geral sido recebido com entusiasmo.

As comemorações organizadas pela União dos Sindicatos de Viseu tiveram como tónicas os protestos contra o aumento do custo de vida e exigências de demissão do Governo.

Na Guarda e Covilhã, o Dia do Trabalhador foi dominado também pelas críticas à actuação do Executivo e à sua política laboral.

Em Braga, Manuel Ramos, do Secretariado da USB, e António Quintas, do Secretariado da CGTP, referiram-se aos acontecimentos na capital nortenha,

condenando a acção levada a cabo pelas forças policiais, bem como a política de «desastre» do Governo.

«Uma acção rápida pela Reforma Agrária»

Em Évora, para além da jornada de luta, o ponto alto das comemorações do 1.º de Maio ocorreu ao fim da manhã, com a realização de um desfile de tractores e máquinas agrícolas, em que participaram todas as actividades laborais do distrito.

As intervenções alusivas à data, centraram-se, como aconteceu nas outras localidades, nos ataques ao Governo, nomeadamente à sua política agrícola e ao repúdio pelos aconte-

cimentos do Porto.

No comício comemorativo do 1.º de Maio realizado em Beja, vários oradores, para além de criticarem a «política desastrosa do Governo», reclamaram uma «acção rápida em favor da Reforma Agrária».

Críticas violentas à acção do Governo Balsemão e aos acontecimentos no Porto, foram notas dominantes do comício integrado nas comemorações do 1.º de Maio em Faro. José da Encarnação, do Secretariado da CGTP/IN, depois de ter feito um balanço da acção sindical desenvolvida depois de 12 de Fevereiro e de ter anunciado a intenção de se decretar uma nova greve geral, criticou a UGT, afirmando: «Sob a capa da democracia e falando em nome dos

trabalhadores, mais não fazem (a UGT) do que fomentar a divisão e fazer o jogo dos inimigos de classe».

Nas localidades referidas e em muitas outras, as comemorações do Dia Mundial do Trabalhador incluíram as mais diversas manifestações culturais, recreativas e desportivas.

Açores e Madeira

O 1.º de Maio foi assinalado em várias ilhas dos Açores com iniciativas de carácter político, desportivo e cultural organizadas pelo movimento sindical do arquipélago. O aumento do custo de vida e o direito ao trabalho, foram as tónicas dominantes

nos diversos discursos proferidos.

No Funchal, os participantes no comício do Dia do Trabalhador solidarizaram-se com «as vítimas da repressão e com a luta dos trabalhadores do Porto e U3P».

Em comunicado, a União dos Sindicatos da Madeira (USAM) expressou também «o seu repúdio por mais este acto fascista do Governo da AD» e reforçou «a necessidade de avançar para maiores e mais firmes acções de luta para conseguir quanto antes o seu derrube».

Aquela organização sindical repudiou ainda «a acção provocatória da UGT que mais uma vez se alia ao Governo da AD para dividir a luta e a unidade dos trabalhadores portugueses».

“Este inquérito não vai ficar na gaveta”

— garantiu o Presidente Eanes ao “DL”

O Presidente da República lastimou, logo no sábado de manhã, «que a Festa do 1.º de Maio tenha sido, numa situação democrática, marcada pela violência de que resultaram mortos e feridos». Segundo o porta-voz de Belém, o PR aguarda informações suplementares acerca dos acontecimentos do Porto, que possam fundamentar uma tomada de posição ou o desenvolvimento de acções que a função e as responsabilidades do exercício das suas funções venham eventualmente a determinar.

Ao fim da tarde de ontem, antes de se dirigir para Braga onde assistiria ao encerramento da AGRO-82, Ramalho Eanes visitou os dois feridos que se encontram internados no Hospital de Santo António do Porto: Maria Emilia e João Carlos.

O Presidente inteirou-se do estado deles, quis saber como foram as coisas e prometeu enviar livros para o João Carlos.

Ao «DL», Ramalho Eanes garantia que o inquérito que a Procuradoria da República vai fazer «não vai ficar com certeza na gaveta». Esta garantia foi-nos dada em resposta a uma referência nossa de que estamos num país de processos e inquéritos «engavetados».

Entendendo que não deveria fazer qualquer comentário aos dramáticos acontecimentos da madrugada do 1.º de Maio, o PR disse «aguardar os dados mínimos suficientes para tomar posição». Vai aguardar os resultados do inquérito «que se quer exaustivo, para ver quais as acções que há a desenvolver». A propósito de uma referência feita pelo repórter do «DL» de que vários

jornalistas tinham presenciado «in loco» a brutalidade dos agressores, Ramalho Eanes afirmou:

«Espero que os jornalistas que estiveram presentes possam colaborar nesse inquérito, para que realmente tudo se esclareça e as medidas que se impõem possam ser adoptadas para que estas situações não se repitam. Elas são inaceitáveis em democracia.»

Junto de João Carlos, Eanes ouviu de viva voz que ele caíra baleado ao Largo do Cabo da Guarda, abaixo da Praça de Almeida Garrett, que a operação demorara três horas e meia, que a bala não foi extraída.

Maria Emilia, por sua vez, contou ao PR que estava em camisa de noite quando foi atingida junto à sua residência, na Travessa de S. Sebastião, 61-2.º, um pouco acima do Cabo da Guarda. Estava preocupada com o atraso do marido, que tinha ido ao futebol, desceu à porta, juntou-se aos vizinhos que ali estavam mirando os acontecimentos que se desenrolavam dezenas de metros abaixo. «A gente nem à beira de casa está bem» — desabafa ela.

Brutal, tresloucada e indiscriminadamente selvática, foi a acção da Polícia de Intervenção no Porto. Nas ruas de Maio, de outros Maio, o sangue correu, dois trabalhadores tombaram para sempre. Foi depois da meia-noite daquela sexta-feira que o mais grave aconteceu. Quando já nada o fazia prever. Quando o 1.º de Maio entrava nos seus primeiros minutos.

Era já sábado, 1.º de Maio, 0.10, quando se ouviu o primeiro tiro. Depois outro e muitos mais à mistura com cassetetadas vertidas indiscriminadamente sobre quem quer que fosse e onde quer que estivesse nas imediações da «Sala de visitas» desta velha urbe. Os corpos foram tombando, as fugas, desabridas sucederam-se, as pedradas também, e as ambulâncias entraram num rodopio louco. A baixa do Porto, da Avenida dos Aliados até à Praça da Liberdade, era uma zona sitiada. Foi um pandemónio até às duas da madrugada. A ordem era limpar tudo e todos. Fossem crianças, velhos ou mulheres. Manifestantes ou não manifestantes. Os jornalistas, mais uma vez, se não fugissem também levavam. «Esse cartão não vale nada» — disseram alguns polícias ameaçadoramente. E todos nós tememos.

Tudo tinha começado, porém, algumas horas antes. A primeira ofensiva policial registara-se pouco depois da hora marcada para o começo das variedades da UGT, no palco montado na Praça General Humberto Delgado. Eram quase 21.15, muitas

bandeiras da CGTP junto do palco, ouvem-se palavras de ordem da Inter, alguns elementos terão tentado transpor o gradeamento que protege o palco, a Polícia de choque sai das carrinhas e dispersa a pequena multidão que ali se encontra. É a primeira fuga da noite. Alguns feridos recolhem ao hospital. No limite da Praça do General Humberto Delgado com a Avenida dos Aliados a Polícia forma um cordão. Para baixo dele vêm-se sobretudo milhares de trabalhadores da CGTP, espalhados até à Praça da Liberdade. Para cima o espaço dá e sobra para as centenas de pessoas interessadas na festa. Às 21.30 actuava já o primeiro rancho folclórico.

Assobios e palavras de ordem

Por volta das 20.30 já a Polícia havia dissuadido elementos da CGTP da intenção de montarem um palco no cimo da Avenida dos Aliados. Havia já um escadote junto do poste, um fio viria do Sindicato dos Tapeiteiros, sito na Rua Ramalho Ortigão. A acção fora pacífica.

A actuação dos vários grupos no palco da UGT decorria sob os assobios e palavras de ordem, amíde, com gestos menos correctos, de um grupo de jovens que era mantido à distância pela Polícia. De vez em quando a Polícia puxava dos cassetetes e as fugas sucediam-se. Entretanto oito carrinhas, com trinta polícias cada, pertencentes ao grupo de Intervenção de Lisboa aguardavam ao lado da Câmara. Todos bem armados.

Às 23.40, duas carrinhas «Ford Transit» da CGTP entram na Avenida dos Aliados, a meio, ao lado do «Comércio do Porto». Uma delas serviria de palco. Há um pano vermelho que se abre mas passados dez, quinze minutos, a Polícia desta vez, de Intervenção, investe avenida abaixo. As carrinhas dispersam, as bastonadas recaem uns ficam outros conseguem escapar-se. A ordem é a de não deixar montar qualquer tipo de palco naquela zona e a Polícia estava determinada a cumpri-la. Os sindicalis-

tas da CGTP, por seu lado, também não abdicavam de responder firmemente àquilo que consideravam uma ilegalidade do Governo Civil em proibir a sua comemoração naquele «espaço histórico».

Cerca de quinze minutos mais tarde, pouco passava da meia-noite, ainda prosseguiam as variedades da UGT, e as memas duas carrinhas tentam implantar-se mais abaixo, na Praça da Liberdade. Há vivas, euforia, a instalação sonora começa a ser montada a partir das baterias dos carros. A Polícia volta ao ataque. Desta vez mais violentamente. Há pedras que voam, bastonadas a torto e a direito, como quem malha em campo verde. A Praça da Liberdade passa a ser a praça da violência, o centro irradiador de uma acção feroz, noite adiante, para cima, para baixo, para os Clérigos, para Sá da Bandeira. Para todos os lados. Era um desvario, com as armas a entrarem em acção e os tiros a ecoarem pfortemente pela cidade nocturna. Coisa nunca vista.

Aquela zona era um inferno

Se o espaço requisitado e reservado para a UGT era um «ex-libris» português que une as Praças da Liberdade e do General Humberto Delgado — como era de facto — então a Polícia violou largamente esse perímetro. Em trezentos e até quatrocentos metros de raio. Foi, aliás, fora daquele espaço que tombaram, sob as balas a maior parte dos atingidos. Em frente da Igreja dos Congregados e da estação de S. Bento, donde partiu, de resto, o primeiro disparo, os tiros soaram durante largos minutos. Era um inferno naquela zona.

Enquanto isso, outros grupos de polícias enfiavam-se pelo Largo dos Loios, subiam as Ruas dos Clérigos, da Fábrica, das Carmelitas, de Sá da Bandeira, etc. e passavam tudo a pente fino. As pessoas que estavam nas paragens dos autocarros ou fugiam ou levavam. Granadas de gases também tornavam insuportável o ambiente. Dezenas de feridos são levados em ambulâncias e em carros particulares para os hospitais. Gera-se o pânico, o medo. No Hospital de Santo António: choros, gritos, raiva.

A Polícia chega mesmo até junto do Hospital de Santo António que fica a um quilómetro da Praça da Liberdade. E carrega e espan-

ca. Familiares dos feridos gritavam «assassinos, assassinos». Um indivíduo que estava sobre uma motorizada foi espancado brutalmente. Ainda não tinha batido a 1.30, a Polícia entra mesmo no átrio da urgência do hospital. Aumenta o desespero e a raiva também.

Na popularmente conhecida Praça dos Leões, um indivíduo que estava na paragem do autocarro é espancado por dois polícias. Uma suíça, Eva Ochsenbein, de 24 anos, é agredida na cabeça. À saída do hospital, explicava o seu companheiro ao «DL»: «Estávamos a passar ali em baixo, íamos para a pensão e foi isto».

Na Rua da Fábrica, na fuga, muitos procuram abrigo no Café Mandovi. A Polícia segue-os, entra e evacua. À frente deste café está um guarda nocturno de arma empunhada. Todos têm que seguir à frente das armas, dos polícias fardados e dos paisanos. Entre estes, divisamos o chefe Branquinho, muito activo, acompanhado de outro guarda. Vimo-lo na Rua Ramalho Ortigão, junto à Praça General Humberto Delgado. A frente dos quais tinham de seguir todos. Um jovem estudante de Psicologia queria ir para casa sita na Rua das Flores, mas o polícia de arma em punho obrigou-o a subir a Rua da Fábrica. «Siga» — e apontava sem hesitação. A mim, junto ao «Comércio do Porto» um polícia dizia: «Desapareça, aqui não há excepções». O direito constitucional do jornalista presenciar os acontecimentos não existe para a «Polícia de Intervenção».

Resultado do 1.º de Maio mais sangrento de que há memória: dois mortos, alguns feridos graves e quase uma centena de feridos ligeiros, com marcas na cabeça, nas pernas, nas costas. Com pedras, foram atingidos alguns polícias: cinco registados no Santo António, um no S. João.

Depois dos trágicos incidentes o luto e a combatividade abafaram a «festa»

Depois de o palco da UGT ter sido guardado toda a noite por uma força policial, o sábado, 1.º de Maio, amanheceu solarento, mas sombrio. O sangue vertido na véspera secava ao sol. Às dez horas fazia-se uma corrida simbólica na Avenida dos Aliados.

Mais tarde, às 14.30, a CGTP montava um palco, sobre uma carrinha, devidamente autorizada. Kalidás Barreto dizia ao «DL» que, em resultado das diligências feitas durante a ma-

“Polícia de Intervenção” lançou

Dois mortos e dezenas de feridos

Feridos relatam ac

O primeiro ferido a dar entrada no Hospital de Santo António chama-se António Manuel Silva Rocha, de 27 anos, casado, empregado comercial. Aconteceu às 21.35, tendo sido ele, militante do PCP, tratado a feridas no couro cabeludo e nas costas.

Não conseguimos falar com ele, mas falámos com a mulher (Maria de Lourdes Azeredo) que na oportunidade estava junto dele, em frente ao gradeamento que protegia o palco da UGT, na Praça General Humberto Delgado. Conta-nos ela: «estavam as pessoas lá com as bandeiras da CGTP a gritar, não houve qualquer confronto e quando me apercebi já estava a Polícia em cima de nós».

Pouco depois, outro ferido entrava no mesmo hospital. Chama-se José Manuel levou oito pontos na cabeça. Contou assim para o «DL» o que lhe aconteceu, não sem se manifestar afecto UGT: «tinha acabado

de estar com um cliente, vinha da Rua do Almada e ia para a Trindade onde tinha o carro estacionado para ir para casa. Deviam ser nove horas... Ao chegar à esquina da Rua Ramalho Ortigão (à entrada na Pr. Gen. Humberto Delgado) via as pessoas a fugirem, dei meia volta e já estava com uma cassetetada na cabeça. Tenho um lanho em forma de cruz, deve ter sido com a parte metálica do cassetete».

Depois os feridos foram entrando mais ou menos em catadupa, até às duas horas. Os funcionários do Hospital não tinham mãos a medir. Pelo menos cerca de 30, confessa-nos um administrativo, entraram e saíram sem deixar registo, tal era a afluência de feridos. O ritmo de entradas era de tal ordem que alguns funcionários mais antigos se lembraram imediatamente do trágico acidente ferroviário ocorrido há cerca de quinze anos em Custóias. Lá dentro, além das

duas salas normalmente em funcionamento, outras três foram improvisadas para custos e pequenas cirurgias.

Até à meia-noite foram registados 15 feridos. Daquela hora até à uma e dezoito, e da uma às duas, dezassete. Os oito indivíduos atingidos com tiros entraram no hospital entre as 0.45 e a 1.50h. A primeira pessoa baleada a entrar é Maria Emilia Silva Soares, de 24 anos, casada, empregada de limpeza. Fora atingida no ventre. Depois de operada ficou sem o baço. Está internada em estado que já não é considerado grave.

«Alejaram-me aqui na perna»

Depois dela entraram Pedro Manuel Sarmiento Vieira, de 24 anos, com um tiro nas costas e quase morto. Mário Emilio Pereira Gonçalves, de 17 anos, empregado de escritório, com uma bala na cabeça, Miguel



VILA FRANCA DE XIRA

uma terra de tradições · um centro de expansão económica

1 a 9 de Maio

AGRIN XIRA 82

VI Exposição
Agrícola e Industrial

Uma visão actual
de produtos
métodos e técnicas
de actividades
económicas
fundamentais



Para o progresso
Industrial e agrícola

ro de Maio

terror no Porto

drugada, tinha ficado decidido a UGT ficar com a parte de cima da Avenida dos Aliados e a Praça Humberto Delgado e a CGTP-IN com a parte restante até à Praça da Liberdade. Gritam-se palavras de ordem, sobressaindo estas: «UGT, locais da AD» (que várias pessoas consideram desapropriadas) e «A luta continua, AD para a Rua». Juntaram-se alguns milhares de pessoas. Saudava-se a «vitória». Havia fitas negras ao peito e bandeiras pretas. Eles sabiam que de qualquer maneira nunca deixaríamos de fazer aqui o 1.º de Maio» — afirma Vítor Ranita ao «DL».

As 16 horas, comício. «Assassinos, Assassinos» — é pregão quente. Do palco da UGT descem as cantorias de um rancho folclórico. Lá, em cima a festa, em baixo o luto. «Decidimos não fazer o espectáculo» — diz o apresentador. Nem Carlos do Carmo, nem Carlos Mendes, nem «Trabalhadores do Comércio».

Na sua intervenção, Kalidás Barreto diz que «o governador civil não tinha nem tem, e só ter competência para impedir a realização do comício se ele fosse contrário à moral, aos direitos das pessoas singulares ou colectivas e à ordem e tranquilidade públicas». Responsabilizou o Governo pelas mortes ocorridas horas antes, «crimes perpetrados com um cunho autenticamente fascista». Por fim: «Não é o povo que está mal, é a AD que está a mais».

Vítor Ranita, por sua vez, responsabilizou a UGT, a AD e o governador civil pelos graves acontecimentos ocorridos. Disse depois aquele dirigente da USP, que «exigir a demissão do Governo e demiti-lo é um acto democrático e constitucional».

Greve geral decidida amanhã

Falou ainda Armando Teixeira da Silva que anunciou a reunião do Secretariado da CGTP esta tarde, no Porto, a partir das 14.30 e, também, o propósito de convocar uma nova greve geral. «Será uma greve ainda maior do que a de 12 de Fevereiro e estamos certos que os seus resultados corresponderão à vontade dos trabalhadores e à necessidade do momento que vivemos» — diz.

Depois do comício, o desfile. Com menos gente que nos anos anteriores, mas menos folclórico, mais combativo. Antes, ao cantarem o «Grândola, Vila Morena» muitos olhos raiaram de lágrimas. Depois daquela madrugada, mais uma vez afinal tinham tombado outros dois trabalhadores. O desfile reuniu alguns milhares de trabalhadores. Quando a cabeça entrava no meio da Avenida, ainda a cauda não tinha arrancado da Praça da Liberdade, para passar por Sá da Bandeira e pela Praça D. João I. Vários cartazes e panos de empresas, muitas bandeiras da Inter, num dos cartazes: «AD e UGT, Rua». Num mar de bandeiras vermelhas da Inter, destrakdavam os panos do luto.

Lá em cima, na Praça Humberto Delgado, a festa continuava, para ser interrompida às 18 horas pela inter-

venção de Miguel Pacheco. Este dirigente da UGT lamentou os incidentes da madrugada, considerando que eles ensombram o nosso futuro. Não exigiu a demissão do Governo, mas antes a alteração da sua política. «O Governo não pode continuar a governar como se não tivesse de dar contas a ninguém».

Depois, ouvir-se-ia Lena d'Água, que sempre abafada pelos assobios vindos do cimo da Av. dos Aliados. Aqui o ambiente esteve efervescente. Foi necessária a intervenção de altos dirigentes da CGTP para os jovens que ali se encontravam, arredarem pé, depois de algumas fugas sob a ameaça da Polícia. Só depois das 19 horas se viu a dispersão.

Antes, lentamente, uma bandeira preta passara várias vezes diante do cordão policial, armado de bastão e viseira que separava os dois campos. Era a acusação, a raiva contida.

Reportagem de Luís Humberto Marcos (texto) e de Bruno Neves (fotos)

Jornalistas exigem medidas contra PI

O Sindicato dos Jornalistas exigiu a «suspensão preventiva da Polícia de Intervenção» por considerar que as suas «repetidas actuações antidemocráticas são um factor permanentemente de desestabilização».

Em comunicado emitido pela delegação do Norte, o Sindicato dos Jornalistas considera que «o Porto assistiu na noite de 30 de Abril e madrugada de 1 de Maio a uma das mais cruentas exposições de violência fascista da sua história».

«Os jornalistas assistiram atónitos, no banco de urgência do Hospital de Santo António, às cenas mais patéticas e a nova carga policial sobre as pessoas que ali se dirigiam para receber tratamento», refere o comunicado.

O documento manifesta a estupefacção dos jornalistas «perante a repressão de milhares de pessoas através de métodos inaceitáveis em democracia, tendo morrido duas pessoas em consequência dos ferimentos produzidos por disparos, e outras estão entre a vida e a morte nos hospitais».

«Ao enviar para o Porto o corpo de intervenção da PSP o Governo assume pesada responsabilidade pelas barbaridades perpetradas na madrugada sangrenta de 1 de Maio pelo que deve ser imediatamente demitido» — acrescenta o comunicado.

O Sindicato exige ainda um in-



Trabalhadores empunham bandeiras da CGTP: para a Polícia do Porto eles preparavam-se «para atacar o palco da UGT».

quérito aos acontecimentos para apuramento das responsabilidades e salienta que «muitos jornalistas foram ameaçados e insultados».

PCP (Organização do Porto) toma posição

Sobre os acontecimentos do 1.º de Maio no Porto a organização local do PCP colocou ontem à noite duas perguntas: «Quem deu ordem de utilização de armas de fogo? Quem deu ordem para matar?»

Num extenso comunicado em que historia pormenorizada e cronologicamente as ocorrências, a direcção da Organização Regional do Porto do PCP (DORP) afirma ser «completamente falso» que a violência política (os mortos, os baleados, os feridos, os agredidos) resultassem da necessidade de proteger o palco ou o espectáculo da UGT.

Em nenhum momento, garante a DORP do PCP, houve qualquer incidente entre adeptos da CGTP e da UGT.

O documento do Partido Comunista centra a sua descrição dos confrontos na análise da actividade da Polícia de Intervenção que, afirma, entrou em acção às 23.45 h, com o espectáculo da UGT quase a terminar.

Segundo o PCP a dita Polícia utilizou de imediato armas de fogo (G-3 e pistolas) e granadas lacrimogéneas.

Registaram-se então, «agressões a velhos e crianças e mulheres, agressões a vendedeiras, agressões brutais a cidadãos isolados, agressões pelas costas, agressões na cabeça, agressões a trabalhadores que saíam dos seus turnos (TLP, por exemplo), tiros pelas costas, disparos à altura do peito, disparos de pistolas esvaziando de uma vez os carregadores etc., etc.».

O PCP afirma ainda que

mesmo depois de o espectáculo da UGT acabar a violência da Polícia de Intervenção continuou e aumentou, estendendo-se a áreas «tão afastadas da Praça Humberto Delgado como a Praça dos Leões, a Avenida da Ponte, a Batalha e até o Hospital de S. António».

Governo e PSD: as posições esperadas

O Governo vai proceder judicialmente contra sindicalistas da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses (CGTP) e da União dos Sindicatos do Porto (USP), responsabilizados pelo Executivo pelos incidentes do 1.º de Maio no Porto — anunciou-se oficialmente.

Um comunicado da Presidência do Conselho de Ministros, na sequência de uma reunião havida na manhã de ontem na residência particular de Pinto Balsemão, na Quinta da Marinha, em Cascais, refere que na origem dos acontecimentos «esteve o desrespeito da CGTP-IN perante decisões das autoridades legítimas».

Entretanto, o PSD responsabilizou a Intersindical pelos acontecimentos registados no Porto e afirmou esperar do Governo a prossecução de medidas de serena firmeza na defesa da legalidade democrática e das liberdades públicas.

Em comunicado da sua Comissão Permanente, os socialistas-democratas manifestam indignação e profundo repúdio pela «atitude provocatória, intolerante e manifestamente violadora da legalidade democrática por parte de elementos arruaceiros conotados com a CGTP-IN».

Acrescenta o PSD que essa atitude e os apelos públicos feitos pelo Secretariado daquela central sindical «contra a lei, a tranquilidade, a segurança e o respeito pelos outros descambaram na violência, no ódio e na intolerância».

Jornalistas contam o que viram

De vários jornalistas que como nós estiveram no centro dos acontecimentos recolhemos alguns depoimentos. São mais factos do que impressões.

Missão: 'limpar'

«Entraram na cidade como cowboys no Farwest. Vi-os passar na Rua Júlio Dinis a toda a velocidade com esteiras motorizadas a abrir caminho, mas nunca os imaginei capazes de tanta violência».

Já na Avenida dos Aliados identifiquei-me como jornalista. Um dos graduados olhou-me com desdém: «Vamos limpar esta porcarias e esse cartão não lhe serve de nada. Depois, quando tiver a cabeça partida, não me diga que não o avisei. Os jornalistas comecem como os outros».

Por acaso não comi. Mas à minha frente um jovem caído no chão foi espancado, eram 2 horas, por seis polícias ao mesmo tempo. Agarrei-o e gritei desesperadamente por uma ambulância. «Você não é jornalista, mas agitador», disse-me um deles.

«Chamem uma ambulância que este gajo morre aqui mesmo» — insisti.

«A nossa missão é limpar a Avenida nem que seja à porrada e não levar feridos ao hospital».

Carlos Magno, RDP/PORTO

... Ou esta noite há mortos

«Dirigi-me à Praça da Liberdade, tendo sido inicialmente interceptado por elementos do Corpo de Intervenção «especial» da PSP de Lisboa que apercebendo-se da minha condição de jornalista me permitiram prosseguir. Por sua sugestão, dirigi-me a um oficial que presumo comandava as operações no terreno o qual, em termos desabridos e ameaçadores, me intimou a retirar».

Devidamente identificado, fiz-lhe notar que me encontrava no desempenho de uma missão constitucionalmente permitida e que a sua ordem era ilegal: «Aqui são todos iguais e os jornalistas ou se retiram ou comem como os outros. Temos ordens para limpar a praça e é isso que vamos fazer».

A seu lado um outro elemento da Polícia de Intervenção lisboeta, aparentemente um subordinado, acrescentou: «Não olhamos a cartões e ou a praça fica limpa ou ainda esta noite há mortos...».

Não me restava outra alternativa senão a de obedecer. E confesso que, nesse instante, não me preocupei muito com a «violência» a que tinha sido submetido dado que, bem perto, outros tipos de violência, infelizmente bem mais graves, aconteciam a cada passo. E ao longo da Trágica noite surgiu a constatação da medonha verdade, da existência de mortos e de feridos graves.

Porquê? Para quê? (José Alberto Magalhães, Jornalista da ANOP)

Ordens para varrer

«Deixem-me ir buscar o meu neto» — gritou o velho, ainda a proteger a cabeça, a poucos metros de mim. O que temeu para o garoto, do outro lado da Praça, acontecera-lhe a ele: derrubado à entrada da Sampaio Bruno, foi selvaticamente agredido à bastonada e a pontapé por quatro agentes do Corpo Especial da Polícia, cuja missão seria assegurar a ordem pública, evitar o confronto, e não — como aconteceu, com mais graves repercussões — semear a violência, num momento (0 e 5) em que era já evidente a dispersão dos populares que haviam ocorrido à Praça da Liberdade».

«Desaparece» — berrou-me o polícia, quando eu, colado à parede do Café Imperial tinha acabado de lhe exibir a carteira profissional que o deveria obrigar, por lei, a respeitar a minha missão de jornalista. «Temos ordens para varrer a praça», atalhou. E varreram. Segundos depois, foi o início do verdadeiro pesadelo: Os primeiros tiros foram disparados à saída da Praça da Liberdade e só terminaram na subida para a Sé, centenas de metros para além do perímetro de eventuais confrontos, com muito sangue derramado na Praça de Almeida Garrett.

(Afonso Camões — «1.º de Janeiro»)

«Assisti à limpeza da baixa portuense e estive hora e meia no banco de urgência do Hospital de Santo António. De permoio, apesar de identificado, fui acusado de agitador, insultado e ameaçado e só não fui agredido porque, na circunstância, prevaleceu o bom-senso de um graduado. Vi agressões sem conta, espancamentos sem fim e pessoas baleadas. Vi pessoas moribundas. Todas as leis podem ser invocadas e todas as razões podem ser aduzidas para tentar explicar o que se passou, designadamente o comportamento das Polícias de Lisboa e do Porto — também vi agentes apedrejados. Mas uma coisa é certa: nada pode justificar tamanha violência. Uma violência assim tão desmensurada, brutal e gratuita sugere esta outra questão: que quis isto tudo dizer?»

(Jorge Campos — RTP)

A Polícia e o palco

«Não chamem a Polícia» cantou Herman José, na tarde do 1.º de Maio no palco improvisado pela UGT, frente à Câmara Municipal do Porto. Perto dali, poucas horas antes, a Polícia de Intervenção havia morto a tiro dois manifestantes e feriu muitos outros, dois dos quais gravemente».

(António Lage «O Primeiro de Janeiro»)

contecimentos para o «DL»

Castro Inácio Figueiredo, com uma ferida perfurante na coxa direita, João Maria Pereira Queirós, de 18 anos, metalúrgico, com um tiro na mão direita, e João Carlos Silva Pereira de Sousa, de 15 anos, com um tiro na virilha esquerda. Foi ele o último dos baleados a entrar no Hospital.

Acompanharam o João Carlos um amigo e o irmão Eduardo, olhos mortuários num corpo franzino, esguio. Como foi? Contou assim: «Estávamos ali na Estação de S. Bento, na rampa, e eu disse para o meu irmão: vamos embora que já é tarde, depois ouvimos tiros, estava aquele cheiro esquisito, depois fugimos e o meu irmão diz-me «olha Eduardo, aleijaram-me aqui na perna» E vi que ele ficou estendido no chão. Parecia mesmo morto... Daí a bocado já estava cheio de sangue e depois houve um senhor que nos trouxe para aqui. Demoramos meia hora a

chegar por causa do trânsito».

Tomás Raul Albuquerque, de 16 anos, metalúrgico, foi outro dos baleados. Estava à porta de S. Bento. Entrou no Hospital à 1.03, com o braço direito perfurado e uma ferida no peito. A bala tinha passado de raspão no mamilo e depois de perfurar o braço. Relata assim os acontecimentos: «A Polícia vinha da Rua de Sá da Bandeira, começou a agredir e a disparar e eu fugi. Ia a correr e olhei para trás, vi um polícia a disparar, a bala veio e eu fiquei ali».

«Parecia uma matilha de lobos»

Outro dos feridos que falou para o «DL» foi Ernesto Januário Moreira Gradim, de 52 anos. «Tenho as costas num mísero estado e um dedo fracturado... Eu estava com minha mulher na Avenida dos Aliados, junto à

Caixa Geral de Depósitos quando a Polícia investiu já depois de uma. Pareciam uma matilha de lobos que não olham a nada. Batiam desalmadamente. Posso dizer-lhe que a pior que isto só assisti em 1945 quando a Polícia fez um cerco à Praça dos Poveiros, e em cinema. Pareciam lobos ou cães raivosos. As pancadas que eu tenho nas costas foram dadas depois de eu já estar estendido no chão. E a minha mulher também».

À porta do hospital, Cândido Augusto Alves Paiva, de 46 anos, sapateiro, rosto espemido tinha também as marcas da agressão na cabeça e no sobrolho esquerdo. Conta-nos como foi: «Estava em frente do banco Fonsecas e Burnay, na Avenida dos Aliados, eram 23 horas, começaram a bater desalmadamente e eu não conseguí fugir».

Felizardo Boueme, professor, de 34 anos, é um caso contro-

verso. Trazia feridas no dorso lombar, numa nádega e num polegar. Segundo o médico que o assistiu foi atingido por facadas. Ele nega. «Não vi faca nenhuma, aquilo foi tiro que passou de raspão». E acrescenta que o médico insistira bastante com ele naquela versão. Os ferimentos, conta Felizardo Boueme, ocorreram quando ele fugia na Rua Mouzinho da Silveira aos disparos da Polícia, que descia a Praça de Almeida Garrett. Não terá sido um estilhaço?

Maurício Tavares Matos, de 27 anos, foi o último dos agredidos a entrar no Hospital de Santo António. Eram duas horas, já de Maio. A mulher que vinha com ele contou: «vinha-se de trabalhar, ali à beira do Sá da Bandeira, ia-se para casa, e ao mesmo tempo que a gente ia para se meter num portal o polícia veio e deu-lhe nas costas e nos dentes».

BARREIRO

Clube 22 de Novembro

CONVOCATÓRIA

A todos os sócios do CLUBE 22 DE NOVEMBRO para discussão, em Assembleia Geral (Sessão Especial) dos seguintes pontos:

- 1.º — Informação à massa associativa de toda a liquidação de contas.
- 2.º — Nomeação de uma comissão administrativa para tentativa de continuidade do clube.
- 3.º — Demissão dos actuais corpos gerentes.

A assembleia realizar-se-á na S.I.R.B. «Os Penicheiros», no dia 6 de Maio de 1982 às 21.30 h.

O presidente da Assembleia Geral
Herlânder Alberto Bravo Soares



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, ENERGIA E EXPORTAÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PT/5163-1/1, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Alenquer, de uma linha aérea a 10 Kv, n.º 169/R-18 com 303 m, do poste n.º 84 da linha n.º 169 ao PT n.º 5163 de Cadafais.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 21 de Abril de 1982.

O Engenheiro Director,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PS/5638-1/2, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Sintra, de uma linha aérea a 10 KV n.º 701/R-3 com 159 metros entre o P.T.S. n.º 13223 e o P.S. n.º 5638 anexo ao P.T. n.º 2717-C, de Lactínios Vigor, Lda., sito em Odrinhas.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 21 de Abril de 1982.

O engenheiro director
João Carlos Oudinot Larcher Nunes



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, SITA EM LISBOA, NA RUA PASCOAL DE MELO, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5914, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Vila Franca de Xira, de um novo troço da linha aérea a 30 kV n.º 3 107 com 280 metros, entre os apoios n.ºs 53 e 54, em Cadafais.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, EM 21 DE ABRIL DE 1982.

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

DÉCIMO NONO CARTÓRIO

NOTARIAL DE LISBOA

RUI JORGE PIRES CARRONDO AJUDANTE DESTA CARTÓRIO

CERTIFICO para efeitos de publicação que por escritura de 14 de Outubro de 1981, lavrada de fls. 121v.º a 123v.º do livro de notas 128-D deste Cartório, foi constituída entre João Ribeiro Vaz e António Anjos Veríssimo uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelo pacto constante dos artigos seguintes:

— 1.º — A Sociedade adopta a denominação Italus Portimão-Comércio de Calçado e Malas, Limitada, fica com a sua sede em Lisboa, na Rua Almirante Barroso, número 52, 1.º andar esquerdo, sendo a sua duração por tempo indeterminado a partir de hoje.

— 2.º — O seu objecto consiste no comércio de calçados e malas, podendo vir a dedicar-se a qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem e a Lei permita.

— 3.º — O capital social é de 1.500 000\$00, integralmente realizado em dinheiro e dividido em duas quotas iguais de 750.000\$00 cada, uma de cada sócio.

— 4.º — A cessão de quotas é livre entre os sócios, mas a favor de estranhos depende do consentimento da Sociedade primeiramente e dos sócios em seguida podendo tanto a sociedade como os sócios usar do direito de preferência pela ordem referida.

— 5.º — A gerência e administração da Sociedade, bem como a sua representação, competem a ambos os sócios, desde já nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral.

§ 1.º — Para que a Sociedade se considere validamente obrigada nos seus actos e contratos, é necessária a intervenção e assinatura de ambos os gerentes, bastando a assinatura de um deles para os actos de mero expediente.

— 6.º — Fica vedado aos gerentes obrigarem a Sociedade em fianças, abonações, letras de favor e outras responsabilidades semelhantes.

— 7.º — Os gerentes podem delegar os seus poderes de gerência, mediante procuração e sempre por acordo de ambos lavrada em acta e a sociedade pode constituir mandatários nos termos e para os efeitos do artigo 256 do Código Comercial.

— 8.º — As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de 8 dias, quando a lei não exija outras formalidades. Está conforme o original.

Lisboa e Décimo Nono Cartório Notarial, vinte e um de Outubro de mil novecentos e oitenta e um.

O Ajudante do 19.º Cartório Notarial de Lisboa

Rui Jorge Pires Carrondo

VEÍCULOS

AUTOMÓVEIS

VENDEM-SE

Em hasta pública, no dia 17/Maio. Informa Serviço de Luta Antituberculosa-SLAT, tels. 323051/8, ext. 10, ou 790523/4, Lisboa

23.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A CARGO DO NOTÁRIO-LIC. HENRIQUE VAZ LACERDA

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura de 6 de Abril corrente, lavrada de folhas 82 a folhas 84, do livro de notas para «escrituras diversas», n.º 7-D, deste Cartório, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, «PUBLIGRANEL — SOCIEDADE EDITORA, LIMITADA», que se regerá pelos artigos seguintes, constantes da presente fotocópia que se compõe de sete folhas.

VAI CONFORME O ORIGINAL

Lisboa, 8 de Abril de 1982

O Ajudante,
Miguel de Carvalho Marques

CAPÍTULO PRIMEIRO

DENOMINAÇÃO SOCIAL, SEDE, DURAÇÃO E OBJECTO SOCIAL

ARTIGO PRIMEIRO

A Sociedade adopta a denominação «PUBLIGRANEL — Sociedade Editora, Limitada» e tem a sua sede em Lisboa, na Rua das Gáveas, número vinte e sete, segundo.

ARTIGO SEGUNDO

A sua duração é por tempo indeterminado.

ARTIGO TERCEIRO

A Sociedade tem por objecto exclusivamente a edição, impressão e distribuição de publicações periódicas ou unitárias, recolha e difusão de notícias, comentários e imagens, bem como o exercício de qualquer outra actividade inerente ou complementar, incluindo a actividade publicitária.

CAPÍTULO SEGUNDO

CAPITAL SOCIAL

ARTIGO QUARTO

Parágrafo primeiro — O capital é de dois milhões e quinhentos mil escudos representado e dividido nas seguintes quotas:

a) quatro quotas de quinhentos mil escudos cada uma, pertencendo respectivamente aos sócios António Braz Monteiro, António Augusto Marques da Costa, Carlos Pereira Cruz e Jorge Manuel Sênica Galamba Marques.

b) quatro quotas de cento e vinte e cinco mil escudos cada uma, pertencendo respectivamente aos sócios João Manuel Pinto de Ruella Ramos, António Pedro Pinto de Ruella Ramos, Fernando Santiago Mendes de Assis Pacheco e Maria do Carmo Pinto de Ruella Ramos.

Parágrafo segundo — O capital social encontra-se integralmente subscrito e realizado em dinheiro, que já deu entrada na caixa social.

ARTIGO QUINTO

Os sócios terão direito de preferência na subscrição de qualquer aumento de capital social.

ARTIGO SEXTO

Não serão exigidas prestações suplementares, mas qualquer dos sócios poderá conceder à Sociedade os suprimentos de que ela carecer para o desenvolvimento da sua actividade social.

CAPÍTULO TERCEIRO

ADMINISTRAÇÃO

ARTIGO SÉTIMO

Parágrafo primeiro — A administração da Sociedade e a sua representação activa e

passiva ficam a cargo dos gerentes que forem designados no pacto social ou pela assembleia geral.

Parágrafo segundo — Os gerentes são dispensados de caução e têm a remuneração que for fixada em assembleia geral.

ARTIGO OITAVO

Parágrafo primeiro — Para a Sociedade ficar validamente obrigada são necessárias as assinaturas de dois gerentes.

Parágrafo segundo — Exceptuam-se os actos de mero expediente, para os quais basta a assinatura de um gerente.

ARTIGO NONO

É expressamente proibido aos gerentes obrigarem a Sociedade por avals, fianças, abonações ou quaisquer outros actos ou contratos estranhos aos negócios sociais.

ARTIGO DÉCIMO

A gerência poderá conferir a quaisquer empregados ou pessoas da sua inteira confiança mandatos, nos termos e para os efeitos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

CAPÍTULO QUARTO

ASSEMBLEIA GERAL

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO

A assembleia ordinária reúne-se, pelo menos, uma vez em cada ano, nos primeiros três meses depois de findo o exercício anterior, para discutir, aprovar ou modificar o balanço e contas e para tratar de qualquer outro assunto para que tenha sido convocada.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO

As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas com aviso de recepção, mencionando sempre o objecto da reunião, dirigidas aos sócios com antecedência mínima de cinco dias daquele em que a assembleia deva realizar-se, salvo nos casos em que a lei imponha outra forma de convocação.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO

Parágrafo primeiro — As deliberações são tomadas à pluralidade de votos, salvo as que importem modificação do pacto social ou dissolução da sociedade, as quais devem obter três quartos dos votos correspondentes ao capital social.

Parágrafo segundo — A cada quota corresponderá um voto por cada duzentos e cinquenta escudos do capital respectivo.

CAPÍTULO QUINTO

TRANSMISSÃO E DIVISÃO DE QUOTAS

ARTIGO DÉCIMO QUARTO

Parágrafo primeiro — A cessão, total ou parcial, de quotas entre os sócios é livre, sendo para o efeito da cessão da parte de uma quota a outro sócio, dispensada a autorização especial da Sociedade para a sua divisão.

Parágrafo segundo — A cessão, total ou parcial, de quotas a terceiros estranhos à Sociedade depende do consentimento desta.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO

Parágrafo primeiro — Em caso de cessão de quotas a terceiros estranhos à Sociedade, gozam de direito de preferência em primeiro lugar a Sociedade e depois os sócios.

Parágrafo segundo — No caso de vários sócios pretenderem exercer o direito de preferência a quota será dividida por eles na proporção das respectivas quotas.

Parágrafo terceiro — Em qualquer dos casos, o direito de preferência será exercido pelo valor da quota que resultar do último balanço aprovado.

CAPÍTULO SEXTO

AMORTIZAÇÃO DA QUOTA

ARTIGO DÉCIMO SEXTO

Parágrafo primeiro — A Sociedade poderá amortizar quotas nos seguintes casos:

a) — Quando seja imputável a um sócio violação grave dos seus deveres para com a Sociedade;

b) — Quando qualquer quota for arrestada, arrolada ou penhorada e o respectivo sócio não obtiver o levantamento do procedimento cautelar ou da penhora dentro do prazo de sessenta dias a contar da apreensão;

c) — Em caso de falência ou insolvência do sócio;

d) — Por morte do sócio;

Parágrafo segundo — O exercício do direito de amortização deve efectivar-se dentro do prazo de noventa dias a contar da data em que ocorreu o facto determinante da amortização ou que a Sociedade teve conhecimento dele.

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO

Parágrafo primeiro — O preço a pagar pela amortização será o valor da quota segundo o último balanço aprovado.

Parágrafo segundo — A importância que se mostrar devida será paga nos termos estabelecidos no número três do artigo mil e vinte e um do Código Civil.

CAPÍTULO SÉTIMO

DOS EXERCÍCIOS SOCIAIS E DA APLICAÇÃO DOS RESULTADOS

ARTIGO DÉCIMO OITAVO

O ano social é o ano civil e os lucros apurados, líquidos de todos os encargos, terão a seguinte aplicação:

a) — a vigésima parte deles para o fundo de reserva legal, até que este represente a quinta parte do capital social e sempre que seja necessário reintegrá-lo;

b) — A parte restante, salvo deliberação em contrário, será dividida pelos sócios na proporção do valor nominal das suas quotas.

CAPÍTULO OITAVO

DISSOLUÇÃO E LIQUIDAÇÃO

ARTIGO DÉCIMO NONO

A sociedade dissolve-se nos casos expressamente previstos na lei.

ARTIGO VIGÉSIMO

Parágrafo primeiro — No caso de dissolução serão liquidatários os gerentes que ao tempo estiverem em exercício, devendo proceder-se à liquidação na forma que for estabelecida por acordo e, na falta de acordo, mediante licitação entre os sócios de todo o activo social, sujeito a pagamento do respectivo passivo.

Parágrafo segundo — A quantia que, neste último caso, se verificar ser devida pelo sócio ou sócios a quem o património ficar pertencendo será paga em três prestações semestrais, vencendo-se a primeira no acto da outorga da respectiva escritura de dissolução e liquidação.

CAPÍTULO NONO

DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

ARTIGO VIGÉSIMO PRIMEIRO

São desde já nomeados gerentes os sócios Carlos Pereira Cruz, António Augusto Marques da Costa e Jorge Manuel Sênica Galamba Marques.

ARTIGO VIGÉSIMO SEGUNDO

Para todas as questões entre sócios e a Sociedade ou entre sócios por virtude da existência da Sociedade será competente, o foro da Comarca de Lisboa, com renúncia expressa a qualquer outro.

Com Washington a alinhar por Londres

Batalha naval nas Malvinas

Helicópteros britânicos dispararam sobre dois barcos-patrolha argentinos, dentro da zona de guerra declarada por Londres em torno das Malvinas, afundando um dos vasos e danificando o outro — anunciou hoje o Ministério Britânico da Defesa.

O ataque deu-se 90 milhas dentro da zona de bloqueio, na madrugada de hoje.

A informação do Ministério britânico da Defesa diz que dois barcos-patrolha argentinos dispararam sobre um helicóptero «Sea King», do porta-aviões «Hermes», (o navio almirante da Armada britânica).

Helicópteros «Lynx» de outros navios da Armada britânica saíram para atacar os barcos-patrolha, lançando mísseis e, segundo o Ministério, «um dos navios foi avariado e o outro foi certamente danificado».

O afundamento do barco-patrolha deu-se um dia depois de um submarino britânico ter torpedeado o segundo maior navio da Armada argentina, o cruzador «General Belgrano».

O confronto de hoje deu-se a norte da Malvinas Ocidentais e os helicópteros britânicos voltaram em segurança para bordo dos porta-aviões, acrescentou o Ministério.

Sobre o «General Belgrano», atingido domingo à noite no limite da zona de exclusão de 200 milhas declarada por Londres, o Ministério disse que o navio foi «gravemente danificado».

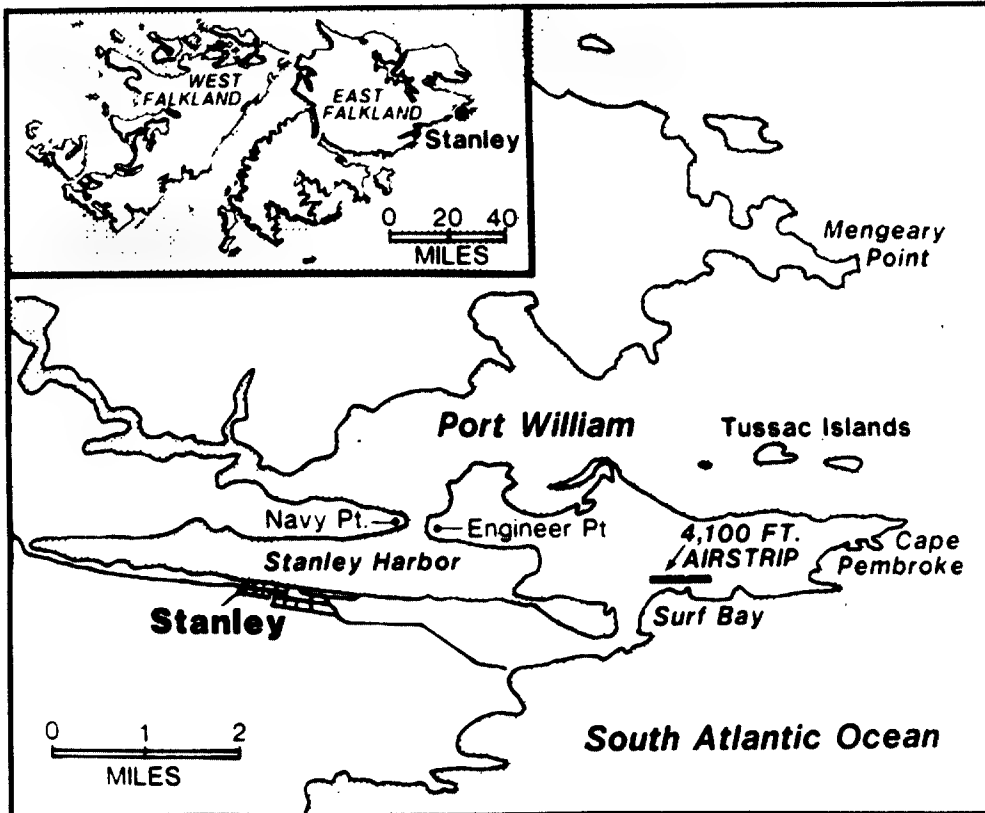
Entretanto, fontes militares em Buenos Aires disseram hoje que ignoravam tudo sobre o ataque de helicópteros britânicos contra os dois barcos-patrolha.

«Negativo. Não temos nada sobre isso», disseram as fontes.

Quanto ao cruzador «General Belgrano», as Forças Armadas argentinas disseram que o navio, de 13.645 toneladas, sofreu danos consideráveis ao ser atingido por um torpedo fora da zona de bloqueio de 200 milhas, imposta pela Grã-Bretanha. Referiram também que outros navios seguem para o local, para ajudar o cruzador, se for necessário.

O ataque, o único acidente militar noticiado por ambas as partes com tendo ocorrido domingo, foi levado a cabo enquanto o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, Francis Pym, mantinha conversações separadas sobre a crise das Malvinas com o secretário norte-americano de Estado, Alexander Haig, e com o secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar.

Entretanto, em Buenos Aires, um porta-voz do Governo afirmou que a Argentina rejeitou uma proposta norte-americana para resolver a crise que fora entregue pelo



Mapa parcial das ilhas Malvinas, estando assinalado o local onde se registou o ataque britânico de sábado passado que abriu as hostilidades

presidente peruano, Fernando Belaunde Terry.

O porta-voz declarou que a nova proposta de Haig era semelhante a outras apresentadas em 27 de Abril, as quais foram consideradas insatisfatórias pela Argentina.

Em Nova Iorque, Pym e Cuellar debateram também vias para resolver o problema, mas não elaboraram nenhuma fórmula para o solucionar.

Pym reiterou a exigência britânica para que a Argentina retire as suas tropas das Malvinas, antes de se iniciarem negociações.

«A estratégia britânica tem sido sempre a de aumentar as pressões sobre os argentinos para fazê-los compreender que a agressão não compensa» — frisou Pym.

O ministro britânico manteve também conversações com Haig, tendo sido a primeira vez que os dois se encontram desde que os Estados Unidos abandonaram, no sábado passado, o seu papel de mediador e se colocaram ao lado da Grã-Bretanha.

Em Buenos Aires, o presidente Leopoldo Galtieri disse que a Argentina ainda quer uma solução política para a crise.

«Estamos confiantes em que a comunidade internacional compreenderá a posição da Argentina e de que nós procuraremos sempre uma solução política» — afirmou Galtieri.

O último comunicado militar argentino referiu que dois caças britânicos «Sea Harrier» foram abatidos no sá-

bado passado, dois outros foram seriamente danificados e quatro teriam caído no mar, quando aviões argentinos atacaram navios britânicos ao largo das ilhas.

Indicou ainda que uma fragata britânica foi atingida por uma bomba e que duas outras ficaram danificadas.

A Grã-Bretanha anunciou, por seu turno, que abateu dois aviões argentinos, que nenhum avião britânico foi abatido e que apenas um ficou ligeiramente danificado, tendo já regressado ao serviço activo.

Os chefes das forças armadas argentinas continuam a dizer que venceram as escaramuças de sábado.

Reivindicam ter atingido, de modo a tornarem-no inoperacional, o porta-aviões «Hermes», navio almirante da frota de intervenção britânica, facto desmentido em Londres. Londres, que reafirma não ter sofrido quaisquer baixas e ter deitado abaixo dois aviões adversários: um «Mirage» e um «Canberra».

A registrar ainda a pouca importância que Buenos Aires parece ter dado aos ataques, levados a cabo no primeiro dia de hostilidades pela aviação britânica contra os campos de aviação de Port Darwin, 80 quilómetros a leste de Port Stanley, a capital das Malvinas.

Em conclusão, ambas as partes cantam vitória, até ao momento. E ambas parecem interessadas numa negociação, desta vez a cargo das Nações Unidas, ao que se presume.

O apoio à Grã-Bretanha no

conflito das Malvinas anulou as esperanças dos Estados Unidos de que a Argentina fosse um aliado-chave na sua política anticomunista na América Central e Caraíbas, disseram hoje fontes diplomáticas.

Os observadores sublinham também que a crise das Malvinas provocará provavelmente um realinhamento das forças políticas na América Latina, que deixará os Estados Unidos cada vez mais isolados.

O alinhamento dos Estados Unidos com a Grã-Bretanha é assim considerado um golpe mortal no sistema inter-americano.

Brzezinski, conselheiro de segurança nacional da antiga administração Carter, expressou já a sua grande preocupação face ao confronto militar no Atlântico Sul, sobretudo pelas suas consequências políticas.

Em declarações à emissora «WETA», Brzezinski advertiu que os soviéticos — que já denunciaram virulentamente o apoio de Washington à Grã-Bretanha e as sanções contra a Argentina decretadas pelos EUA ao alinhar com Londres — vão explorar a crise política-militar não só na Argentina como em outras nações sul-americanas.

Os analistas concordam em que o apoio activo dos Estados Unidos à Grã-Bretanha lhes granjeará a hostilidade total dos países latino-americanos, embora alguns deles tenham começado por apoiar a Argentina de modo tímido ou apenas verbal.

Fim do recolher obrigatório na Polónia

— «Solidariedade» comemorará nas ruas o 1.º de Maio

O recolher obrigatório imposto na sequência do 13 de Dezembro, na Polónia, foi ontem levantado, segundo anunciou uma fonte do Ministério do Interior de Varsóvia. No entanto, a nota do Ministério sublinha que continuam proibidas todas as manifestações, reuniões e procissões. Por outro lado, as autoridades anunciaram que a partir do dia 10 as comunicações telefónicas para todo o país serão restabelecidas.

A decisão das autoridades governamentais segue-se à libertação iniciada na quarta-feira de cerca de mil internados. Para a maioria dos polacos a imagem da mudança traduziu-se pelo aparecimento, ontem, e pela primeira vez desde a implantação da lei marcial, dos locutores da televisão trajando a civil.

Entretanto, no sábado, militantes do «Solidariedade» desceram às ruas de Varsóvia, numa contramanifestação às cerimónias oficiais para celebrar o 1.º de Maio. Segundo testemunhas oculares citadas pela agência AFP, entre 50 a 100 mil manifestantes desfilarão por algumas

ruas das instalações da rádio Solidariedade tenham sido capturadas.

Nova manifestação para hoje

Enquanto o Parlamento polaco, a «Dieta» se reunirá hoje em sessão extraordinária para festejar a promulgação da Constituição polaca de 1971, meios do «Solidariedade» convocaram para hoje uma manifestação junto à Catedral de Varsóvia. No entanto, as autoridades referiram que não serão consentidas manifestações fora da Igreja.

Avião desviado regressou a Varsóvia

O «Antonov 24» polaco desviado na sexta-feira para Berlim Ocidental, por oito piratas do ar, regressou sábado, de manhã, com nova tripulação, a Varsóvia. Trinta e quatro dos 57 passageiros que se encontravam dentro do avião decidiram não regressar ao seu país. Entre eles há mulheres e crianças.

O «Antonov 24» tinha desco-



Em Varsóvia, manifestantes na rua

ruas da zona antiga da capital polaca, gritando «slogans» a favor do «Solidariedade» e exigindo a libertação de Lech Walesa. De acordo com as mesmas fontes, e apesar da presença de forças policiais, não se registaram quaisquer incidentes.

Por outro lado a emissora clandestina «Radio Solidarnosc» difundiu, na noite de sexta-feira em modulação da frequência uma emissão. Notícias sobre a captura da estação clandestina na sequência de uma vasta operação policial em Varsóvia, foram desmentidas no sábado na contramanifestação organizada. Um participante no desfile, negou à France Presse

lado pelas 16h00 de sexta-feira de Wrocław com destino a Varsóvia. Dez minutos depois da partida, os oito piratas do ar entraram em acção. Conseguiram, após violenta luta, dominar e desarmar seis agentes da segurança que viajavam a bordo. Foram disparados dois tiros durante a luta, em direcção à cabina de pilotagem para obrigarem os pilotos a abri-la.

As balas penetraram na parte inferior da cabina. Dois dos agentes de segurança, ligeiramente feridos durante o confronto, receberam tratamento depois de o «Antonov 24» ter aterrado no aeroporto militar americano de Tempelhof.

Itália

Começou ontem o Congresso da DC

Começou ontem de manhã no palácio dos desportos de Roma, em ambiente especialmente tenso, o 15.º Congresso da Democrazia Cristiana, o maior partido político italiano.

O Palácio dos Desportos foi transformado em fortaleza, com controlos especialmente rigorosos e um helicóptero a vigiar toda a zona. Com efeito, trata-se de proteger os cerca de 4000 delegados, convidados e jornalistas contra eventuais acções terroristas, já que a DC é o alvo designado pelos brigadistas que estão a ser julgados pela sua participação no caso Aldo Moro, julgamento que está a decorrer em Roma desde o passado dia 4 de Abril.

São esperadas várias delegações das Democracias Cristãs

estrangeiras, mas a delegação argentina decidiu não ir a Roma em sinal de protesto contra a atitude da Itália em relação ao conflito anglo-argentino.

Aos 750 delegados dos congressos regionais do partido somam-se este ano 75 personalidades exteriores, das quais se espera uma renovação perante as ameaças que pesam sobre a hegemonia da DC na Itália. Esses novos participantes visam trazer de novo ao partido os valores tradicionais do catolicismo, tal como são defendidos pelo Papa João Paulo II.

A incapacidade das individualidades democratas cristãs de chegarem a acordo, antes do congresso, sobre um candidato único para o secretariado do partido ilustra bem a tensão que reina no seio da DC.

Kaunda e Botha discutem Namíbia

O encontro do presidente zambiano Kenneth Kaunda com o primeiro-ministro sul-africano, P. W. Botha, terminou às 15.15 horas locais de sexta-feira.

Um comunicado conjunto publicado no final das conversações dá conta de que estas se revelaram «úteis».

Segundo o texto, os dois estadistas que de manhã tinham tido um primeiro encontro de mais de duas horas, consideraram «franca» a sua troca de pontos de vista sobre a situação na África Austral.

Os temas abordados foram a Namíbia e a África do Sul, precisa o comunicado conjunto, salientando a concluir que os dois interlocutores puseram em relevo a «utilidade» destas conversações no contexto dos «esforços que têm desenvolvido para se encontrar uma solução pacífica para os problemas da região».

Depois da primeira fase das conversações, Botha encontrou-se com os seus ministros dos Negócios Estrangeiros e da Defesa, «Pik» Botha e general Magnus Malan, que o acompanharam, enquanto o presidente zambiano repousava um pouco.

Segundo fontes ligadas às duas delegações, acrescenta-se que o primeiro-ministro sul-africano terá provavelmente comunicado a Kaunda a intenção de efectuar determinadas reformas constitucionais na África do Sul, nomeadamente tendentes a uma certa forma de partilha do poder político com os 2,8 milhões de mestiços e os 880 000 indianos da África do Sul.

Fontes próximas da delegação sul-africana não tomavam a sério, contudo, as notícias publicadas no diário «The Star», de Johannesburg, segundo as quais o presidente zambiano teria pedido a Botha a libertação do dirigente nacionalista negro Nelson Mandela, dirigente do Congresso Nacional Africano, que se encontra preso perpetuamente desde 1964.

Os observadores ficaram admirados com a cordialidade destas conversações — as primeiras entre dirigentes da Zâmbia e da África do Sul, desde o famoso encontro de Victoria Falls entre Kaunda e John Vorster, antecessor de Botha, em Agosto de 1975.

MARGEM SUL (Concelho de ALMADA)

CASA BERNINA, informa que as suas instalações mudaram para:

RUA JOSÉ FERREIRA JORGE, 4-C — COVA DA PIEDADE
(Esquina da Rua Cabo da Boa Esperança)

CASA BERNINA — Tudo para máquinas de costura e tricotar.

DIRECTORES DE OBRAS**CONDIÇÕES EXIGIDAS:** CURSO DE ENGENHARIA CIVIL. EXPERIÊNCIA MINIMA DE 5 ANOS NA DIRECÇÃO DE OBRAS. CAPACIDADE DE CHEFIA. ELEVADO DINAMISMO.**CONDIÇÕES DE PREFERÊNCIA:** DISPONIBILIDADE PARA PERMANÊNCIA OU FREQUENTES DESLOCAÇÕES AO ESTRANGEIRO. BONS CONHECIMENTOS DE INGLÊS E FRANCÊS, FALADO E ESCRITO. IDADE NÃO SUPERIOR A 35 ANOS.**OFERECE-SE:** INTEGRAÇÃO EM EQUIPA TÉCNICA MUITO DINÂMICA, BEM APOIADA POR SERVIÇOS ABRANGENDO TODAS AS ÁREAS INTERESSANDO AO EXERCÍCIO DA SUA ACTIVIDADE. ELEVADA REMUNERAÇÃO E POSSIBILIDADES DE CARREIRA NA EMPRESA.**RESPOSTA:** COM "CURRICULUM" DETALHADO A DIRECÇÃO GERAL, AV. DA BOAVISTA, 2300, PORTO.SOCIEDADE DE
CONSTRUÇÕES**SOARES DA COSTA**
SARL**NOTARIADO PORTUGUÊS**NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
A CARGO DA NOTÁRIA
LICENCIADA MARIA ALICE RIBEIRO FERNANDES**CERTIFICADO NARRATIVAMENTE PARA EFEITO DE PUBLICAÇÃO:** — Que, por escritura de treze de Abril de mil novecentos oitenta e dois, lavrada a folhas uma verso e seguintes do livro número cento e oito D, destas notas, foi entre, Jorge Fernando Marques Mendes e João Lopes Semedo constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se ficou a reger pelo pacto constante dos artigos seguintes:**PRIMEIRO** — A sociedade adopta a denominação de «ECL — ELECTRONICA COMERCIAL, LIMITADA», vai ter a sua sede e domicílio social em Lisboa, provisoriamente na Rua Cristóvão de Figueiredo, número doze A, freguesia de Nossa Senhora de Fátima, e durará por tempo indeterminado a partir de hoje.**SEGUNDO** — O objecto social consiste na comercialização, importação, exportação e fabrico de equipamento para aeronaves e aeroportos e outro equipamento afim podendo vir a dedicar-se a qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem.**TERCEIRO** — O capital social, integralmente realizado em dinheiro é de um milhão de escudos, já entrado na caixa social e dividido em duas quotas iguais de quinhentos mil escudos cada uma, pertencendo uma a cada um dos sócios.**QUARTO** — Os sócios poderão fazer suprimentos ou prestações suplementares de capital à sociedade sempre que a mesma deles carecer, vencendo ou não juros, desde que deliberado em assembleia geral, por unanimidade de todos os sócios.**QUINTO** — A cessão total de quotas entre sócios é livremente permitida assim como a divisão de quotas entre herdeiros de sócios, porém a estranhos, depende do consentimento da sociedade.**SEXTO** — A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, fica a cargo de todos os sócios, que desde já são nomeados gerentes e para que a sociedade fique obrigada nos respectivos actos e contratos são necessárias as assinaturas de dois gerentes.**Parágrafo primeiro** — A sociedade poderá constituir mandatários e os gerentes poderão delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência por meio de procuração mesmo em pessoa estranha à sociedade.**Parágrafo segundo** — A sociedade não poderá ser obrigada em fianças, abonações, letras de favor e outros actos e contratos estranhos aos negócios sociais.**SÉTIMO** — As reuniões das Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios com, pelo menos quinze dias de antecedência. Está conforme.

Lisboa, aos vinte de Abril de mil novecentos oitenta e dois.

O AJUDANTE
(Assinat ilegível)**TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE OEIRAS****ANÚNCIO**

No dia 24 de Junho próximo pelas 10 horas, no 1.º Juízo 2.ª Secção do Tribunal Judicial da Comarca de Oeiras, nos autos de carta precatória vindos do 4.º Juízo do Tribunal de Trabalho de Lisboa e extraída dos autos de Execução que a Caixa de Previdência e Abono de Família de Faro move contra Jaime Simões Serra, será posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado pelo maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, o seguinte prédio apreendido àquele executado:

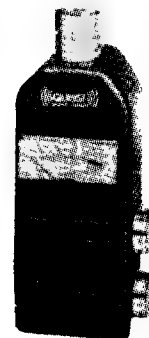
Prédio urbano, composto de cave, rés do chão, primeiro andar e sótão ocupando a área de 150 m², dependência com m², situado na Rua José Joaquim de Almeida n.º 38 inscrito na matriz sob o n.º 71. Vai à praça pelo valor de 500 000\$00.

O Escrivão da 2.ª Secção

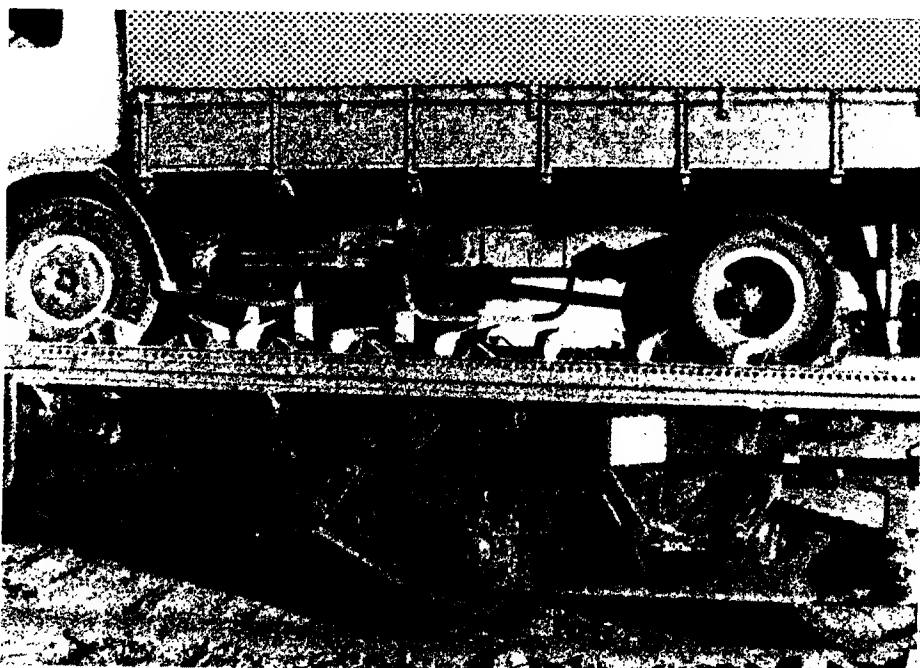
(a) Moro Flores

O Juiz de Direito

(a) Verdasca Garcia

**EQUIPAMENTOS PARA TODOS OS TESTES EM AUDIOMETRIA**Audiómetros
Impedancímetros
Cabinas Audiométricas
Instrumentos de Reeducação
Próteses Auditivas**Representamos:**
QUALITONE
MAICO
PHONAK
AMPLISILENCE
TELEDYNE AVIONICS
PHONIC EAR
HANSATON

Informações e Pedidos a:

Casa SonotonePoço do Borratém, 33 S/L — 1100 LISBOA
Praça da Batalha, 92-1.º — 4000 PORTOTelef. 868352-865978
Tel. 315602**É mais cómodo.
É mais económico.
É mais funcional.****É o novo serviço TECAM para o transporte
de furgões e camiões. A partir de 15 de Abril!**

É verdade! A CP acaba de adquirir vagões para o transporte de veículos comerciais médios e pesados, até 10 toneladas. Este novo serviço TECAM, com início a 15 de Abril, funciona entre Lisboa/Sta. Apolónia e o Porto/Campanhã. E é muito simples! Basta entregar o veículo, com ou sem carga, até às 21 horas e ele poderá ser levantado no seu destino às 8 horas do dia seguinte.

Isto significa enormes vantagens para as empresas de transporte rodoviário de mercadorias. Em tempo ganho. Em economia de custos humanos e de material. Em funcionalidade.

Este é o novo serviço TECAM. As vantagens são suas!

**Comboio, a opção inteligente.**

Para informações mais completas, contactar:

Departamento Comercial (Serviço Comercial de Mercadorias)
Lisboa - St.ª Apolónia — Tel. 86 61 01Serviço Comercial da Região Centro
Lisboa — Tel. 86 77 85Serviço Comercial da Região Norte
Porto — Tel. 56 41 41Serviço Comercial da Região Sul
Barreiro — Tel. 207 30 28

DESPORTO



Costa rompe entre «espinhenses»

Nacional de futebol

“Leões” a dois pontos do trono

O Sporting ficou a um passo de conquistar o título de campeão de futebol ao vencer o Amora em casa por 3-0 e beneficiando do empate do Benfica em Setúbal (2-2), a três jornadas do final do torneio. Os «leões» aumentaram para quatro pontos a vantagem sobre o 2.º classificado (Benfica) e basta vencerem um dos três jogos que lhes faltam para obterem um prémio ganho em 1980 e perdido em 1981 para o eterno rival.

Se a questão do trono está praticamente arrumada, a luta pela fuga aos últimos lugares continua a dominar o campeonato, com o União de Leiria praticamente condenado e Belenenses, Amora, Estoril e A. Viseu a quererem deixar a companhia dos leirienses.

Números e nomes

FC Porto - Espinho, 3-0 (1-0 ao intervalo); Penafiel - Boavista, (1-0); Vitória de Setúbal - Benfica, 2-2 (0-1); Braga - Portimonense, 0-3 (0-1); Académico de Viseu - União de Leiria, 2-1 (1-1); Belenenses - Vitória de Guimarães, 2-2 (0-1); Sporting - Amora, 3-0 (1-0) e Rio Ave - Estoril, 0-0.

A vitória (3-0) do Portimonense no campo do Sporting de Braga constituiu uma das sensações da jornada, a par da recuperação do Belenenses, que depois de estar a perder por 2-0, impôs um empate (2-2), ao Vitória de Guimarães, que deve ter ficado definitivamente afastado dos lugares que dão acesso à participação na Taça UEFA.

Em jogos de «afilites», o Viseu impôs-se ao Leiria, por 2-1, enquanto o Estoril alcançou um nulo no campo do Rio Ave e o Penafiel bateu em casa o Boavista, por 1-0.

O Sporting assinalou o regresso de Oliveira com o retorno aos triunfos, batendo o Amora por margem confortável, com golos de Lito (21), Manuel Fernandes (61) e Ademar (88).

Em Setúbal, o Benfica começou bem e quando Reinaldo inaugurou o marcador aos 14 minutos, os adeptos «encarnados» julgaram que o triunfo não

lhes escaparia. Mas os sadinos não pensaram do mesmo modo e aos 59 minutos Jesus estabeleceu a igualdade.

O Benfica voltou a adiantar-se no marcador (aos 69 minutos, por Nenê), mas o Vitória estava decidido a estragar a «festa» dos benfiquistas e a sete minutos do final, Garcês empatou.

O portista Jacques esteve em evidência no triunfo da sua equipa sobre o Sporting de Espinho (3-0) abrindo e fechando a contagem. O avançado portista, que passou para o 2.º lugar da lista dos marcadores a um golo do líder (Nenê) marcou, de penalti (aos 43 minutos) e depois de Júlio elevar a contagem (aos 46) apontou o último tento da partida, a quatro minutos do final.

Dois golos nos últimos três minutos deram novo empate, em casa, ao Belenenses, desta feita frente ao Vitória de Guimarães.

O brasileiro Joaquim Rocha colocou os visitantes a vencer (com golos aos 9 e 47 minutos), mas aos 87, Pinto da Rocha redziu e nos últimos instantes o brasileiro Carlinhos igualou na transformação directa de um «livre».

O contra-ataque do Portimonense voltou a funcionar em Braga, onde o conjunto algarvio alcançou um triunfo fácil por 3-0, golos de Murça (29) e Norton de Matos (64 e 89).

Um golo de Babá (aos 27 minutos) deu o sucesso ao Penafiel, em casa, sobre o Boavista, resultado que tirou os penafielenses da zona perigosa e manteve os boavisteiros à vista dos clubes em risco de descer ou de participar na «liguilha».

Um golo de Joel nos primeiros minutos do encontro lançou o Académico de Viseu para um triunfo (por 2-1) sobre o «lanterna vermelha» (União de Leiria), que deve ter deixado em Viseu as últimas esperanças de se manter no escalão principal.

Os leirienses ainda empataram (por Nhabola, aos 13 minutos), mas aos 66 minutos, Inaldo apontou o golo do triunfo viseense.

O Rio Ave e o Estoril empataram a zero, no campo do pri-

Classificação

	J	V	E	D	G	P
1. Sporting	27	17	8	2	56-23	42
2. Benfica	27	17	4	6	55-21	38
3. Porto	27	14	9	4	36-17	37
4. Guimarães	27	11	12	4	34-20	34
5. Rio Ave	27	12	8	7	22-22	32
6. Braga	27	10	8	9	32-33	28
7. Setúbal	27	8	10	9	28-28	26
8. Portimonense	27	8	8	11	27-27	26
9. Espinho	27	7	11	9	31-33	25
10. Boavista	27	9	6	12	31-29	24
11. Penafiel	27	9	5	13	19-33	23
12. Viseu	27	9	4	14	24-38	22
13. Estoril	27	6	10	11	28-36	22
14. Amora	27	4	11	12	22-36	19
15. Belenenses	27	4	10	13	25-42	18
16. Leiria	27	6	4	17	19-47	16

Empate em Setúbal: 2-2

Benfica: agora só um “milagre” em Maio

Uma desatenção flagrante de Alder Dante, poupando a Cerdeira uma **mãozinha** dentro da área de rigor, é o único lenitivo que o Benfica pode encontrar para, no Bonfim, ter tido o quase definitivo adeus ao título nacional de futebol.

Num belo espectáculo, com a correcção a vincar o comportamento dos dois «teams», assistiu-se a um tempo de abertura que parecia carrilado para bom sucesso lisboeta: aproveitamento sábio (por Shéu e Carlos Manuel) da falência dos laterais sadinos, o golo de Reinaldo a recomendar calma, certa precipitação dos vitorianos no meio do seu castelo, sem poder de ordenação de lances e somente vivendo de rasgos individuais, até porque aquele que poderia ser parceiro ideal para a tática engendrada por Peres Bandeira (o centro-campista Vítor Madeira) não alinhrou, sob o peso de um inquérito disciplinar, por ter virado costas ao trabalho num jogo de reservas.

Assim, toda a parte de abertura revelou um Benfica acelerado, cumprindo (talvez) uma das grandes exhibições da temporada, não espantando que o intervalo tivesse chegado com a turma do Vitória a necessitar de serenidade e cabeça fria. E foi, realmente, no regresso ao palco, que os colegas de Amaral se dispuseram a combater com armas idênticas, fechando mais a defensiva, rapidamente caminhando para o tento do empate e, depois, quando a cabeça de Nenê fez o 2-1, partindo novamente por ali abaixo, aproveitando o soberano erro de Lajos Baroti ter mandado entrar dois dianteiros (Chalana e Jorge Gomes) para exercerem funções tranquilizantes, a meio-campo ou mesmo incrustados no último reduto. Daí não ter espantado a ninguém que a lógica da partida implicava o empate: prémio merecido para o brio e aplicação dos sadinos, um golpe mais nas aspirações de benfiquistas, que recusaram sobre o 2-1, como que adormecendo sobre um magro êxito que nada poderia ainda esclarecer.

Verdade que aos lisboetas faltam unidades de valor exponencial: Alves, Pietra, Alberto, mesmo Laranjeira. Mas, essa é uma razão pouco válida para se desculpar que uma turma com ambições plenas e bem justificadas, mal consiga um tento de avanço logo transite para a defesa dessa magra colheita. Ontem, quando o técnico magiar mandou que Humberto funcionasse na frente atacante, já o Vitória tinha perdido o respeito aos todo-poderosos senhores da Luz.

Carlos Manuel, Humberto, Veloso, Shéu, Reinaldo, ainda o jugoslavo Filipovic (não fora aquele inestético baixar de meias que faz lembrar estarmos perante uma **pelada** de casados-solteiros) ultrapassaram o padrão normal, lado a lado com Garcês, Jesus e Dario que, aqui e além apoiados por Octávio, deram o lamiré e o perfume da inesgotável história do bom futebol setubalense.

Não ficam reticências: a balança mostrou a verdade do «show». Setúbal ousou e colheu. Benfica receu e quedou-se na casca. Para os moços do Bonfim, o amanhã parece firme e desempoeirado. Para os alunos de Baroti, para mais **desidratados** na força anímica por golpes sobre golpes, tudo passa a depender de terceiros e, o que é bem mais afilivo, de uma vida com o credo na ponta da língua.

Neves de Sousa

Sob a direcção do santareno Alder Dante (mal ajudado por Marques Pais e Batista Fernandes) as equipas alinharam:

Setúbal: Amaral, Sobrinho, Cerdeira, João Cardoso (Reis, 72), e Cicero; Jesus (Pinto 88), Octávio, Mota e Garcês; Fernando Cruz e Dario.

Benfica: Bento; José Luís, Humberto Coelho, Frederico (Jorge Gomes 69) e Bastos Lopes; Carlos Manuel, Veloso, Shéu; Nenê, Reinaldo, e Filipovic (Chalana 69).

Golos: Reinaldo (14), Jesus (59), Nenê (69) e Garcês (80).



Alvalade: amorente Teles sai de maca



Oliveira: regresso ao Sporting deu outra alma aos «leões»

Sporting: êxito tranquilo

Oliveira regressou à equipa do Sporting e esteve na base da vitória frente ao Amora, por 3-0; o médio sportinguista, que ficou afastado dos relvados por lesão, a 21 de Março, transmitiu uma outra alegria ao jogo, estando na base do 1.º golo ao fazer um cruzamento por alto, do lado esquerdo, que possibilitou a entrada, de Lito que, de cabeça, inaugurou o marcador, aos 21 minutos.

Mesmo actuando longe do seu melhor, Oliveira teve ainda recortes técnicos que o definem como um dos melhores médios de ataque, sobretudo na criação de espaços que possibilitaram a en-

trada dos seus companheiros de ataque.

O Amora apresentou-se em Alvalade com a nítida preocupação de jogar para o empate, mantendo apenas o brasileiro Caio Cambalhota na frente, mas a tática do técnico sportinguista contrariou o esquema, ao fixar na frente Jordão e Manuel Fernandes, «policiares» por três ou quatro defesas.

O domínio da parte inicial pertenceu sempre ao Sporting, tendo Meszaros sido um mero espectador dos lances ofensivos dos seus colegas.

No 2.º tempo, a tónica do jogo pouco se alterou e com o golo de Manuel Fernandes (aos 61 minu-

tos, ao receber um passe de Jordão, após bom trabalho deste) ficou ainda mais facilitada a missão para os «leões».

Pereirinha ainda salvou sobre a linha um remate de Jordão e o ascendente do Sporting ficou ampliado (aos 88 minutos) quando Ademar concretizou da melhor forma uma jogada de insistência.

O Amora, apesar de uma ou outra jogada de perigo com remates de longe, nunca conseguiu contrariar o jogo do adversário.

Salências especiais: Mário Jorge, Manuel Fernandes, Nelson e Caio Cambalhota.

O árbitro Santos Ruivo (Santarém) actuou com muitos desacertos, permitindo faltas, julgando casos iguais com critérios diferentes e admoestou com o cartão amarelo Jaime e Simões.

As equipas:

SPORTING: Meszaros; Ademar, Bastos, Eurico e Mário Jorge; Lito (Freire, 82), Marinho e Virgílio; Manuel Fernandes, Oliveira (Nogueira, 65) e Jordão.

AMORA: Vaz; Simões, Alfredo, Rebelo e Nelson; Pereirinha, Jaime, Baltasar e Teles (Alberto, 14); Caio Cambalhota e Formosinho (Amadeu, 67).

Lagos vive atletismo

Aurora Cunha (FC Porto) e Ezequiel Canário (Farauto) ganharam as provas do terceiro «Grande Prémio de Atletismo» promovido pelo Desporto de Lagos. Aurora ganhou a prova feminina na distância de 2500 metros com o tempo de 6,25 minutos, batendo Vitória Mourato, (Portalegre), creditada com 7,13 minutos e Paula Branquinho, (Aljustrelense), com 7,15 minutos.

Ezequiel Canário (Farauto), venceu a prova masculina com o tempo de 10,54 minutos para os 4000 metros do percurso, cortando a meta com oito segundos de vantagem sobre o seu colega de equipa Luís Horta. Carlos Cabral (Esperança de Lagos) foi 3.º, com 11,11 minutos.

Pérgiles: notável

Aos 45 anos, o sportinguista

Pérgiles Pinto saltou em comprimento 7,13 m, o que constitui novo máximo mundial de veteranos.

Maratona madrilena

O espanhol Roberto Garcia ganhou a quinta edição da Maratona Popular de Madrid. Cerca de 3.000 participantes percorre-

ram as ruas da capital espanhola na prova que Garcia (26 anos) venceu, em duas horas, 19 minutos, 30 segundos gastou nos 42,195 metros do trajecto. Os espanhóis Vicente Anton (2,21,17) e Atilano Gomez (2,21,22), foram 2.º e 3.º classificados. Mais de 800 concorrentes desistiram durante o percurso, que foi corrido sob uma temperatura de 20 graus.

DESPORTO

ponta esquerda

Coração mata árbitro

O árbitro António Pereira Loureiro, acometido de doença cardíaca, quando dirigia um encontro de futebol na 4.ª feira, morreu em Lisboa. António Pereira Loureiro (39 anos) sócio fundador da Associação Portuguesa de Árbitros, sofreu o ataque cardíaco no desafio Benfica-Estrela da Amadora, em reservas, disputado 4.ª feira no Estádio da Luz.

A APA aconselhou os árbitros a observarem um minuto de silêncio nas provas nacionais e regionais em homenagem a António Pereira Loureiro. Em Setúbal, o «internacional» Alder Dante não respeitou essa solicitação.

Hóquei: guatemalteco com hepatite

O hoquista guatemalteco Eduardo Estrada foi internado no Hospital de Santa Maria, com uma hepatite. Estrada foi internado por conselho do médico da selecção portuguesa, dr. Maia Ferreira. Estrada foi o autor do 1.º golo marcado até agora pela Guatemala no mundial de hóquei em patins, frente à Austrália, na derrota da sua equipa por 28-1.

Mundial de Futebol:
greve de hotelaria?

A União Geral dos Trabalhadores Espanhóis, central sindical afecta ao PSOE, anunciou a possibilidade de uma greve na indústria hoteleira de Barcelona para o início do campeonato mundial de futebol, em 13 de Junho. Os trabalhadores dos hotéis de Barcelona lutam actualmente por uma revisão salarial. Caso as suas reivindicações sejam ignoradas pelas entidades patronais, a UGT espanhola declarará uma greve entre 1 e 3 de Junho e outra entre 12 e 14 desse mês, o que coincidirá com a jornada inaugural do campeonato do mundo de futebol. A Argentina, campeã mundial de futebol, jogará com a Bélgica, em 13 de Junho, no campo do Barcelona, a primeira partida do Mundial-82.

Contra o «pé descalço»

A política para evitar o «turista de pé descalço» vai ser seguida em Espanha durante a realização em Junho do campeonato do mundo de futebol, afirmou, em Madrid, o responsável pela organização da prova, Raimundo Saporta.

«Não nos interessa gente que atravessa a fronteira espanhola com sacos de conserva e de salsichas às costas, que dorme em parques de campismo e que não deixa uma peseta nas lojas» — comentou aquele dirigente. A Mundespanha é uma firma criada especialmente para assegurar o monopólio da venda de bilhetes englobada na «viagem turística». Para os franceses, por exemplo, o preço mais barato de uma viagem ronda os dez mil francos (cerca de 120 mil escudos). As pessoas que pretendem poupar em hotéis e restaurantes são avisadas de que o número de bilhetes a colocar sob o regime de «venda livre» é muito reduzido.

Violência no futebol

A Polícia de Frankfurt deteve 92 pessoas e disse da existência de 138 feridos na sequência dos tumultos antes e após a final da «Taça de Futebol da Alemanha Federal, disputada (sábado) em Frankfurt, e que o Bayern de Munique conquistou ao derrotar por 4-2 o Nuremberga. Entre os feridos, 30 receberam tratamento hospitalar, acrescentou a Polícia.

Grupos de adeptos rivais, confrontaram-se na estação ferroviária de Munique. Segundo a Polícia, grupos de pessoas embriagadas agrediram-se com garrafas e chegaram a construir barricadas em ruas do centro da cidade. Janelas de estabelecimentos e de carros estacionados foram partidos pelos projectéis trocados entre os bandos rivais. Um desses grupos, fazendo a saudação nazi, atacou os manifestantes de um desfile do «Primeiro de Maio», enquanto indivíduos destruíam cartazes sindicais e agrediam os pacíficos manifestantes, segundo a informação da Polícia. Dirigentes sindicais de Frankfurt acusaram duramente a Federação Alemã Federal de Futebol, com sede naquela cidade, de ter intencionalmente marcado para o dia 1 de Maio a final da «Taça».

Liras fazem conquistas

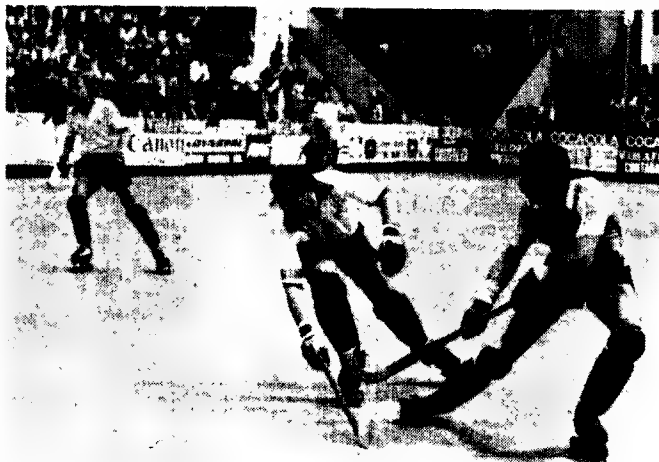
O «capitão» da selecção francesa de futebol, Michel Platini, assinou contrato com a Juventus de Turim, da 1.ª divisão italiana. O anúncio da transferência ocorreu em Turim, onde o jogador do St. Etienne se reuniu com dirigentes do clube italiano.

A aquisição de Platini parece confirmar rumores de que a Juventus rescindiria com o irlandês Liam Brady, pois os clubes italianos apenas podem contar dois estrangeiros e o clube de Turim acaba de contratar o polaco Boniek, também «capitão» da selecção do seu país.

Platini começou no Nancy e foi pela primeira vez «internacional» em 1976. Desde então, alinhou 34 vezes na selecção. Com 26 anos de idade, Platini foi autor do golo, com que em Novembro passado a França derrotou a Holanda e através do qual o país conseguiu lugar na final do Campeonato do Mundo a disputar em Espanha.

Entretanto, o futebolista argentino Daniel Passarella assinou pela Fiorentina, que lidera com a Juventus o campeonato da 1.ª divisão italiana, chegou a acordo com o «libero» e «capitão» da selecção argentina após reuniões em Buenos Aires com a direcção do River Plate. Não foi revelada a soma da transferência, mas fontes de Florença indicam 1,2 milhões de dólares (cerca de 85 milhões de escudos).

Na Fiorentina alinha há duas épocas o «internacional» argentino Daniel Bertoní.



Inglaterra-Argentina



Portugal-Austrália

Mundial de hóquei patinado

Portugal: entrada serena

Portugal entrou no mundial de hóquei sobre rodas com certa prudência: 11-2 a Angola e 8-1 à Austrália. As nossas formações:

Perante Angola alinharam e marcaram: Sob a arbitragem do suíço Brulhart. Portugal — Ramalhe, Fernando Pereira, José Carlos, Cristiano (2), Leste (5), Chana, (1), Sobrinho (3).

Angola — Santos, Teles, Frago, Domingues, Santana (2), Damasio e Viegas.

Sob fraca arbitragem do chileno Aliaga: Portugal: Franquelim, Sobrinho, José Carlos (1), Chana (4), Cristiano, Virgílio (2) e Vítor Rosado (1).

Austrália: Carter, Keltier, Luppi, Simpson, Shah e Mellon (1).

Hoje, defrontamos a Guatemala e a Itália.

Resultados das primeiras jornadas no Grupo A: Alemanha Federal - Venezuela, 10-0; Espanha - Brasil, 6-1; Brasil - Venezuela, 10-0; Espanha - Nova Zelândia, 10-1; Nova Zelândia - Brasil, 0-8 e Alm. Federal - Espanha, 1-4.

Grupo B: Estados Unidos - Japão, 22-1; Argentina - Inglaterra, 8-0; França - Colômbia, 3-3; Inglaterra - França, 5-5; Colômbia - Japão, 9-3; Estados Unidos - Argentina, 3-5; Colômbia - Inglaterra, 5-0; França - Estados Unidos, 3-6 e Argentina - Japão, 39-1.

Grupo C: Itália - Guatemala, 29-0; Portugal - Angola, 11-2; Guatemala - Austrália, 1-28; Angola - Itália, 6-7; Portugal - Austrália, 8-1 e Angola - Guatemala, 30-2.

Grupo D: Holanda - Chile, 4-6; Canadá - Irlanda, 11-1; Suíça - México, 4-1; Suíça - Irlanda, 30-1; Holanda - México, 9-0; Chile - Canadá, 12-1; México - Irlanda, 10-3; Canadá - Holanda, 2-14 e Suíça - Chile, 2-3.

Os últimos encontros da fase preliminar realizam-se hoje, em Barcelos e Lisboa, subordinados ao seguinte calendário:

Grupo A (Barcelos): 12 horas - Brasil - RFA; 13 horas - Nova Zelândia - Venezuela; 22 horas - RFA - Nova Zelândia; 23 horas - Venezuela - Espanha.

Grupo B (Lisboa): Inglaterra - Estados Unidos; Japão - França; Argentina - Colômbia; 20 horas - França - Argentina; 21 horas - Colômbia - Estados Unidos.

Grupo C (Lisboa): 12 horas - Austrália - Itália; 13 horas - Portugal - Guatemala; 22 horas - Austrália - Angola; 23 horas - Portugal - Itália.

Grupo D (Barcelos): Canadá - México; Holanda - Suíça; Chile - Irlanda; 19 horas - Suíça - Canadá; 20 horas - Irlanda - Holanda; 21 horas - México - Chile.

Classificação

Grupo A:

1.º Espanha 3 3 0 0 20-8 6
2.º Brasil ... 3 2 0 1 19-8 4

3.º RFA ... 2 1 0 1 11-4 2
4.º N. Zel. ... 2 0 0 2 1-18 0
5.º Venez. ... 2 0 0 2 0-20 0

Grupo B

1.º Argent. ... 3 3 0 0 52-4 6
2.º Colomb. ... 3 2 1 0 17-6 5
3.º EUA ... 3 2 0 1 31-9 4
4.º França ... 3 0 2 1 11-14 2
5.º Inglat. ... 3 0 1 2 5-18 1
6.º Japão ... 3 0 0 3 5-70 0

Grupo C

1.º Portug. ... 2 2 0 0 19-3 4
2.º Itália ... 2 2 0 0 36-6 4
3.º Austrál. ... 2 1 0 1 29-9 2
4.º Angola ... 3 1 0 2 38-20 2
5.º Guatem. ... 3 0 0 3 3-87 0

Grupo D

1.º Chile ... 3 3 0 0 21-7 6
2.º Suíça ... 3 2 0 1 36-5 4
3.º Holanda ... 3 2 1 0 27-8 4
4.º México ... 3 1 0 2 11-16 2
5.º Canadá ... 3 1 0 2 14-27 2
6.º Irlanda ... 3 0 0 3 5-51 0

Mundial-regulamentação

O Comité Internacional de Rink Hóquei aprovou em assembleia geral extraordinária uma nova regulamentação para o campeonato do mundo. Assim, o 25.º Campeonato do Mundo que decorre em Portugal aprovará dez países que vão disputar o grupo

«A» do «Mundial» de 1984.

As equipas classificadas entre 1.º e 10.º lugar do Campeonato do Mundo ficarão apuradas para o grupo principal de 1984. Os restantes países participantes no campeonato em curso e os outros que posteriormente se vierem a inscrever disputarão o grupo «B».

Este novo regulamento foi proposto pelo Comité Internacional e aprovado por treze votos a favor contra quatro da proposta da Federação Angolana. A Nova Zelândia apresentou uma proposta que não obteve nenhum voto.

Rui Mingas veio ver
1.ª vitória angolana

O secretário de Estado dos Desportos da República Popular de Angola esteve ontem à noite no Pavilhão dos Desportos de Lisboa. E os jogadores da «sua» selecção brindaram a presença com a primeira vitória internacional: foi de 30-2 e o parceiro do espectáculo foi a Guatemala.

Não se mostrou particularmente interessado na vitória tão pouco na «goleada». Rui Mingas veio apenas para dizer aos seus atletas que estava com eles, que o triunfo não era significativo. O importante era que a «rapaziada» se portasse à altura.

Até ontem à meia-noite e meia hora (foi quando terminou a jornada dupla do 2.º dia deste campeonato do Mundo) tinham-se contabilizado 30 jogos com um total de 411 golos: tentos de todas as formas e feitios, para quem está habi-

tuado a ver encontros onde a toada defensiva ultrapassa as regras estudadas em gabinetes. Apenas uma equipa ainda não marcou golo algum: foi a Venezuela, que viu a sua baliza violada por 20 vezes.

Mas, isto é apenas o pontapé de saída para um campeonato que só vai principiar, verdadeiramente, na 4.ª feira: quando os mais fortes se vão defrontar entre si, defender com unhas e dentes e explorar os erros dos contrários. Porque só assim os golos irão nascer. Muitas vezes (quase sempre) não ganha quem joga mais, antes triunfa o que comete menos erros.

Neste particular a selecção portuguesa, tem alguma coisa para afinar. Nos dois jogos já cumpridos, ficou demonstrado a quantos olhos quiseram ver que Montreux não foi sufi-

ciente para emendar erros ou limar arestas. Qual é o «cinco» base? pergunta-se nas bancadas. Ainda ninguém conseguiu responder à pergunta.

Hoje quando o «DL» estiver a circular, Portugal terá contribuído fortemente para que a soma de golos suba assustadoramente. Logo à noite, vai ser com uma Itália que parece sem força porque há o anti-dopping... Mas, a partir de 4.ª feira como vai ser?

Acabou o prazo de aceitação de argumentos mais ou menos discutíveis: agora tudo terá de ser a sério, porque o que se pretende é reconquistar o título. Seremos capazes? Até agora tudo demonstra que a afinação geral ainda não chegou. E vai-se fazendo...

ORLANDO DIAS AGUDO

MICROSEPIO

Minibasquetebol

A equipa do Ginásio Figueirense venceu os seus jogos do primeiro torneio de minibasquetebol promovido este fim-de-semana pelo Atlético Clube de Portugal no pavilhão da Tapadinha, em Lisboa. Na jornada de sábado, o Atlético venceu o Desportivo de Oeiras por 69-35 e o Ginásio Figueirense bateu o Algués por 61-8. Ontem, a equipa de Oeiras derrotou a do Algués por 44-21 e o Ginásio Figueirense venceu o Atlético por 60-44.

No fim do torneio, dedicado a jogadores entre 10 e 11 anos, todas as equipas receberam placas. Vítor Fernandes (do Atlético) e Rui Pedro (Ginásio Figueirense) foram considerados, respectivamente, o jogador mais correcto e o melhor defensor. O Atlético conta actualmente, cinco equipas de minibasquete, num total de 70 jovens jogadores.

com **Tudor** **acerta em cheio!**

Concurso n.º 37

FC Porto-Espinho	 1
Penafiel-Boavista	 1
V. Setúbal-Benfica	 x
Sp. Braga-Portimon.	 2
Acad. Viseu-U. Leiria	 1
Belénen-V. Guimarães	 x
Sporting-Amora	 1
Rio Ave-Estóvil	 x
Leça-Leixões	 1
P. Ferreira-Vazim	 x
U. Santarém-Académico	 2
Covilhã-Oliv. Bairro	 x
Juventude Marítimo	 2

baterias-pilhas

Dezenas dos mais significativos artistas portugueses conviveram em Santarém com os militares do 25 de Abril

O almoço-convívio dos militares do 25 de Abril em Santarém teve este ano uma nova dimensão. Houve também um convívio cultural que reuniu um grupo numeroso dos mais significativos artistas portugueses e que teve como objectivo simbolizar a vontade que sempre animou os militares de Abril de negarem uma comemoração corporativa, mas empenhados na transformação social que inspirou o 25 de Abril.

O convívio teve duas partes distintas. Primeiro foram os artistas plásticos — pintores e escultores — que conviveram entre si e com os militares e colectivamente produziram uma obra colectiva de inegável valor artístico que teve a particularidade de reunir três gerações de artistas plásticos. Um exemplo raro de trabalho colectivo, não só pelo número de participantes como pela qualidade do trabalho produzido e que ficará a enriquecer



Entre muitos que estiveram em Santarém contavam-se dois grandes nomes da poesia portuguesa. Separa-os duas gerações mas a sua luta é a mesma: José Gomes Ferreira e Manuel Alegre

o património cultural do País.

Depois foi um convívio aberto com poesia, canto, folclore, teatro e música no qual participaram também além dos ex-militares que participaram no 25 de Abril

os seus familiares e a população em geral.

É significativo o número e qualidade dos artistas plásticos presentes: Adão Contreiras, Albertina Mantua, Aldina Costa, Aiada



A cultura popular com o Rancho Folclórico de Santarém

Dias, Álvaro Perdigão, António Boavida Amaro, António Carmo, António Castilho, António Folgado, Ambrósio Ferreira, António Trindade, Assunção Cardoso, Catarina Bartolomeu, Cristina Paula, David Evans, Dora Rita, Eduardo Teixeira, Elsa Costa Cabral, Eugénio Rosa, Eurico Gonçalves, Francisca Candeias, Helena Salvador, Henrique Cayatte, Henrique Ruivo, Hilário Teixeira Lopes, Ilídio Salteiro, Isabel Moura, Isabel Sabino (membro da comissão coordenadora da obra), João Hogan, João Vieira, José António Rosado Flores, José Assis, José Aurélio (membro da comissão coordenadora da obra), José Mouga, José Santa Bárbara, Júlio Pereira, Landorfo, Lourdes Freitas, Luís Lobato, Man, Manuel Jorge, Manuel Sam Payo, Marcelino Vespiera, Maria Keil, Maria Teresa Dias Coelho,

Marília Viegas, Mirella Marini, Noémia Cruz, Noémia Ramos, Pedro Chorão (membro da comissão coordenadora da obra), Pedro Monteiro, Quintino Sebastião, Reinaldo Silva, Rodrigo de Freitas, Rogério Amaral, Rogério Ribeiro (membro da comissão coordenadora da obra), Rolando Sá Nogueira, Sílvia do Rosário da Silveira, Teresa Magalhães, Virgílio Domingues, Vítor Lambert e Vitória Mesquita.

Lamentando não poderem estar presentes por razões imponderáveis solidarizaram-se com a iniciativa outros artistas

plásticos, designadamente Álvaro Lapa, Carlos Botelho, Carlos Calvet da Costa, Fernando de Azevedo, Guilherme Casquilho, Jorge Pinheiro, José Pedro Galdes Silveira, Lima de Carvalho, Querubim Lapa e Richa de Sousa.

No espectáculo participaram José Carlos Ary dos Santos, José Gomes Ferreira, José Fanha, Manuel Alegre, Maria da Purificação Caravaca, Natália Correia, António Portugal, Bernardino, Carlos Paredes, Fernando Alvim, Fernando de Sousa, Francisco Nicholson, Henrique Viana, Magda Cardoso, Maria Dulce, Mário Viegas, Silva Marta, Vitorino, o Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra e o Rancho Folclórico de Santarém.

Sofia de Melo Breyner, Alfredo de Sousa, Carlos do Carmo, Carlos Moniz, Maria do Amparo, Eugénia Melo e Castro, Fernando Tordo, Herman José, Ivone Silva, Júlio Isidro, Manuela Moura Guedes, Pedro Osório, Raul Solnado, Samuel, Sérgio Godinho, Teresa Silva Carvalho e António Vitorino de Almeida, contactados para participarem neste convívio, só não estiveram presentes por lhes ter sido totalmente impossível, quer por ausência no estrangeiro, quer por outros impedimentos.

Teatro Nacional inicia hoje digressão pelo país

A Companhia do Teatro Nacional de D. Maria II inicia hoje uma digressão pelo País, apresentando-se no Porto, onde permanecerá cerca de duas semanas, e em mais nove localidades portuguesas (Braga, Viana do Castelo, Póvoa de Varzim, Guimarães, Vila Real, Águeda, Aveiro, Coimbra e Leiria).

Com um elenco que integra 40

actores e uma equipa técnica composta por 22 elementos, a deslocação da companhia do Nacional terminará no dia 8 de Junho, em Leiria, com a representação da peça «A Sobrinha do Marquês», de Garrett, que vai ser estreada na próxima 5.ª-feira, na capital nortenha, numa encenação de Fernanda Alves,

cenários e figurinos de Nuno Carinhos, música original de Pedro Caldeira Cabral, coreografia de Paula Massano e adaptação e dramaturgia de José Peixoto.

Pela provincia, além de «A Sobrinha do Marquês», a companhia do Teatro Nacional apresentará as peças «Rómulo, o Grande», de Durrenmatt, «Gin Game» e «Chapéu Mágico».



O Grupo «Margem» na Comuna

O colectivo «Margem» recebeu no FITEI PORTO-81 os maiores elogios e os mais fortes aplausos por parte do público e da crítica. Limitar-me-ei, a esse propósito, e pedindo desculpa pelo atrevimento, a citar o que escrevi aqui sobre o espectáculo «De Vida Beata», e que aliás, surge na literatura de promoção do espectáculo: «Porque se «De Vida Beata» ataca todos os valores, há um que profundamente, exaltadamente respeita: é o valor do espectáculo, é o valor do teatro. É em nome desses valores que peço uma crítica firme a essa opção política e o aplauso sem subterfúgios ao extraordinário talento, ao esforço, à capacidade de criação, de relacionamento criação-público, de reinvenção e

de execução, demonstrados a todos os níveis pelos artistas asturianos».

Nada poderei acrescentar a isto, e entender-se-á o meu contentamento por poder anunciar uma digressão do grupo de Oviedo que inclui Évora, Lisboa, Almada e Cascais. O «Margem» estará na Comuna, nos dias 4 e 5, com um novo espectáculo, «Aventuras y Desventuras de Carminá do Braga, contorcionista», espectáculo de cabaret. Depois, vai a Cascais (dias 6 e 7) e a Alameda (dias 8 e 9), com «De Vida Beata».

As recomendações estão feitas. Não percam o «Margem» onde quer que estejam.

C.P.

Camacho Costa volta ao «Stress»

A tradição do «café-concerto» perde-se na memória deste século, das suas formas de convivência, diversão ou boémia. Corresponde, de certa maneira, a algo que mal conhecemos, mas que, graças a uma história dispersa da cultura, continuamos a desejar.

O espectáculo «Marinette e as Outras», a estreiar brevemente numa «boite» de Lisboa, tenta, de algum modo, revitalizar o espírito desse lugar mítico, introduzindo-lhe alguns modelos que vêm directamente do teatro de revista à portuguesa.

A aposta que, assim, se propõe ao público da capital, resulta do entusiasmo e da dedicação de uma equipa constituída pelos seguintes elementos: Camacho Costa (actor que se desdobrá nas várias personagens que o

título sugere), Varela Silva (autor do texto que se pretende ligeiro, divertido e crítico), Hermenegildo Gomes e Jacinto Cardoso (responsáveis pelo som, elemento sempre fundamental em espectáculos deste género).

A estreia está marcada para a próxima quarta-feira, dia 5 à 1 hora da madrugada. O local: o «Stress», na Rua Camilo Castelo Branco (ali ao pé do Marquês de Pombal).

Entre a nostalgia do passado e a exuberância do presente, é o gosto do espectáculo que, assim, se propõe aos lisboetas mais dados à vida nocturna. «Marinette e as Outras» estará aí, com o seu som, a sua luz, a sua cor e a sua loucura, às segundas, quartas e sextas-feiras, sempre depois da 1 da madrugada.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Sul, a que se refere o processo n.º 1/4111, arquivo 688, para o estabelecimento na freguesia de S. Simão, concelho de Setúbal, de uma linha aérea a 30 kv, RA 30-2-1-5-1-2 Francisco A. Fernandes, com 129 m, do poste n.º 2 da linha RA 30-2-1-5-1 Produtos Pecuariários (Cabanas) ao PT de Francisco António Fernandes, Ld.ª, situada na Quinta da Salmoura, em Cabanas.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, EM 20 DE ABRIL DE 1982.

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Carlos Oudinot
Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Sul, a que se refere o processo n.º 1/4090, arquivo 688, para o estabelecimento na freguesia de Santa Cruz, concelho de Santiago do Cacém, de uma linha aérea a 30 kv, RA 30-71-9-1, DSSTB (Fonte da Telha, SC-48) com 484 m, do poste n.º 7 da linha RA 30-71-9 C. M. Santiago (St.ª Cruz-Parral) ao PT n.º S. C. 48-Fonte da Telha, ds DSSTB.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL EM 20 DE ABRIL DE 1982.

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Carlos Oudinot
Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Sul, a que se refere o processo n.º 1/3908, arquivo 688, para o estabelecimento na freguesia da Quinta do Anjo, concelho de Palmela, de uma linha aérea a 15 KV RA 15-24-6-2-4 Varga (PT 15-2-109) com 69 metros, do poste n.º 7 da linha RA 15-24-6-2 SOCAR (Vale de Craveiras) ao PT 15-2-109 Varga.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, EM 20 DE ABRIL DE 1982.

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Carlos Oudinot
Larcher Nunes

GARANTA O SEU FUTURO COM UM CURSO CCC POR CORRESPONDÊNCIA

GUIARRA CABELEIREIRO PUERICULTURA DORTE E CONFECÇÃO

Os Cursos CCC são óptimos para estudar em casa, com facilidade, rapidez e resultados garantidos. 2 MILHÕES DE ALUNOS em 93 países, 317 especialistas asseguram a assistência pedagógica.

40 anos de experiência fizeram de CCC a mais perfeita máquina de formação cultural e profissional.

ESTUDE VOCÊ TAMBÉM CONNOSCO!

Para receber rapidamente informações GRÁTIS e sem compromisso sobre o curso do seu interesse telefone-nos ou escreva, preencha e envie-nos este cupão

CCC PORTUGAL — EURORÁDIO TEL 54 35 63
Av. Manuel da Maia, 32 • 1096 LISBOA CODEX

Nome _____
Morada _____
Localidade _____

ESTÉTICA E BELEZA

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa** vende-se na **PAPELARIA FARRACHA**

canal da crítica

Mário Castrim

Maio: nunca lhes perdoarás

Ontem, dia seguinte ao primeiro de Maio, Maio com as feridas abertas, Maio com mais duas chagas no corpo magoado ao longo do tempo, oh Maio, quando serás tu apenas o mês das rosas e das bandeiras sem tristeza!

Seria, para qualquer crítico tecnocrata, ou tecnocrápula se quisessem, óptimo dia para uma crítica descuidosa. O futebol acabou com a emissão à meia-noite e meia hora, e antes do futebol houve a história de um Kennedy, não o primeiro que foi morto, nem o segundo que foi morto, ambos os crimes típicos do «gangsterismo» americano

tão poderoso que sempre fica impune, e engana-se quem pensa que na América do Norte acabou a lei do Oeste. Foi a história do Kennedy mais velho que morreu na guerra, em condições igualmente mal esclarecidas, a demonstrar como, por lá, o crime tem raízes fundas.

E antes do Kennedy foi mais um programa de tauromaquia, quinze, que alterna com outro tauromáquico também quinze. Espectáculo, como sabem, de grande significado na vida nacional, o qual, consta, será em breve desenvolvido numa entrevista com Lucas Pires.

O qual participou, antes de

ontem num «Aqui e Agora» dedicado à Gulbenkian, dando-nos mais algumas amostras fulgurantes do seu espírito deveras «propenso» (fique descansada D. Dolores Paciência, eu pago-lhe direitos de autor) e originalidades de inteligência «snob». Assim, ouvimo-lo dizer que antigamente «as transmissões do hóquei pela Rádio faziam parte do nosso ritual litúrgico» e que o hóquei é assim uma espécie de pauliteiros de Miranda sobre patins». Pró que saibam, em Portugal, quando «a cultura» fala, é assim.

A tal emissão de «Aqui e Agora» deu-nos uma panorâmica

deveras apressada da Fundação Gulbenkian, que merecia mais e melhor. Para os mestres que passam e logo esquecem, o tempo é ilimitado, para um homem como o dr. Azeredo Perdigão, cujo nome dificilmente se apagará, o tempo é por fatias apressadas, cortando todo o ritmo à exposição e à conviência.

Duas falhas notórias: uma ausência de tratamento adequado de uma das acções mais importantes da Gulbenkian: as bibliotecas itinerantes e às quais Azeredo Perdigão dedicou tanto interesse; a outra, a ausência de depoimento da sua Comissão de Trabalhadores, quanto mais não fosse como homenagem a todos aqueles que dão à Fundação Gulbenkian a sua real grandeza. Estou certo que ao próprio Azeredo Perdigão seria grata a presença de um representante da Comissão de Trabalhadores. A culpa, por inteiro, pertence aos responsáveis da rubrica que, no fundo, são incapazes de entender um corpo tão complexo como é o da Fundação Gulbenkian...

Voltemos ao domingo. **Telejornal** deu-nos relatos da guerra nas Malvinas, com o espírito de quem joga, no papel quadrado, uma «batalha naval» da nossa infância. Estes curas e estes barbeiros, à la moda de Quixote, não entendem como todo o mundo se pode encontrar à beira do abismo — e perdem tempo com ninharias.

Mas enfim, o Topo Gígio, acabou. Foi uma das emissões mais gudeas (procurem no dicionário, vale a pena...) jamais inventadas na TV. O final decorreu num ambiente mórbido — com o Topo Gígio a aconselhar todos os meninos a escreverem para a RTP a pedir o seu regresso! Aqui d'El-Rei, não terão ainda terminado as estranhas complicações?

«Passeio dos Alegres» dedicou a emissão de ontem aos problemas do coração. Aqui e ali confuso, mas inventivo e participado. Com realce para as interpretações de Nucha Mil Homens, D. Dolores Paciência (que rábula!) e para o Tio Policarpo, uma voz corajosa e digna, quando recordou não só os malfícios do sal e do doce, mas também os riscos de andar pela Avenida dos Aliados, no Porto.

Quanto aos aparelhos para medir a tensão, um a mim é que me fazia jeito. Vou abrir inscrição pública. Senão, qualquer dia dou o bal. RTP é mil vezes pior que o sal e o doce, o tabaco. E eu abuso da droga...

Reparem: no dia seguinte ao Primeiro de Maio, o Primeiro de Maio morreu na televisão! Os corpos dos trabalhadores assassinados no Porto ainda não arrefeceram — mas para a RTP é assunto encerrado! Não voltaram sequer a referir a posição do Presidente da República, e a sua visita aos feridos, num hospital do Porto, é mencionada, como que por acaso, lá para o fim do Telejornal! Todo o relevo fica para o processo judicial do Governo contra dirigentes da Inter-sindical.

Não, não vou rir. Dói muito ainda. Dói ver, como depois de Abril, Maio se veste de luto. Que infâmia é esta de uma Polícia, de um Governo, que tratam os trabalhadores como inimigos perigosos? Então é assim, atiram logo a matar? Ó gente insensata, que nova sementeira de ódio estais lançando à Terra?

TV repugnante de um Governo repugnante, és um cadáver adiado que ficou apodrecendo...



Manuel Rafael, Lda.
TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO
TV. DO FORNO. 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje



Livramento e Rendeiro, responsáveis pela equipa portuguesa de hóquei em patins, que esta noite defronta a Itália, a contar para o Campeonato do Mundo da modalidade, e que a RTP-1 transmite directamente de Barcelos

- 18.15 País, País
18.45 Tempo dos Mais Novos
19.15 «O Homem Montanhês» — 1.º episódio.
19.55 O Tempo
20.00 Telejornal
20.35 Rock e Clássico
21.05 Óscares de Hollywood — Los Angeles, Março de 1982.
23.00 Hóquei em Patins — Campeonato do Mundo (fase preliminar). Transmissão directa do jogo Portugal-Itália.
00.05 Último Jornal

2 RTP



Na RTP-2 exibe-se o 2.º episódio da série «Jogo de Damas»

- 18.15 País, País
18.45 Residência
19.10 Arquivos do Futuro
19.35 «Sítio do Picapau Amarelo»
20.00 Informação/2
20.30 «Jogo de Damas» — 2.º episódio. Interpretes: Fanny Ardant e Bruno Devoldere. Realizador: Nina Companeeer.
22.00 No Grande Mundo do Desporto

Amanhã

1 RTP

2 RTP

11.52: Fado Vadio; 12.25: «Ciranda de Pedra»; 13.00: 1.º Jornal; das 13.30 às 18.10: Ciclo Preparatório TV; 18.15: País, País; 18.45: Tempo dos Mais Novos; 19.15: Tempo de Desporto; 19.55: O Tempo; 20.00: Telejornal; 20.30: Noite de Cinema — «O Homem de Mármore» e Último Jornal.

18.15: País, País; 18.45: Agricultura, Projecto de Sobrevivência; 19.10: Musical Erudito; 19.35: «Sítio do Picapau Amarelo»; 20.00: Informação/2; 20.30: Desenhos Animados; 21.00: Programa Musical; 22.00: Documentário.

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

1 RTP

Hóquei em Patins — Portugal - Itália (23.00)

«Jogo de Damas» (20.30)

2 RTP

Alem de um programa à escolha oferece-lhe

1 RTP

21.05
Óscares de Hollywood

Los Angeles, Março de 1982. As 6 da tarde inicia-se o desfile de estrelas que antecede a distribuição dos Óscares referentes a 1981, este ano na sua 50.ª edição. Um dos pontos altos do espectáculo é a apresentação da canção «For Your Eyes Only», cantada por Sheena Easton e com uma evocação espectacular dos filmes de James Bond.

ASSISTENCIA TECNICA GRUNDIG

NACIONAL RADIO - Rua D. Jesus Carreira, 17 - 1700 Lisboa - Tel. 2112871

ADOQUE
TELEF. 87 44 78

A ÚLTIMA REVISTA
NO MARTIM MONIZ

HOJE 21.30



António Montez



Magda Cardoso



HENRIQUE VIANA, DELFINA CRUZ,
ANTÓNIO FEIO, CREMILDA GIL,
MARIA VIEIRA

«É DE VER PARA CRER!» NUM GRANDE ELENCO!



**FEDERAÇÃO NACIONAL
DOS SINDICATOS
DA FUNÇÃO PÚBLICA**



AO
MINISTRO DO TRABALHO
MINISTRO DA HABITAÇÃO, OBRAS PÚBLICAS
E TRANSPORTES
MINISTRO DA REFORMA ADMINISTRATIVA

PRÉ-AVISO DE GREVE:

Os Trabalhadores do Fundo de Fomento de Habitação tomaram conhecimento que o Conselho de Ministros de 20/4/82 aprovou a extinção do organismo em que trabalham.

Esta decisão, na esteira do que já vem sendo a prática deste Governo — a política do facto consumado —, contraria o preceituado na Constituição e na Lei quanto à participação das Organizações Representativas dos Trabalhadores na elaboração da legislação do trabalho.

Por outro lado, tal decisão do C.M., põe em causa os direitos dos Trabalhadores, designadamente o direito fundamental ao trabalho, e contraria compromissos assumidos pelo Governo em reunião com esta Federação, quanto à garantia da Segurança e Estabilidade de Emprego de todos os Trabalhadores actualmente ao serviço do FFH.

Ora, esta inaceitável medida mais não visa do que dar cumprimento ao famigerado «Pacote dos Excedentes» unanimemente repudiado pelos TFP's, mas que o Governo teimou em aprovar, no seu cego objectivo de despedir trabalhadores, sem fundamento.

Os trabalhadores do FFH, em reunião de 28/4/82, além do repúdio frontal da medida, decidiram realizar no próximo dia 4/5, um dia de Greve.

Assim, ao abrigo do art.º 2.º, n.º 1, da Lei n.º 65/77, de 26 de Agosto, e nos termos e para os efeitos do disposto no n.º 5 do mesmo diploma legal, vem esta Federação comunicar que os Trabalhadores do Fundo de Fomento de Habitação farão greve entre as zero horas e as 24 horas do próximo dia 4 de Maio de 1982, com os seguintes objectivos concretos:

1. Exigir do Governo a alteração da decisão tomada em 20/4/82.
2. Exigir do Governo o cumprimento dos compromissos assumidos:
 - Garantia dos postos de trabalho, necessariamente em causa ao limitar-se a intervenção do Estado no sector habitacional.
 - Participação das Organizações Representativas dos Trabalhadores na elaboração da legislação que lhes diz directamente respeito.

**PELO DIREITO À NEGOCIAÇÃO COLECTIVA!
PELO DIREITO AO TRABALHO E AO EMPREGO,
CONTRA O PACOTE LABORAL!**

**A FEDERAÇÃO NACIONAL DOS SINDICATOS
DA FUNÇÃO PÚBLICA**

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

- Int. men. 13 a.

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24
DE QUEM É A VIDA AFINAL?

SALA B

Às 14.45, 17, 19 e 21.30
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

HERBIE UM CAROCHA

DOS DIABOS

9.ª Semana

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30
e 23.30 - Int. men. 13 a.

GALLIPOLI

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Estreia às 15.30, 18.30 e 21.30

- Int. men. 18 a.

CARREIRA NA CAMA

c/ Angelika Wehbeck e Klaus Tinnert

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Não acons. a men. 18 anos

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

BLOW OUT

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

A BELA ADORMECIDA

- Para Todos

Falado em Português

8.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- Int. men. 13 a.

A RAPARIGA DO VESTIDO AZUL

Um filme de Alan Bridges

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

não acons. a men. 13 anos

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

MOSCOVO NÃO ACREDITA

EM LÁGRIMAS

às 24.00

O EXPRESSO AVALANCHE

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30

NO CETIM, JÁ EXPERIMENTOU?

às 24.00

A ROUBAR É QUE A GENTE

SE ENTENDE

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30

FIM-DE-SEMANA ESCALDANTE

às 24

PARAÍSO DE SURPRESAS

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30

- Int. men. 13 a.

O AMOR IMORTAL SHABAB

Um filme de Shabab

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.

A PELE

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

às 14.00 16.30 19.00 21.30

OS LUTADORES DA RUA

(não acons. men. 18 anos)

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

A SEDUÇÃO DE JOE TYNAN

c/ Alan Alda e Meryl Streep

2.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19, 21.30

- Int. men. 13 a.

A RAPARIGA DO VESTIDO AZUL

às 24 h

HELPE COM BEATLES

IMPERIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30

- Int. men. 13 a.

A TROCA

Um filme de Jordan Leondopoulos

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

A MULHER DO LADO

c/ Yves Montand, Gerard Depardieu

e Catherine Deneuve

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

às 21.30

Int. men. 13 anos

A INOCÊNCIA E O CRIME

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.

O SAMURAI NEGRO

2.ª semana

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30

- Int. men. 18 a.

O VINGADOR DA NOITE

c/ Charles Bronson e Jill Ireland

2.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

14.00 16.30 19.00 21.30

MOMENTOS DE GLÓRIA

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30

- Int. men. 18 a.

PERSEGUIÇÃO SELVAGEM

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

14 16.30 19 21.30

OS LUTADORES DA RUA

(não acons. men. 18 anos)

BYE BYE BRASIL com BETTY FARIA, JOSÉ WILKER e FABIO JR. em exibição no QUARTETO



QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30

- N. ac. men. 13 a.

BYE BYE BRASIL

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30

O ANJO DO ROCK

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30

- Int. men. 13 a.

A CALÚNIA

SALA 4

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24

PIXOTE, A LEI DO MAIS FRACO

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15, 17, 19 e 21.30

UNIVERSO EM FANTASIA

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

- Int. men. 13 a.

Às 14, 16.30 e 19 - Últimas

A GUERRA DOS GUSTERS

Estreia às 21m30 - N. ac. men. 18 a.

HANNIE CAULDER

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 13.45, 17.30 e 21.15

- N. ac. men. 13 a.

Vencedor de 3 "Oscars"

REDS

c/ Warren Beatty e Diane Keaton

5.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

- N. ac. men. 13 a.

A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS

19.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14, 16.15, 18.45 e 21.30

DE QUEM É A VIDA, AFINAL

Int. m. 13 anos

6.ª Semana

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 15, 17, 19 e 21.30

- Int. men. 13 a.

A DEFESA VESTE-SE DE NEGRO

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos

Junto ao n.º 68

Às 14.45, 17, 19.10, 21.30

N. ac. men. 13 anos

GAIOLA DAS MALUCAS II

24 h

007 - ORDEM PARA MATAR

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 18 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

UNS E... OS OUTROS

25.ª semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30

ARTUR, O ALEGRE CONQUISTADOR

c/ Dudley Moore e Liza Minnelli

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Int. men. 13 a.

A ALUNA E O PROFESSOR

Um filme de Richard Lang

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

14.15 16.30 18.45 21.30

Rui Veloso e diversos conjuntos

- N. ac. men. 13 a.

CHICO FININHO

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

PARAÍSO AZUL

6.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - "A Aluna e o Professor", às 21.30 e 23.30 (13 anos)

ALFA 2 - "Os Salteadores da Arca Perdida", às 21.30 (18 anos)

ALFA-3 - "Blow Out", às 21.30 (18 anos)

OLIVAIS - "Sábado, Domingo e Sexta", às 21.30 (13 anos)

RESTELO - "A Coragem de um Homem", às 21.30 (13 anos)

MUNDIAL - "Blow Out", às 21.30 (18 anos)

2000 - "Amor Infinito", às 21.30 (13 anos)

POLITEAMA - "O Campo Infernal das Mulheres Perdidas", às 21.30 (18 anos)

CITY CINE - "Chico Fininho", às 21.30 (13 anos)

ROYAL - "Pelotão Chanfrado", 21.30 (13 anos)

PROMOTORA - "O Filho Pródigo", 21.30 (13 anos)

OLIMPIA - "Tara é de tarar" Sessões permanentes (18 anos)

PÁTRIA - "O Grande Ataque", 21.30 (13 anos)

CAPITÓLIO - "A Casta Matulona", 21.00 e 23.00 (18 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL - Casino - "Um Amor Infinito", às 17.00 e 21.15 (13 anos)

ESTORIL - Palácio - "Polícias e Ladões", às 21.15 (18 anos)

CASCAIS - Oxford - "A Vida é Sempre Igual", 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - D. João V - "Adeus Macho", às 21.30 (13 anos)

AMADORA - Cine-Plaza - "Os Salteadores da Arca Perdida", às 21.30 (13 anos)

AMADORA - Lido - "Caçada Selvagem", às 21.30 (13 anos)

AMADORA - Cinestúdio - "Cavaleiros da Lenda", às 21.30 (18 anos)

CACÉM - Cine-Estúdio Flores - "Trinidade Vai à Guerra", às 21.30 (13 anos)

MOSCAVIDE - Stop - "Professora na Praia", às 21.30 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA - Incrível - "O Orão", às 21.15 (13 anos)

ALMADA - Academia - "Atlantic City", às 21.15 (13 anos)

ALMADA - Cine-Academia - "A Coragem de um Homem", 21.30 (13 anos)

Costa da Caparica - Sílone - "O Ar-rasa Quarteirão", 21.30 (18 anos)

SETÚBAL - Júpiter - "A Corroia Mais Louca do Mundo", às 21.15 (13 anos)

Porto

ESTÚDIO - "A chamada Esperança", 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-SALA A - "Porta de Saída", às 21.30 (18 anos)

LUMIÈRE-L - "Arthur, o Alegre Conquistador", às 21.30 (13 anos)

BATALHA - "O Terror do Far-West", 21.45 (13 anos)

RAJONE - "A Fronteira USA", 21.30 (13 anos)

PEDRO CEM - "Uns e... os Outros", às 21.30 (13 anos)

OLIMPIA - "Noites de Emanuelle Negra", 21.30 (18 anos)

TRINDADE - "Pixote, a lei do mais fraco", 21.30 (18 anos)

FOCO - "Tudo Boa Gente", 21.30 (13 anos)

JULIO DINIZ - "A Maldição de Cath", 21.30 (18 anos)

S. JOÃO - "Blow Out", 21.30 (13 anos)

TERÇO - "A Turma dos Repetentes", 21.30 (13 anos)

VALE FORMOSO - "A Estrada do Amor", às 21.30 (13 anos)

COLISEU - "Forte Apache", às 21.30 (13 anos)

AGUIA - "A Guerra dos Gangsters", às 21.30 (13 anos)

CHARLOT - "O Último Tubarão", às 21.30 (13 anos)

PASSOS MANUEL - "Reds", às 21.45 (13 anos)

BEBÉ - "A Amante do Tenente Francês", às 21.30 (13 anos)

RIVOLI - "Comandos Operação Leopardo", às 21.30 (13 anos)

Lisboa



PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUIZ SOBRINHO, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.º - 1000 LISBOA
Telefones: 654831/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porto: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229
Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5



O TEMPO	
MARES DE HOJE	
PREIA-MAR BAIXA-MAR	6.47 1,3 m
13.11 3,5 m 19.01 1,4 m	
Dia 4	
1.30 3,7 m 6.34 1,2 m	
14.00 3,7 m 18.46 1,2 m	
TEMPERATURAS DO AR	
AS 9 HORAS	
VIANA DO CASTELO	15°
BRAGANÇA	17°
VILA REAL	14°
PORTO	14°
P. DOURADAS	12°
COIMBRA	12°
C. CARVOEIRO	15°
PORTALEGRE	17°
LISBOA	15°
ÉVORA	15°
BEJA	18°
SAGRES	17°
FARO	20°
P. DELGADA	15°
FUNCHAL	18°

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO AS 9 HORAS

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado, o vento era fraco e havia neblina em algumas localidades.

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ AS 24 HORAS

O céu pouco nublado tornando-se muito nublado a partir do fim da tarde nas regiões do Norte; possibilidade de aguaceiros; vento fraco.

últimas

UMA ARMADORA DE AVEIRO conseguiu extorquir 41.500 contos ao comerciante do Porto, Eugénio Agostinho Branco Morais, ao convencê-lo a adiantar-lhe essa importância sobre uma alegada promissória que teria num banco daquela cidade. Só que ao pretender levantar o cheque, Agostinho Morais verificou que a promissória já estava «esgotada» pelo que não lhe restou outro recurso senão apresentar queixa na PJ.

O NAVIO ESCOLA «SAGRES» da Marinha de Guerra Portuguesa, que deveria hoje fazer-se ao mar com destino aos Estados Unidos, ficou retido na base do Alfeite, devido a uma avaria nas máquinas.

CARBONIZADAS NA BARRACA onde viviam com os pais (na altura ausentes), no lugar de Vilas, em Vila do Conde, morreram as duas irmãs, Célia Alexandra da Silva Rodrigues de dois anos, e Sara Morais da Silva Rodrigues, de três anos. Um fósforo riscado inadvertidamente teria estado na origem da tragédia.

DOIS PORTUGUESES NÃO IDENTIFICADOS estiveram envolvidos numa desordem, num bar de Leon, da qual resultou a morte a tiro do espanhol Blas Villalongo Morales, de 37 anos, e ferimentos graves no seu compatriota, Domingo Duriel Nunez. Os portugueses teriam conseguido posteriormente escapar, atravessando a fronteira na zona de Puebla de Sanabria, no distrito de Bragança.

O GOVERNO vai dar tolerância de ponto no dia 11 de Junho proporcionando uma «ponte» de quinta-feira a domingo, sube-se hoje de fonte oficial.

O feriado nacional de 10 de Junho calha este ano a uma quinta-feira, seguindo-se a tolerância de ponto na sexta-feira e o fim-de-semana.

DUAS BOMBAS explodiram hoje, com uma hora de diferença, em dois edifícios governamentais em Bilbao, danificando vidros e as paredes mas sem causar vítimas — revelou a Polícia espanhola. Os engenhos foram colocados no edifício da Bolsa e nuns escritórios.

CAMIÃO ESMAGA AUTOMÓVEL, na Póvoa de Varzim, provocando a morte imediata dos seus ocupantes, Joaquim da Silva, de 64 anos, e a sua mulher. As duas vítimas residiam no lugar do Além, no distrito de Guimarães.

1.º de Maio no Mundo

Confronto nos Estados Unidos e desfiles na Europa

Mais de 70 pessoas foram presas, sábado, nos **Estados Unidos**, no decorrer de manifestações por ocasião do Primeiro de Maio, celebrado por grupos socialistas e pró-comunistas.

Em Atlanta, 42 pessoas foram presas por «conduta desordenada» e recusa de obediência à polícia numa manifestação do Partido Comunista Revolucionário Americano.

Em Los Angeles, recontros violentos tiveram lugar entre membros do Partido Comunista Revolucionário e a Polícia Montana que procedeu a 36 prisões. Antes, cerca de 250 pessoas tinham-se manifestado, sem incidentes, respondendo a um apelo do Partido Progressista do Trabalho.

Em São Francisco, cerca de 300 pessoas desfilaram, sem incidentes, para protestar contra a política do Governo Reagan.

Em Washington, respondendo a um apelo do «All People's Congress», duas mil pessoas, segundo a Polícia, 12 mil, segundo os organizadores, reuniram-se em frente do Capitólio, para protestar contra a política interna e externa do Governo Reagan. O «All People's Congress» declara reunir mais de 800 organizações de trabalhadores, estudantes e grupos sociais.

Mais de um milhão de trabalhadores japoneses participaram nos comícios e manifestações do Primeiro de Maio efectuadas em todo o país — anunciaram fontes sindicais.

Os temas-chave das comemorações foram as exigências de desarmamento mundial completo e a abolição das armas nucleares.

Na **Alemanha Federal** os líderes sindicais atacaram a política governamental quanto ao desemprego, enquanto Helmut Schmidt era vaiado pelos participantes num comício em Hanover.

Heinz-Oskar Vetter, líder da central sindical DGB, afirmou

ser um escândalo a existência de quase dois milhões de desempregados na Alemanha Federal.

O presidente soviético Leonid Brejnev, acompanhado pelos membros do Politburo, assistiu, na **Praça Vermelha**, à parada comemorativa do dia 1.º de Maio.

Brejnev, que fazia a sua segunda aparição em público em dez dias, observou o desfile a partir do topo do mausoléu de Lenine.

Os temas fortes das comemorações, que decorreram sob vento frio e chuva ligeira, foram, o aumento da produção e a denúncia «da escalada armamentista dos Estados Unidos».

As pessoas de todos os continentes podem estar certas que a **Alemanha Democrática** será sempre aliada da paz, democracia e progresso social — disse um dirigente sindical nas cerimónias comemorativas do 1.º de Maio na RDA.

Em **Praga** cerca de 200 mil pessoas desfilaram em frente de uma tribuna onde se encontrava o chefe de Estado e líder do Partido Comunista Gustav Husak, arrostando com fortes chuvas e temperaturas frias.

O líder húngaro Janos Kadar saudou cerca de 250 mil participantes no desfile comemorativo do dia do trabalhador, apresentando uma nota de optimismo na sua intervenção.

Em **Madrid**, cerca de 250 mil pessoas participaram nos comícios promovidos pelas centrais sindicais comunista e socialista.

As palavras-chave foram contra o número cada vez maior de despedimentos, pelo emprego e contra o terrorismo.

Na **China** o Primeiro de Maio foi assinalado por um apelo das autoridades para que não sejam postos a ridículo os trabalhadores modelo do Partido Comunista.

Não se registaram desfiles

ou comícios e os habitantes de Pequim passaram o dia nas compras ou em passeios.

Durante cerca de três horas, várias centenas de milhares de pessoas participaram, sábado, numa gigantesca «marcha do povo combatente», organizada na praça da Revolução de **Havana** por ocasião do Primeiro de Maio.

Num discurso antes da abertura da marcha, Roberto Veiga, secretário-geral da Central dos Trabalhadores Cubanos (CTC) afirmou que a manifestação «era uma demonstração da decisão do povo cubano de enfrentar a agressão» norte-americana.

Milhares de trabalhadores, respondendo a um apelo da Confederação Geral do Trabalho, principal corpo sindical da **Grécia**, manifestaram-se sábado no centro de Atenas comemorando, simultaneamente, o dia Primeiro de Maio.

Os trabalhadores, enquanto desfilavam, pediam aumentos salariais, melhores condições de trabalho e liberdade para o seu movimento sindical.

Em Paris o Dia Mundial do Trabalhador foi comemorado pela primeira vez em 40 anos sob a égide de um Governo socialista.

José Eduardo dos Santos, presidente da **República Popular de Angola**, acusou, no seu discurso do 1.º de Maio, a África do Sul, de preparar uma nova operação de grande envergadura contra Angola, que levaria a uma guerra «não declarada». Acrescentou que Angola podia resistir se estivesse convenientemente preparada.

As comemorações do 1.º de Maio iniciaram-se na manhã de sábado em **Maputo** com um desfile de milhares de trabalhadores numa das principais avenidas da cidade.

Marcelino dos Santos, que na ausência de Samora Machel, na Tanzânia, ocupou o principal lugar na tribuna, disse numa curta intervenção que o seu país «é um bastião seguro do socialismo»

Na Escola António Arroio

Jovem assassinado com golpes na cabeça

No pátio, junto ao refeitório da Escola António Arroio, situada na Rua Coronel Ferreira do Amaral, em Lisboa, foi ontem à tarde encontrado morto, um indivíduo posteriormente identificado pelos seus familiares como sendo Manuel António Esteves, de 21 anos, solteiro, natural de Aldeia Viçosa, no distrito da Guarda.

De acordo com a Polícia Judiciária, Manuel António, cujo cadáver irá ser autopsiado no Instituto de Medicina Legal, teria sido

alvo de agressão, apresentando profundos golpes na cabeça.

Entretanto, um elemento do Conselho Directivo da Escola António Arroio referiu ao «DL» ser a vítima completamente estranha aos quadros daquele estabelecimento, estando a sua presença no interior das instalações justificada pelo facto de a vedação estar danificada há algum tempo e não existir guarda aos fins-de-semana, apesar dos constantes apelos ao MEU.

Reagan-Brejnev

Encontro em Outubro

O presidente norte-americano Ronald Reagan aceitará o convite do líder soviético, Leonid Brejnev, para uma «cimeira bem preparada» num terceiro país, em Outubro, afirma na sua edição de hoje o «Washington Post».

A notícia é dada citando «fontes informadas da administração». O convite foi discutido entre o embaixador soviético em Washington, Anatoly Dobrynin, devendo a cimeira realizar-se provavelmente na Áustria ou na Irlanda

— diz o jornal.

O convite de Brejnev foi feito em 17 de Abril e constituiu um contraproposta a Reagan, que pedira um encontro com o presidente soviético em Junho, em Nova Iorque.

Segundo as fontes citadas pelo jornal, Reagan está pronto a aceitar a oferta de Brejnev e deverá comunicar essa disposição aos seus aliados europeus durante a viagem que fará à Europa no próximo mês.

Liquidação de mobílias

por motivo de obras

DESCONTOS ATÉ 50%

MUITAS MOBÍLIAS SALAS JANTAR E QUARTOS MODERNOS E DE VÁRIOS ESTILOS, LOUCEIROS, ESTANTES, ROUPEIROS, PAPELEIRAS, CREDÊNCIAS, CAMAS DE LATÃO, JOGOS MAPLES, SOFÁS-CAMA, GRANDE QUANTIDADE DE CADEIRAS E QUADROS A ÓLEO «ARMAZENS MÓVEIS JORGE». AV. ALMIRANTE REIS, 35 (DEFRENTE DA IGREJA DOS ANJOS).

CONHEÇA BUCARESTE E...

BUCARESTE e os CARPATOS
A ROTA DO CONDE DRÁCULA
TRATAMENTO GERIÁTRICO

ROMENIA BULGARIA GRECIA
ROMENIA BULGARIA TURQUIA
ROMENIA HUNGRIA JUGOSLAVIA

ROMENIA HUNGRIA JUGOSLAVIA BULGARIA

Partidas semanais - 17 dias de viagem

PROGRAMA E RESERVAS:

MUNDIRAMA
VIAGENS E TURISMO LDA.
R. DO CRUCIFIXO, 33 1100 LISBOA
Telefs. 36 03 02 / 32 88 56

CONHEÇA CUBA E...

Partidas semanais de Junho a Outubro

3 PROGRAMAS DE VIAGEM

CUBA HISTÓRICA - 12 dias
CUBA A TODO O RITMO - 17 dias
CUBA E MANAGUA - 17 dias

PROGRAMA E RESERVAS

MUNDIRAMA
VIAGENS E TURISMO LDA.
R. DO CRUCIFIXO, 33 1100 LISBOA
Telefs. 36 03 02 / 32 88 56

HUNGRIA 8 dias de viagem

DATAS DE PARTIDA: Julho 10, 17 e 31 Agosto 14 e 19 Setembro 4

3 PROGRAMAS: BUDAPESTE e o LAGO BALATON
HUNGRIA CHECOSLOVÁQUIA
HUNGRIA ÁUSTRIA

PROGRAMA E RESERVAS

MUNDIRAMA
VIAGENS E TURISMO LDA.
R. DO CRUCIFIXO, 33 1100 LISBOA
Telefs. 36 03 02 / 32 88 56